

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CINEMA E AUDIOVISUAL

OTÁVIO HENRIQUE REIS LIMA

EXIBIDORES BRASILEIROS:

Breve histórico dos exibidores cinematográficos de Varginha (MG)

Niterói  
2017

OTÁVIO HENRIQUE REIS LIMA

## EXIBIDORES BRASILEIROS:

Breve histórico dos exibidores cinematográficos de Varginha (MG)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador:

Prof. Dr. Rafael De Luna Freire

Niterói


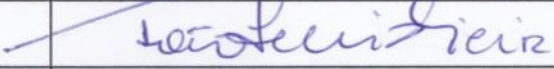

2017



Universidade  
Federal  
Fluminense

IACS - Instituto de Arte e Comunicação Social  
Departamento de Cinema e Vídeo

## PARECER DE PROJETO EXPERIMENTAL

<b>Aluno:</b>	Otávio Henrique Reis Lima		
<b>Curso:</b>	Cinema e Audiovisual	<b>Matrícula:</b>	112057005
<b>Título</b>			
Exibidores brasileiros: Breve histórico dos exibidores cinematográficos de Varginha (MG)			
<b>Banca Examinadora</b>			
<b>Prof. Orientador</b>	Rafael de Luna Freire		
	João Luiz Vieira		
	Natasha Hernandez Almeida Zapata		
<b>Data de Apresentação</b>	24 / 11 / 2017		
<b>Parecer</b>			
<p>A banca ressalta o rigor e dedicação à pesquisa demonstrado pelo texto, cujo tema tem importância pessoal para o autor e significa uma contribuição original aos estudos sobre a história da exibição cinematográfica.</p> <p>O amadurecimento expresso na monografia - desenvolvida ao longo do curso em diferentes disciplinas - reflete-se na qualidade final do texto.</p>			
<b>Nota Final</b>	10,00 (dez)		
<b>Assinaturas da Banca</b>			
<b>Prof. Orientador</b>	  		

## AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Rafael De Luna Freire pela orientação neste trabalho de conclusão de curso que me fez redescobrir a cidade natal.

Aos colegas do corpo docente e discente da Universidade Federal Fluminense.

A todos os que contribuíram para este projeto, concedendo entrevistas, abrindo as portas das suas casas e de seus arquivos. Em especial, agradeço: Mário e Paula Cincoetti, Simone e Fausto Geraldeli, Marcus Madeira, Cláudio Martins, Afonso Paione, Vinicius Pagin e Fernando Prince.

Ao povo Varginhense e aos trabalhadores do Museu Municipal de Varginha, do Arquivo Público de Varginha, do Blog do Madeira, da Fundação Cultural de Varginha e da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.

Aos amigos Guilherme Tristão, Lucas Reis, Guilherme Farkas, Ana Galizia, Max Rumjanek, Eduardo Brandão Pinto, Leonardo Mantovani, Jessica Hartmann, André ‘Machuca’ Rojas e Luiz Fernando Ulian.

Ao amigo trespontano Lucas Scalioni. Este filho do mesmo Sul de Minas veio parar também em terras fluminenses, me dando a chance de caminhar ao seu lado.

Ao amigo Fabrício Basílio, pela amizade e coleguismo. Nosso amor compartilhado pelo cinema de terror deu luz à Rã Vermelha, que me ensinou muito sobre cinema e trabalho.

Ao amigo Nicolae Arnizaut, pelos conselhos, companheirismo e humor implacável.

Aos amigos de longa data Felipe Corcetti, Frederico Maritan, Marco Mesquita e Sthefano Venga, por estarem até hoje tão presentes.

Ao amigo Arthur Waismann, pelas risadas e pelo ouvido amigo.

À minha família.

À Gabrielle Carvalho, pela paciência e compreensão durante esta fase da minha vida. Pelo carinho e pelo apoio que me dá.

Aos meus pais que não mediram esforços para que eu estivesse tão longe de casa.

## RESUMO

Este projeto tem como proposta traçar a história do circuito exibidor cinematográfico de Varginha (MG), a partir do ponto de vista da recepção cinematográfica. Serão destrinchados os aspectos técnicos, arquitetônicos, econômicos e culturais para um esclarecimento de como se deu o nascimento dos espaços destinados à projeção de filmes, suas origens na cidade objeto de estudo, o motivo do seu sucesso e/ou do encerramento das atividades, a atual situação destes espaços, como eles impactaram a comunidade e como se relacionam com o parque exibidor brasileiro, principalmente com outros pequenos exibidores.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

circuito exibidor cinematográfico; Varginha (MG); recepção cinematográfica

## ABSTRACT

This project has as its proposition tracing the history of Varginha's cinematographic exhibition circuit, doing so through the point of view of cinema reception. The technical, architecture, economics e cultural aspects will be unraveled to enlighten how the spaces destined to project films were born, why they succeeded or failed, their current status, how they made an impact on the community e how they relate to the rest of the exhibitors of Brazil, especially those how are small enterprises.

### **KEYWORDS:**

cinematographic exhibition circuit; Varginha (MG); cinema reception

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. A CIDADE .....	14
1.1. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO .....	14
1.2. ASPECTOS FÍSICOS .....	16
1.3. HISTÓRIA.....	18
2. CINEMAS .....	25
2.1. CINEMA BRASIL.....	26
2.2. OS CINE-THEATROS E O CINE REX.....	32
2.3. O CINE RIO BRANCO E O FIM DOS CINEMAS DE RUA .....	52
3. O MULTIPLEX.....	64
3.1. OFERTA DE PRODUTOS NA PROGRAMAÇÃO .....	65
3.2. A FREQUÊNCIA .....	67
3.3.A PRESENÇA .....	68
3.4. A DIGITALIZAÇÃO.....	69
CONCLUSÃO .....	72
BIBLIOGRAFIA .....	75
ANEXO I – FICHAS TÉCNICAS DOS CINEMAS .....	78
ANEXO II – FOTOGRAFIAS.....	82

**SUMÁRIO DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa do centro de Varginha no início do Século XX.....	23
Figura 2 – Cinema Brasil de Pedro Braga.....	29
Figura 3 – Orquestra do Cinema Brasil.....	32
Figura 4 – Programação do Íris Cinema no Arauto do Sul.....	34
Figura 5 – Íris Cinema e Íris Bar.....	35
Figura 6 – Interior do Íris Cinema (1917/1918).....	36
Figura 7 – Inauguração Cine-Theatro Capitólio.....	44
Figura 8 – Inauguração do cinema falado no Cine Capitólio.....	46
Figura 9 – Fachada do Cine Rex em 2017. Edificação em processo de demolição.....	50
Figura 10 – Avenida Rio Branco com o Cine Rio Branco à esquerda (anos 1950).....	53
Figura 11 – Programação dos cinemas Prince & Sousa na Tribuna Varginhense.....	55
Figura 12 – Fachada modernista do Cine Rio Branco. Foto de 2017.....	57
Figura 13 – O primeiro Cine Master.....	60
Figura 14 – Local aonde funcionavam os Cines Princesa e Master. Foto de 2017.....	61
Figura 15 – Cinemark Via Café.....	63

## SUMÁRIO – ANEXO I

Anexo II - Figura 1 – Família Pedro da Rocha Braga.....	82
Anexo II - Figura 2 – Músicos da Orquestra do Cinema Brasil .....	82
Anexo II - Figura 3 – Casa Navarra & Irmão.....	83
Anexo II - Figura 4 – Cine-Theatro Capitólio em 1927.....	83
Anexo II - Figura 5 – Trecho da Avenida São José com placa anunciando o filme do dia, <i>Cais das Sombras</i> (1938), no Cine-Theatro Capitólio. ....	84
Anexo II - Figura 6 – Bar Ponto Chic .....	84
Anexo II - Figura 7 – Orquestra do Cine-Theatro Capitólio. ....	85
Anexo II - Figura 8 – Teatro Capitólio em 2011. ....	85
Anexo II - Figura 9 – Empresa Prince de Souza e seus cinemas na <i>Tribuna Varginhense</i> .....	86
Anexo II - Figura 10 – Tombo da Igreja Matriz com pedido de verba para o Cine Paroquial. 86	
Anexo II - Figura 11 – Mezanino da plateia do Cine Rio Branco nos anos 1990. ....	87
Anexo II - Figura 12 – Mezanino da sala de espera do Cine Rio Branco nos anos 1990. ....	87
Anexo II - Figura 13 – Hall de entrada do Cine Rio Branco.....	88
Anexo II - Figura 14 – Interior da sala de exibição do Cine Rio Branco.....	88
Anexo II - Figura 15 – Cortina da tela do Cine Rio Branco.....	89
Anexo II - Figura 16 – Varanda da Sala de espera do Cine Rio Branco.....	89
Anexo II - Figura 17 - Programa impresso do Cine Rio Branco. Novembro de 1956.....	90
Anexo II - Figura 18 – Publicação comemorando a inauguração do Cine Rio Branco. ....	91
Anexo II - Figura 19 - Anúncio do Cine Rio Branco destacando o filme <i>Flash Gordon</i> . ....	91
Anexo II - Figura 20 – Cine Rex (à esquerda) e Igreja Matriz (no centro).....	92
Anexo II - Figura 21 - Sala do Cine Rex no final dos anos 1990 .....	92
Anexo II - Figura 22 – Sala do Cine Rex sendo demolida em 2017.....	93
Anexo II - Figura 23 - Local aonde funcionava o primeiro Cine Master.....	93
Anexo II - Figura 24 – Segundo Cine Master.....	94
Anexo II - Figura 25 – <i>Bomboniere</i> do segundo Cine Master.....	94
Anexo II - Figura 26 - Sala do Cine Princesa e do segundo Cine Master.....	94
Anexo II - Figura 27 – Inauguração do Cinemark em Varginha. ....	95



## INTRODUÇÃO

Tendo como marco inaugural o dia 7 de outubro de 1882, Varginha foi formada como muitos municípios sul-mineiros: penetração das bandeiras pelas matas e sertões em busca de ouro e riquezas, atividade demandante de postos de paradas ao longo das trilhas e estradas, estes desenvolvidos no processo até transformarem-se em vilas e mais tarde cidades. Hoje, com aproximadamente 133.384 habitantes, Varginha é a maior dentre as vizinhas fronteiriças Três Corações (78.474 habitantes), Três Pontas (56.879 habitantes), Elói Mendes (27.505 habitantes), Carmo da Cachoeira (12.326 habitantes) e Monsenhor Paulo (8.671 habitantes) <sup>1</sup>.

Produtora de cana-de-açúcar e café e com uma tímida população, de 1.885 habitantes em 1835 (MADEIRA, 2017), Varginha apresentava um lento crescimento. A partir de 1888, experimentou grande desenvolvimento com a chegada de imigrantes italianos (além de espanhóis, turcos e alemães). A cidade cresceu como produtora de café até que os reflexos da Crise de 1929 provocassem mudanças na sua economia, fazendo gradualmente o beneficiamento e exportação do café ultrapassar a produção do grão. Sucessivas adaptações em sua indústria cafeeira fizeram de Varginha, hoje, uma grande praça de comercialização e porto seco de café. O jornalista Marcos Madeira, inclusive, se refere à atividade econômica principal do município como a “segunda maior praça de comércio de café do mundo” (MADEIRA, 2017). A pesquisa não foi aprofundada de modo a confirmar esta informação apresentada, mas, de qualquer maneira, o texto do jornalista denota a importância da comercialização do café para a economia cidade, estando sua praça de café em segunda colocação entre as maiores do mundo ou não.

Esta pesquisa constitui um estudo pioneiro da cidade por abordar tema sem bibliografia específica na academia. A escolha deste objeto de estudo se fez também por um motivo pessoal. Por ter nascido e vivido até os 17 anos de idade em Varginha, tempo no qual frequentei as salas e discuti cinema com a população, este estudo, além de afetivo, passa a ter suas fontes de pesquisa mais acessíveis.

Quando criança, era de costume da família ir à vídeo locadora nas sextas-feiras no início da noite. Às vezes chegávamos atrasados, só no sábado de manhã, quando os grandes lançamentos já tinham sido alugados. Auxiliados pelo dono da locadora, ou por seu filho, levávamos para casa três ou quatro fitas V.H.S para passar o fim de semana. Nesta época, o

---

<sup>1</sup> Populações estimadas a partir do censo de 2010 para o ano de 2016 segundo o IBGE. Consulta disponível em: [www.cidades.ibge.gov.br/](http://www.cidades.ibge.gov.br/)

maior cinema da cidade tinha fechado e minhas lembranças deste palácio cinematográfico, apesar de escassas, são impactantes.

No início dos anos 2000, Varginha recebeu uma sala de cinema e a partir de então comecei a ser frequentador. Logo a fita VHS virou o disco DVD e junto com o avanço das mídias veio o da internet. Minhas visitas ao cinema ficaram cada vez mais raras. Mas algo sobre as lembranças quase oníricas daquele palácio do cinema sempre foram um incômodo para mim, como uma importante pendência a ser resolvida. Que potente experiência foi essa? Que cinema era aquele? E quanto aos outros? Quais são as histórias por trás de se assistir a um filme e o lugar físico em que isso é feito? Por que estes lugares físicos mudaram tanto, ou foram substituídos ou simplesmente deixaram de existir?

As discussões e estudos presentes neste texto abordarão, com ineditismo <sup>2</sup>, a história do circuito exibidor cinematográfico varginhense de 1904, data da inauguração do Theatro Municipal (mais tarde o Cinema Brasil), a 2015, data que marca a chegada do multiplex Cinemark no recém-inaugurado Via Garden Café Shopping, primeiro *shopping center* de Varginha. Interessante assinalar como o shopping se relaciona com os cinemas de outrora da cidade por se estabelecer como local de lazer definitivo e atrativo para a migração de pessoas residentes nas cidades vizinhas<sup>3</sup>.

A análise no decorrer deste trabalho propõe estabelecer uma relação entre a composição da cidade de Varginha – a configuração de sua urbanização, o amadurecimento de sua economia e costumes de sua população – e o advento e permanência dos estabelecimentos de exibição cinematográfica, registrando a história destes espaços e evidenciando como eles promovem mudanças na organização espacial da cidade e no desenvolvimento cultural e hábitos de sua população<sup>4</sup>.

O ponto de partida é a necessidade de pesquisas sobre a história do cinema seguindo o viés da arqueologia da mídia e com o conceito de estar o cinema inserido em um mercado e veiculado ao público a partir de um suporte físico e um aparato tecnológico.

Para tanto, modelo de estudo realizado se opõe ao modo tradicional de entender a história do cinema como uma progressão linear, utilizando classificações e categorias, tais

---

<sup>2</sup> O pesquisador e historiador José Roberto Sales, referência na pesquisa sobre a história do Município de Varginha, relatou, em conversa com o autor, a falta de material sobre os cinemas e a precariedade dos arquivos da cidade em se tratando deste tema. Sales acrescenta que em toda sua pesquisa só pôde encontrar o relatado em seu livro *Espírito Santo da Varginha (MG) 1763 – 1920*, resumido a quatro breves parágrafos que revelam a existência de três cinemas na primeira década dos anos 1900 (SALES, 2003, p. 335).

<sup>3</sup> Em entrevistas conduzidas entre 2014 e 2016, foi relatada a presença maciça de moradores de outras cidades nas sessões de cinema de Varginha, especialmente em filmes de grande sucesso nacional, como foi o caso da chegada de ônibus lotados provenientes de cidades vizinhas para as sessões de *Titanic* (1997).

<sup>4</sup> Neste trabalho tratarei somente das exibições audiovisuais públicas e pagas.

como texto, obra e autor. No desenvolvimento desta pesquisa o cinema foi tratado muito mais por seu viés mercadológico, tomando o filme como um produto a ser comercializado para o público utilizando um meio, as salas de exibição. A pesquisa foi realizada a partir do olhar sobre a recepção cinematográfica, de maneira a ensejar o entendimento da história do cinema partindo do modelo historiográfico da “arqueologia da mídia” (ELSAESSER, 2004).

A importância de tal abordagem foi indicada por Jean-Claude Bernardet no primeiro capítulo do livro *Historiografia Clássica do Cinema Brasileiro*, texto no qual ele coloca em xeque a pedra inaugural do cinema no Brasil, já que a data atribuída a este nascimento (19 de julho de 1898) partia da realização de um filme feito por um estrangeiro sem registro de ter sido exibido <sup>5</sup>.

O questionamento levantado por Bernardet é se a data deveria ser o momento da primeira exibição cinematográfica, e esta deveria ser pública e paga, mas a ideia da instauração de um “nascimento”, ao mesmo tempo em que serviria para legitimar o cinema nacional, limitaria o estudo da evolução do cinema no país, tomando mais uma vez a opção de ver a história de modo linear. Além do tipo de tratamento historiográfico, ainda há nesta escolha o posicionamento ideológico de não se pensar no filme como um produto a ser comercializado. Sobre estas escolhas, Bernardet (2008, p.21-25) diz o seguinte:

A insistência neste nascimento sugere a necessidade de um marco inaugural a partir do qual os fatos se desenrolam numa cronologia linear. Mesmo quando o termo nascimento não aparece expresso, é essa a estrutura da história clássica do cinema. [...] A escolha de uma filmagem como marco inaugural do cinema brasileiro, ao invés de uma projeção pública, não é ocasional: é uma profissão de fé ideológica. Com tal opção, os historiadores privilegiam a produção, em detrimento da exibição e do contato com o público.

Nestas indagações sobre o advento do cinema no Brasil temos o contraponto entre duas linhas de pensamento: o cinema a partir do estudo das obras e o cinema a partir do estudo da recepção e do aparato tecnológico.

Como postulado por André Bazin, com tantas mudanças em sua forma de exibição e meios para tanto – visto as mudanças na área da fotografia, sonorização, infraestrutura, entre outras – e, portanto, de recepção pelo público, e, além disso, a chegada de novas mídias, o cinema seria algo a ser inventado (BAZIN, 1967, p. 21). Sobre o tema e a partir do texto de Bazin, Thomas Elsaesser (2004, p. 99) diz:

---

<sup>5</sup> O estrangeiro em questão era Afonso Segreto. Bernardet se refere ao fato como um filme que “um italiano (radicado no Brasil), com equipamento e material sensível europeu, filma, em território francês (o pacote Brésil), um filme brasileiro” (BERNARDET, 2008, p. 20).

A provisória e variável natureza dos prazeres e atrações pré-cinematográficas [...] deixa evidente o quanto o cinema, mesmo após mais de cem anos, ainda está em fluxo permanente e se transformando. [...] dada a adaptação oportunista do cinema a todas as formas de mídia adjacente ou relacionada, ele sempre foi “adulto” e completo em si mesmo. Ao mesmo tempo, ele ainda seria inventado, se procurássemos por um único antecessor ou refletíssemos sobre seu propósito na “evolução” humana – como André Bazin, que nos deixou com a questão “o que é cinema” e ele mesmo especulou em sua “ontologia”, sabia muito bem.

Considerando estar o cinema em constante mudança, o estudo clássico da História do Cinema deixa a desejar quanto à resposta para a pergunta “o que é cinema”, visto que este tipo de abordagem não abrange satisfatoriamente as mudanças tecnológicas e seus novos meios de recepção e percepção do audiovisual. Essas dificuldades evidentes no estudo cronológico do cinema, sendo nele a história modelada como uma série de momentos estáveis – como diz Rick Altman ao defender sua ideia de “historiografia da crise” (ALTMAN, 1996) – e o cinema tratado primordialmente a partir da obra e de seu texto, o desenvolvimento da minha pesquisa se funda na história do cinema como arqueologia da mídia, forma de abordagem defendida por Thomas Elsaesser em seu artigo “*The New Film History as Media Archaeology*”. Os conceitos de Elsaesser sobre a Nova História do Cinema, a inserção do meio multimídia e os estudos sobre o primeiro cinema – e sua condição de “cinema de atrações” (GUNNING, 1990) – serão levados para o estudo da recepção cinematográfica em Varginha para explicar as mudanças paradigmáticas quanto ao modo de ver cinema.

Após a escolha de seguir o modelo de abordagem explanado, são importantes os trabalhos feitos no Brasil sobre a recepção. Pesquisas extensas sobre recepção e exibição cinematográfica já foram feitas tendo como objeto de estudo as maiores cidades do país, Rio de Janeiro (COSTA, 2011; FERRAZ, 2012) e São Paulo (SIMÕES, 1990). Até mesmo cidades menores tiveram seus circuitos de exibição estudados, como é o caso de Niterói (FREIRE, 2012b), Piracicaba (ALMEIDA, 2015) e São Carlos (VASCONCELLOS, 2011). Estes trabalhos e outros presentes na bibliografia desta monografia (além de indicarem questões a se abordar e métodos de pesquisa) estabelecem um parâmetro de comparação entre diferentes locais do país quanto ao advento das salas de exibição cinematográfica e como estes espaços contribuíram para mudanças espaciais das cidades e o comportamento de sua população.

Apesar das citadas pesquisas já feitas sobre salas de exibição no Brasil, necessário se faz o estudo de mais cidades menores no interior dos estados para que os cinemas do país sejam mapeados, fazendo com que – além de assegurarmos a perpetuação de sua memória e história a partir de um estudo acadêmico – entendamos os motivos para o surgimento destes

espaços, como eles mudaram seu entorno, fazendo a relação da população com o audiovisual mudar e, ainda, relacionar os casos específicos com a situação no Brasil, sendo possível entender os rumos da atividade no país.

Inicialmente dissertarei sobre a história de Varginha (mais precisamente sua evolução econômica e empreendedores notáveis) e sua configuração espacial. Após situar o estudo e o leitor, abordarei o primeiro local de atividades ligadas ao cinema: o Cinema Brasil é tido como o primeiro cinema de Varginha, localizado no prédio uma vez ocupado pelo Theatro Municipal, especulando-se ter sido também o primeiro do Sul de Minas. A partir dele seguirei para os próximos, até chegarmos à situação atual do parque exibidor da cidade, respeitando é claro o recorte temporal da pesquisa.

De 1908 a 2015, Varginha possuiu oito cinemas (Cinema Brasil, Cine Íris, Cine Capitólio, Cine Rex, Cine Rio Branco, Cine Princesa, Cine Master e Cinemark Via Café), somando um total de 12 salas de exibição. Serão destrinchados os aspectos técnicos, estéticos e econômicos no intuito de esclarecer como surgiram os espaços destinados à projeção de filmes na cidade objeto de estudo e quais mudanças o advento de tais locais causou na configuração urbana, na vida urbana e na relação da comunidade varginhense com o audiovisual.

Para tanto – alicerçado em entrevistas, pesquisa em arquivos e jornais da cidade, bem como, no aprofundamento da bibliografia – serão analisados: configuração espacial do cinema; história dos empreendedores que os fundaram; equipamentos de projeção; arquitetura interna e externa das salas; iluminação e climatização dos interiores; fachada dos cinemas; comportamento e formação do público; inserção dos cinemas no espaço urbano; importância do cinema para a cidade e para a região do sul de Minas Gerais e, principalmente, para a vida da comunidade; motivo do fechamento das salas; atual situação destes espaços e seu legado econômico e cultural.

## **1. A CIDADE**

Este capítulo criará para o leitor estranho à cidade estudada uma ideia de como era e é Varginha à época dos cinemas pesquisados. A resumida história do município, assim como o arranjo das construções do centro urbano e sua posição quanto ao resto da cidade, serão importantes para tentar formular respostas para algumas perguntas pertinentes ao estudo das salas de cinema.

Por que os cinemas foram construídos em determinado local e não em outro? Qual é a relação desta escolha com o deslocamento dos residentes de Varginha? E com os residentes de outros municípios? Por que foram inaugurados em determinado ano e o que impulsionou o empreendimento? Quem foram os empresários responsáveis pela implantação dos cinemas e como eles se relacionam com outros tipos de empreendimento na cidade e com o corpo dos “homens de negócio”? Todas estas são perguntas cujas respostas se beneficiam da análise dos dados apresentados neste capítulo.

No decorrer das próximas páginas será construída no imaginário do leitor uma ilustração do que é a cidade de Varginha. Para tanto serão expostos dados sobre a educação, economia, saúde, trabalho e população – retirados dos Censos Demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante denominado como IBGE), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, entre outros órgãos –, além de uma breve história de sua formação e os nomes por trás dela.

### **1.1. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO**

Como postulado na introdução a esta monografia, por apresentar mais de 100 mil habitantes, Varginha é classificada como uma cidade de médio porte. Seu crescimento foi alavancado pela indústria de beneficiamento do grão de café e mais recentemente pela implantação e expansão de centros universitários (crescimento da instituição de ensino superior Grupo Educacional Unis-MG e chegada dos campi da UNIFENAS, Universidade José do Rosário Vellano, em 1999; e da UNIFAL, Universidade Federal de Alfenas, em 2009).

Na hierarquia urbana, por abrigar indústrias e concentrar diversidade na prestação de serviços – como hospitais, centros comerciais e universidades – importantes não só para o município, mas também para os municípios vizinhos, a cidade ainda pode ser enquadrada como um centro regional de influência.

Quanto ao número de habitantes, o Município de Varginha, de acordo com o último Censo realizado pelo IBGE, em 2010, encontrava-se na posição 21 dentre os outros 853 municípios de Minas Gerais e na posição 210 dentre os outros 5570 do Brasil. Apresentando uma densidade demográfica de 311,29 habitantes por quilômetro quadrado, o que o coloca em 23º lugar dos municípios do mesmo estado e em 228º se comparado aos municípios brasileiros.

Segundo o mesmo levantamento, Varginha apresenta uma população majoritariamente composta por católicos apostólicos romanos, seguida por um crescente número de evangélicos e, por fim, expressivo número de espíritas (respectivamente, segundo a pesquisa do Censo 2010: 97.752, 17.423 e 2.392 habitantes).

O rendimento domiciliar *per capita* em 2010 tinha como salário médio mensal 2,3 salários mínimos, com a maior parte da população ganhando entre  $\frac{1}{2}$  e 2 salários mínimos. Quanto ao índice de desemprego, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 34,7%. Seu PIB *per capita* de R\$ 34.902,15 coloca a cidade em 52º lugar junto aos municípios do mesmo estado. O IBGE não traz uma conclusão aos dados apresentados, porém a disparidade entre eles serve mais para indicar a presença da desigualdade social do que para quantificar a riqueza da cidade.

A taxa de mortalidade infantil apresenta índices ruins se comparado à média dos municípios do país e do estado, mas bons para o índice da microrregião (8.05 para 1.000 nascidos vivos). A maior parte da população residente se encontra na faixa entre 15 e 59 anos de idade (68,27% da população).

As notas obtidas no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) no ano de 2013 colocam Varginha com o índice de educação alto se comparado aos municípios do estado e do Brasil<sup>6</sup>. O Índice de Desenvolvimento Humano de Varginha é de 0,778<sup>7</sup>, colocando a cidade à frente da média tanto dos municípios do estado de Minas Gerais, quanto dos municípios do restante do país.

A maioria dos domicílios apresenta esgotamento sanitário adequado e urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio), apesar da pouca arborização da cidade.

---

<sup>6</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2007 - 2013.

<sup>7</sup> Calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em 2010.

## 1.2. ASPECTOS FÍSICOS

Quanto à sua localização geográfica e dando continuidade à rede de influência dos centros urbanos, Varginha está localizada de modo quase equidistante a três capitais: a 316 quilômetros de São Paulo, a 320 quilômetros de Belo Horizonte e a 398 quilômetros do Rio de Janeiro. Apesar da pouca diferença na distância entre Varginha e as capitais São Paulo e Belo Horizonte (diferença de irrisórios quatro quilômetros), é a megalópole São Paulo que exerce maior influência sobre a cidade, apresentando o maior fluxo migratório.

O Município de Varginha “está situado na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais e na microrregião de Furnas” (SALES, 2007, p. 33), sendo limitado pelos municípios de Três Pontas, Carmo da Cachoeira, Três Corações, Elói Mendes e Monsenhor Paulo, possuindo uma área de unidade territorial de 395,39 quilômetros quadrados, apresentando um tamanho substancialmente menor do que a área dos municípios vizinhos (exceto Monsenhor Paulo) e densidade demográfica maior <sup>8</sup>.

Localizada a 917 metros de altura (centro do Município) no planalto sul-mineiro, a cidade apresenta um relevo suave composto por colinas – área na qual o “desnível, em geral, não ultrapassa os 100 metros” <sup>9</sup>, sendo esta a região menos acidentada, contando com a presença de vales e rios, e, portanto o local de construção da área urbana do município – e serras (região de maior desnível), constituída “por superfícies cujos níveis variam entre 500 e 1.000 metros” (SALES, 2007, p. 36).

Apesar da classificação atribuída pelo Serviço Geológico do Brasil que enquadra a topografia de Varginha com um relevo “suave”, a cidade apresenta poucas regiões de área plana, sendo estas localizadas nos altos topográficos – local escolhido para a expansão do centro da cidade e onde foram construídos os cinemas objetos deste estudo – e nos vales <sup>10</sup>. Em visita à cidade, é possível notar que a grande maioria das construções estão dispostas em áreas com declive.

As altitudes na área das Folhas Varginha e Itajubá (1:100.000) variam de 780m, no leito do Rio Verde a sudoeste da cidade de Varginha, até 2.350m, na Serra da Mantiqueira, entre os picos do Itaguaré e dos Marins. O clima é tropical de altitude, caracterizado por verões brandos e úmidos e invernos secos. Ao longo do ano a

---

<sup>8</sup> Área da unidade territorial e densidade demográfica dos municípios vizinhos segundo o Censo 2010: Três Pontas: 689,794 km<sup>2</sup>, 78,08 hab/km<sup>2</sup>; Carmo da Cachoeira: 506,333 km<sup>2</sup>, 28,38 hab/km<sup>2</sup>; Três Corações: 828,038 km<sup>2</sup>, 87,88 hab/km<sup>2</sup>; Elói Mendes: 499,537 km<sup>2</sup>, 50,49 hab/km<sup>2</sup>; Monsenhor Paulo: 216,54 km<sup>2</sup>, 37,69 hab/km<sup>2</sup>.

<sup>9</sup> TROUW et al, 2007, p. 3.

<sup>10</sup> Altitudes de Varginha podem ser consultadas no mapa topográfico da cidade pelo link <http://pt-br.topographic-map.com/places/Varginha-2787077/>. Acessado em 30 de Junho de 2017.



média da temperatura máxima varia em torno de 27°C e da mínima em torno de 15°C, podendo chegar a (*sic*) próximo de 0°C nas altitudes mais elevadas durante invernos mais rigorosos. (TROUW, 2007, p. 2)

O clima da cidade tem verões com médias mensais de 22°C (mínima) e 28°C (máxima). Os invernos têm médias de 16°C e 9°C. Nesta estação não são raras as temperaturas na margem de 0°C, sendo comum a ocorrência de geadas <sup>11</sup>.

O centro-sul do estado de Minas Gerais está no domínio do bioma da Mata Atlântica, área de grande biodiversidade que engloba um variado conjunto de ecossistemas florestais, dentre os quais está aquele denominado de Florestas Estacionais Semidecíduas<sup>12</sup>. A área do Município de Varginha encontra-se em uma região transicional entre os cerrados do centro do Brasil e as Florestas Estacionais Semidecíduas, caracterizando uma região com grande heterogeneidade ambiental.

A cobertura vegetal primitiva foi amplamente devastada para a implantação da cultura cafeeira e de lavouras cíclicas, principalmente as de cana-de-açúcar e de milho. “Todavia, a maior parte da área municipal hoje é recoberta por pastagens, notadamente as naturais” (SALES, 2007, p. 39). A presença da terra-roxa estruturada na composição do solo varginhense desempenhou um importante papel no estabelecimento de tais lavouras, principalmente às de café plantadas no final do século XIX. Foi a partir delas que se fez necessária a construção de uma linha férrea, impulsionando o crescimento da cidade.

Uma última consideração sobre a vegetação de Varginha relevante sobre sua história é a existência na região de uma floresta de várzea – vegetação encontrada em terrenos baixos e planos nas margens dos rios. Sales aponta em *Breve história de Varginha – MG 1763-1922*, que a origem do topônimo “Varginha” seria uma variação da palavra “várzea” (sinônimo de “vargem”) no diminutivo. Outra vegetação característica da região também deu origem ao nome que antecede “Varginha”, Catandubas ou Catandubas, cuja origem etimológica está ligada ao tupi e se traduz em “mato espinhoso e rasteiro”. Este nome surge (ambas as grafias, com “v” e com “b”) nos documentos mais antigos referentes à cidade.

---

<sup>11</sup> As variações de temperatura do Município de Varginha durante o ano podem ser consultadas pelo link: <https://pt.climate-data.org/location/25010/>. Acessado em 03 de Julho de 2017.

<sup>12</sup> Informações consultadas no site do Instituto Brasileiro de Florestas. Disponível em: <http://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica.html>. Acessado em 03 de Julho de 2017.

### 1.3. HISTÓRIA

As expedições exploratórias em busca de riquezas entre os séculos XVII e XVIII, denominadas por Entradas e Bandeiras, promovidas pela coroa portuguesa ou em empreitadas particulares foram responsáveis pela colonização do interior do Brasil e pela origem de um grande número de cidades. A busca do ouro fez alastrar pelo território que viria a ser o estado Minas Gerais várias destas expedições, resultando em novas estradas e pousos ou pousadas. Desses locais de repouso dos bandeirantes, “geralmente à margem fluvial, com boa água, bons pastos, favorável à lavoura de subsistência” (ARINOS, 1968, apud SALES, 2003, p. 89), se desenvolveriam a grande parte dos municípios sul-mineiros.

No décimo capítulo do livro *Espírito Santo da Varginha (MG): 1763 – 1920*, Sales escreve sobre o sesmeiro Francisco Xavier da Cruz e como a documentação encontrada durante a pesquisa – carta da coroa portuguesa de 1771 concedendo a Francisco Cruz uma sesmaria – aponta para ele como sendo o primeiro habitante de Varginha, no documento ainda chamada de Catandubas. Outra hipótese, esta levantada pelo pesquisador José do Patrocínio Lefort (LEFORT, 1950, apud SALES, 2003, p. 100), é a de que Joaquim Vitoriano de Andrade seria o primeiro morador das Catandubas com identificação documental. Esta hipótese se baseia na documentação do nascimento da filha de Joaquim Andrade, Francisca, em 1795. O documento cita a capela do Divino Espírito das Catandubas.

Ainda é levantada a discussão sobre o local referido como “Catandubas” ou “Catandubas” ser ou não o território de Varginha, já que muitas regiões levavam esta denominação. Para o estudo das salas de cinema, nomear o primeiro habitante ou morador é um mero registro da história e dos nomes de importância, caso estes surjam durante uma pesquisa futura como os impulsionadores dos empreendimentos estudados, sendo a assertividade desta informação pouco relevante. Sales afirma no parágrafo final deste capítulo:

De todo modo, qualquer que seja o nome daquele que venha a ser considerado como o “primeiro morador” de Varginha, convém lembrar que ele deve ser compreendido apenas como uma referência dentro de um processo histórico complexo e dinâmico, envolvendo um grupo de pessoas responsáveis pela fundação, ainda que não intencional, de um povoado. (SALES, 2003, p.100)

O estabelecimento do local aonde se desenvolveu o que é hoje a cidade de Varginha começou com a criação de um povoado – fruto das mencionadas instalações de bandeirantes e

tropeiros – por volta de 1763 <sup>13</sup>. As poucas edificações do local, incluindo uma igreja, estavam em terras particulares pertencentes ao casal Francisco Alves da Silva e D. Tereza Clara Rosa da Silva até o ano de 1806 (não se sabe como ou quando eles adquiriram a propriedade), data na qual as terras foram vendidas ao alferes Manoel Francisco de Oliveira, procurador dos “povos aplicados” (esta denominação será explicada mais à frente).

Na época destes acontecimentos, a união Igreja-Estado era forte, sendo garantida mais tarde por lei pela Constituição de 1824 – esta reconhecia a religião católica como a oficial e durante seu vigor somente os católicos poderiam exercer cargos públicos. O alferes a executar a compra das terras era o representante dos “povos aplicados” da região, significando ser ele o representante da comunidade católica do local, por sua vez sob a jurisdição da Igreja Católica. Portanto, a venda para Manoel de Oliveira foi o equivalente à venda direta para a Igreja, e dela foram propriedade até 1922, quando a Fábrica Geral dos Patrimônios da Diocese de Campanha efetuou a venda para a Câmara Municipal de Varginha.

A transação garantiu o terreno para os “povos aplicados” e, posteriormente, sua doação para o Bispado de Mariana, tornando possível a constituição do patrimônio distrital e a elevação do povoado à categoria de Curato em 1807 (a palavra “curato” designa uma aldeia ou freguesia com administração eclesiástica, sendo o “cura” o pároco da povoação). É criado então o Curato do Espírito Santo das Catandubas.

A mudança da capital federal, em 1763, de Salvador para o Rio de Janeiro, trazendo a capital para mais perto dos centros mineradores do estado de Minas Gerais; a chegada e instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro em 1808; e a independência do Brasil em 1822, favorecendo a “projeção dos proprietários sul-mineiros na política local e regional” (SALES, 2007, p.74), foram acontecimentos intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento do sul de Minas Gerais.

A Lei Provincial nº 471 de 1850 eleva o Curato do Espírito Santo da Varginha – o nome “Varginha” era provavelmente utilizado informalmente pela população da cidade e o apelido tomou tal proporção que foi usado para fazer referência à cidade em documento do ano de 1816 (LEFORT, 1950/1993, apud. SALES, 2007, p. 68) – à categoria de paróquia (também pode ser chamada de freguesia), uma área de jurisdição da Igreja que estava anexada ao município de Três Pontas (Nossa Senhora da Ajuda de Três Pontas).

Em 1881, a Lei Provincial nº 2785 cria o município do Espírito Santo da Varginha e eleva a freguesia à categoria de vila. Por esta mesma lei, o novo município foi desmembrado

---

<sup>13</sup> Data usada por Sales (2003, p. 198)

do de Três Pontas. Pouco tempo depois, em 1882, uma nova lei (Lei Provincial nº 2950) eleva a vila aos foros de cidade, sob jurisdição da Comarca de Três Pontas.

A proclamação da República em 1889 e a promulgação de uma nova constituição em 1891 – garantindo a laicidade do Estado, entre outras medidas – fazem mudanças na divisão e organização judiciária do país recém-republicano. Concordante às novas leis, Varginha passa a ser uma das 15 comarcas (com instalação em 1892) de Minas Gerais, tornando-se sede e distrito, e estando a ela jurisdicionados os distritos de Elói Mendes e de Carmo da Cachoeira (o primeiro emancipado em 1911 e o segundo em 1938).

Eventos importantes aconteceram na cidade no ano de 1892. Além de alcançado o status de município, cidade e comarca, assegurando maior autonomia e articulação político-econômica, Varginha ainda foi contemplada com uma estação ferroviária – parte da Estrada de Ferro Muzambinho e da Rede Sul-Mineira – fazendo o transporte até São Paulo e Rio de Janeiro. Sales (2003), em *Espírito Santo de Varginha (MG)*, retira de diversas fontes bibliográficas elogios à chegada da estrada de ferro. As opiniões sobre o acontecimento convergem em uníssono para uma mesma conclusão: a Estação de Varginha e a imigração italiana foram os catalisadores máximos do desenvolvimento da cidade. “Com a passagem da via férrea, desdobrou-se em franca prosperidade num comercio ativo e resolutivo” (RUBIÃO, 1919, apud. SALES, 2007).

A Estação de Varginha não teria sido construída, o ponto de passagem não estava no traçado feito pela Rede Sul-Mineira – empresa responsável pela implementação do traçado férreo –, se não fosse a ação dos chamados “capitalistas” de Varginha, homens que exerciam uma forte influência local e regional. “O termo ‘capitalista’ era utilizado na época para se referir àquelas pessoas que emprestavam dinheiro a juros” (SALES, 2003, p. 185).

A prática político-social denominada coronelismo era predominante no Brasil Imperial e na Primeira República, florescendo no meio rural e em cidades interioranas. De acordo com esta prática, tem-se no proprietário de terras a figura de poder de uma determinada região, na medida em que ele exerce o controle sobre os meios de produção e detém o poder econômico, político e social. Esta oligarquia agrária dominante no Brasil podia comprar da Guarda Nacional títulos militares (os mais comuns eram: Coronel, Major e Capitão), algo permitido, pois era de interesse do governo nacional a formação de verdadeiras milícias aliadas no interior do continental país, contendo, portanto, todo e qualquer grupo contrário ao governo.

Apesar de consagrada a éfígie do coronel proprietário de terras, não era incomum que comerciantes e profissionais autônomos do interior também fossem “coronéis” e entrassem neste esquema a mesclar poder econômico com poder político, fazendo do coronel uma

personificação do feudalismo. Até hoje este tipo de regime reina silenciosamente pelo Brasil e seus vestígios são claros. Na Varginha atual é possível ouvir munícipes idosos se referindo a algum proprietário de terras como “coronel”, sendo este o indivíduo portador ou não do título.

Sales (2003, p. 272) mostra a listagem de algumas das mais importantes fazendas da região e seus respectivos proprietários, publicada originalmente no *Álbum de Varginha* (FONSECA, LIBERAL, 1920). O autor chama atenção para as famílias dominantes – Bueno, Paiva, Reis, Rezende e Teixeira –, para o número irrisório de propriedades comandadas por mulheres e para o número esmagador de proprietários detentores de patente militar (das vinte e nove fazendas listadas, vinte proprietários são capitães ou coronéis).

A lista dos autores Fonseca e Liberal apresentada por Sales é incompleta, mas mesmo assim constam nela os mais importantes nomes da cidade, proprietários rurais que contribuíram de alguma forma para o avanço econômico e político do município. Dentre os nomes podemos encontrar três dos sete “capitalistas” citados pelo CODEPAC (Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha) no texto *Informe Histórico da Estação Ferroviária*, do dossiê *Estação Ferroviária* (1999), como os responsáveis pela negociação da Estação de Varginha.

Há duas versões para a história de como o projeto da estrada de ferro foi alterado para que a linha passasse por Varginha.

Uma das versões é a apresentada pelos descendentes de Matheus Tavares da Silva e compilada no livro de Sales (2003). Esta versão diz que o “rico proprietário de terra, casas, gado, cafezais e fazendas [...] era um homem com espírito de bandeirante, dinâmico, enérgico e, às vezes, castigava seus escravos. Talvez fosse um tanto rude e impulsivo, mas muito pragmático, parecia ter o perfil que hoje chamamos de homem de resultados” (SALES, 2003, p. 183). Este homem foi até a pensão a hospedar o engenheiro responsável pela obra da estrada de ferro. As construções estavam na altura da Estação da Jurití (hoje correspondente ao bairro Centenário). Matheus Tavares adentrou a pensão e interpelou o engenheiro com a proposta de mudar o traçado para passar por Varginha a estrada de ferro, dizendo que pagaria pela mudança do seu próprio bolso. No outro dia, o engenheiro comunicou à direção da Rede Sul-Mineira a conversa que tivera com o fazendeiro. Após três meses o engenheiro contactou Matheus Tavares, “mostrou-lhe os estudos, o projeto e o valor da obra:

- São cem contos de réis! – disse o engenheiro.

- O senhor quer o dinheiro hoje ou amanhã? [disse Matheus Tavares]”

(SALES, 2003, p. 184).

A outra versão, menos lúdica e mais plausível, relatada pelo CODEPAC, é a seguinte: os homens mais abonados da cidade (os “capitalistas”), buscando trazer prosperidade para a cidade e para seus negócios, se uniram para negociar a mudança do trajeto da ferrovia em construção, fazendo na cidade de Varginha mais um ponto de parada. No relato, Matheus Tavares da Silva teria custeado as obras para que a ferrovia tivesse seu curso alterado, fazendo um empréstimo de 70:000\$000,00 (isto é, setenta contos de réis) para a Estrada de Ferro Muzambinho. José Sales afirma que não foram encontrados os documentos (os recibos) da transação para comprovar um dos valores das duas versões (os 100:000\$000 do relato da família ou os 70:000\$000 do relato da CODEPAC).

Os homens responsáveis pela negociação e citados pelo CODEPAC são: Matheus Tavares da Silva, Domingos Teixeira de Carvalho, João Gonzaga Branquinho, Pedro de Alcântara da Rocha Braga, Dr. Antônio Pinto de Oliveira, Major Venâncio Franco de Carvalho e Gabriel Severo da Costa. Com exceção do Dr. Antônio Pinto de Oliveira e Gabriel Severo da Costa, todos portavam ou eram conhecidos como capitães, coronéis ou majores. É muito provável que todos fossem proprietários rurais, mas nos registros pesquisados não há menção direta de Pedro Braga, de Gabriel Severo da Costa e do Major Venâncio Franco de Carvalho como donos de terras ou lavradores, apesar de seus sobrenomes figurarem em meios aos conhecidos proprietários rurais – como José Severo da Costa (SALES, 2003, p. 272) e José Braga (FONSECA, LIBERAL, 1920, p. 30 - 32, apud. SALES, 2003, p. 126).

Muitos destes nomes que protagonizam os contos sobre a história de Varginha residiam no centro da cidade, nas imediações da Igreja Matriz. O mapa da figura 1 traz um esboço do mapa da cidade entre os anos 1875 e 1888, no qual constam desenhados os locais das casas das famílias de muitos destes protagonistas.

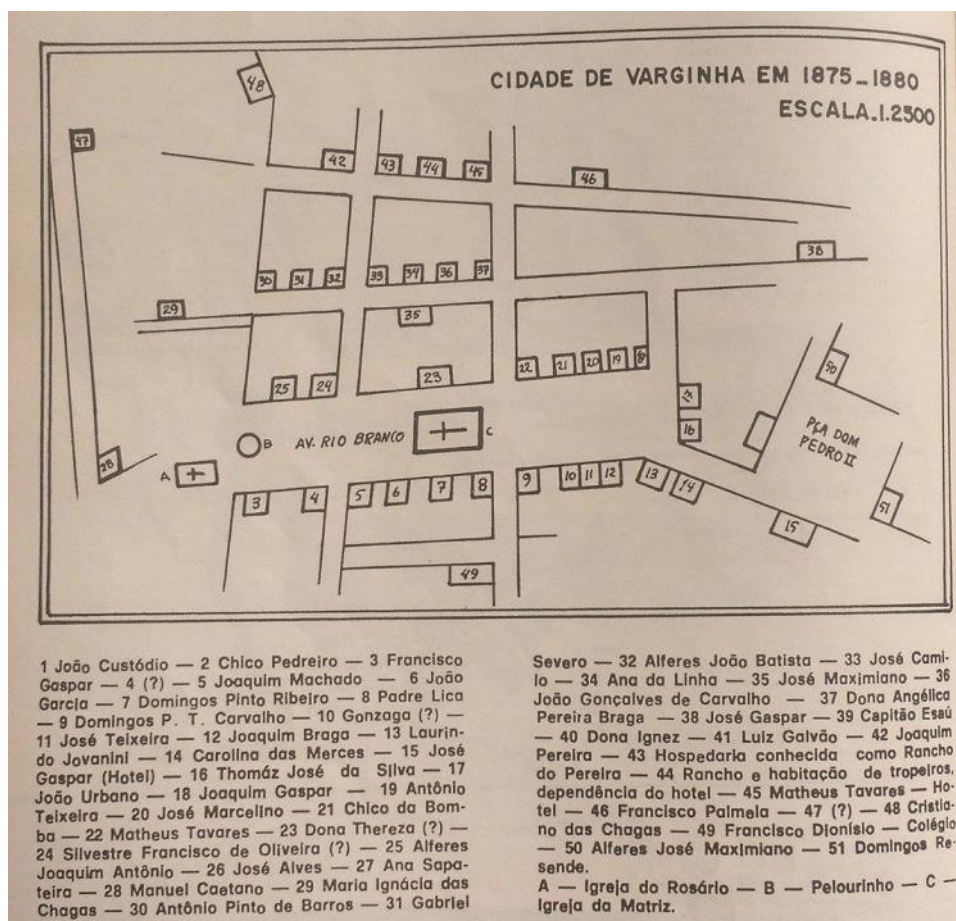


Figura 1 – Mapa do centro de Varginha no final do Século XIX.  
Fonte: Correio do Sul, 1982.

O português José Braga era o proprietário da fazenda vizinha aos Tachos<sup>14</sup> e deu origem à família Braga. Um de seus descendentes mais notáveis foi o farmacêutico Pedro de Alcântara da Rocha Braga, conhecido pela alcunha de capitão, um dos “capitalistas” de Varginha.

Em 1894, Pedro Braga era, segundo a *Revista do Arquivo Público Mineiro*, de 1899<sup>15</sup>, proprietário de uma das duas tipografias existentes na época. Fundou em 1892<sup>16</sup> com Dr. Antônio Pinto de Oliveira o primeiro jornal da cidade, intitulado *Gazeta de Varginha* (não confundir com o jornal homônimo existente até os dias de hoje).

Sobre o jornal, diz-nos Rubião: “Foi um jornal que fez sucesso. Folha de feição independente, nascida numa época de agitação política, prestou relevantes serviços

<sup>14</sup> A Fazenda dos Tachos era uma grande e importante fazenda às margens do Rio Verde, em um dos extremos do município de Varginha, e por onde corre o Ribeirão dos Tachos.

<sup>15</sup> Revista do Arquivo Público Mineiro. Direção e redação de José Pedro Xavier da Veiga. 1899. Ano IV. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais.

<sup>16</sup> Data segundo José Roberto Sales (2003).

ao Município condenando com uma linguagem severa os abusos e corrigindo os maus costumes”. (SALES, 2003, p. 296)

Ainda sobre o *Gazeta de Varginha*, Sales nos traz o interessante excerto de uma das publicações:

Entendemos sempre que para um pequeno jornal cabe melhor tratar das questões peculiares, em primeiro lugar, para depois ocupar-se com as gerais (...) É por isso que procuramos de preferência movimentar os nossos interesses peculiares, físicos, intelectuais e morais. Abastecer a nossa bela e aprazível cidade de água potável foi a primeira luta em que nos empenhamos. (GAZETA DE VARGINHA, ano 1, n. 48, p. 1, 31 dez, 1893, apud. SALES, 2003, p. 100)

O fragmento escolhido por Sales revela a intenção do jornal de Braga e Oliveira em focar-se nos acontecimentos locais, bem como os desejos dos redatores de fabricar o progresso da cidade, dando a entender que eles próprios são os agentes por trás destes avanços, sendo isto de fato verdadeiro. O Dr. Antônio Pinto Oliveira, alguns anos após a publicação da edição cujo texto citado foi retirado, tornar-se-ia o prefeito de Varginha, sendo o responsável por modernizar a cidade (durante sua administração foram feitos o calçamento das ruas e a iluminação pública por gás de acetileno).

Quem sabe foi seguindo o mesmo anseio pelo progresso e pela modernização do município impresso nas suas falas como redator e dono do periódico que o Capitão Pedro da Rocha Braga tenha decidido empenhar seus esforços em levar para a próspera cidade de Varginha e seu povo um cinema.



## 2. CINEMAS

O primeiro capítulo deste trabalho estendeu-se sobre a formação natural de Varginha, isto é, seu relevo e vegetação, bem como sobre a história de sua formação seguindo, primordialmente, os estudos de José Roberto Sales, que tratam do período compreendido entre 1763 e 1922. No intuito de encontrar o período de implantação do primeiro local de exibição cinematográfica da cidade e o que impulsionou este empreendimento, o subcapítulo 1.3 compilou brevemente a história de Varginha de 1763 (estipulado como o ano de sua fundação) até o início dos anos 1900.

Na passagem do século XIX para o século XX, Varginha experimentou um período de modernização. O município acabara de ser elevado à sede de Comarca (1892); a Igreja Matriz – mais importante centro de poder político da antiga freguesia e principal local de reunião do povo varginhense – é demolida para ser ampliada e renovada; o prefeito eleito em 1904, Dr. Antônio Pinto de Oliveira, começa a modernização urbana da cidade com a arborização e o calçamento das ruas, a substituição da iluminação pública de “petróleo”<sup>17</sup> para a de gás de acetileno e a construção do Theatro Municipal. O prefeito seguinte, Coronel Antônio Justiniano Resende Xavier, eleito em 1908, deu continuidade às obras de calçamento das ruas, viu a inauguração da nova Igreja Matriz (a terceira versão da igreja, que ficou em atividade até 1974, ano em que passou pela última demolição e renovação) e resolveu o problema de abastecimento de água.

As notícias – antes circuladas por “matraca”<sup>18</sup>, por cartazes (fixados na porta da igreja e/ou na câmara municipal) e oralmente nos cultos da paróquia – agora circulavam por um jornal impresso, estabelecendo a criação da imprensa varginhense. O jornal foi criado pelo mesmo homem responsável – alguns anos depois – pelo mandato que daria início às modernizações urbanas de Varginha e por seu sócio Pedro Braga.

---

<sup>17</sup> Termo utilizado por Fonseca e Liberal no trecho: “À administração do Dr. Pinto de Oliveira deve esta cidade seu verdadeiro renascimento, com o calçamento de ruas, arborização de suas praças, iluminação acetilene (*sic*), quando não possuíam ainda iluminação senão à petróleo as demais cidades da região, - e a construção do Theatro Municipal.” (FONSECA, LIBERAL, 1920 apud. SALES, 2003, p. 208). Os autores denominam o combustível de maneira genérica, se referindo a ele apenas como “petróleo”, quando deveria ser um derivado deste combustível fósseo, provavelmente a querosene. Outra hipótese (mais plausível) é que os autores chamavam os combustíveis oleosos genericamente de “petróleo”, mesmo que estes fossem de origem animal ou vegetal. Antes da implantação de lâmpadas a gás, o combustível mais comumente utilizado para a iluminação pública no Brasil era o óleo de baleia ou de mamona.

<sup>18</sup> “A matraca é uma ‘peça de madeira com uma plaqueta ou argola que se agita barulhentosamente em torno de um eixo’ (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001, p. 1869). Ela é utilizada ainda hoje em Varginha por alguns vendedores e ambulantes, principalmente de doces e picolés.” (SALES, 2007, p. 99). Obviamente as notícias não circulavam pela matraca, mas pela pessoa que a girava para chamar a atenção da população e então anunciava oralmente as notícias.

## 2.1. CINEMA BRASIL

Acompanhando o progresso mundial da era da Segunda Revolução Industrial, o período da mudança de século no Brasil foi marcado por sensíveis transformações. Alterações em sua estrutura política e econômica – fim do Império, proclamação da República, abolição da escravatura e a nova Constituição de 1891 – resultaram em um novo arranjo nas relações de trabalho e na estrutura administrativa do país. Alterações que se deram também nos estados, como a mudança da capital da Província de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte.

A dinamização tomada pela economia internacional entre as décadas de 1870 e 1910 aumentou tanto o fluxo de capitais investidos na América Latina como as relações comerciais entre o “centro” e a “periferia” da economia mundial. Como reflexo, os países latino-americanos puderam desenvolver-se economicamente [...] A expressão da motivação estrangeira pelo mercado latino-americano foi patente na transição de século XIX para o século XX [...], o que possibilitou a modernização da infraestrutura urbana. Por meio do processo de modernização, somado ao fluxo de imigrações provenientes da Europa para a América e ao início da urbanização das economias primário-exportadoras, nasceu a possibilidade para o crescimento das cidades. (SAES, 2010, p. 49 - 50)

Todo este desenvolvimento da cidade impulsionado pela independência política de Varginha, pelo recente dinamismo nos transportes inaugurado pela locomotiva, pela chegada dos imigrantes italianos e pelo desejo dos seus “homens de resultado” de verem seus negócios e sua cidade prosperar acabou por levar ao povo varginhense a modernidade do cinema. Pelos eventos propulsores do desenvolvimento da cidade terem ocorrido em um curto período de tempo, Sales (2007, p.104) classifica o período de 32 anos entre 1881 a 1913 de “*A Belle Époque varginhense*”.

Na fase de expansão do capitalismo brasileiro, na transição do século XIX para o século XX, o mundo passava pela Segunda Revolução Industrial, e o Brasil recebeu muitos investimentos estrangeiros. As transformações técnicas resultantes dessa Revolução fizeram com que se formasse no país uma classe de pessoas que almejavam a modernização e urbanização das cidades, com a implantação de serviços de infraestrutura, como as ferrovias, os portos e serviços urbanos (transporte, energia, telefonia). O Brasil desejava, e necessitava de um processo de evolução econômico e social. (FERREIRA, 2015)

Não é de se estranhar que o primeiro cinema de Varginha tenha sido fruto de um investimento partido do Capitão Pedro Braga. O homem fazia parte do pequeno e seletivo grupo de burocratas e negociantes da cidade, vinha de uma família abastada e possuía capital para se aventurar. O capitão foi pioneiro na criação da imprensa local, demonstrando seu desejo em poder comunicar-se com a população e expressar suas ideias. Aliado a isto, há o forte laço

entre ele e o futuro prefeito Pinto de Oliveira, explicitado pela associação na criação da *Gazeta de Varginha*.

Torna claro o desejo de Pedro Braga e sua relação com Pinto de Oliveira o discurso do prefeito Dr. Luiz Texeira da Fonseca publicado no jornal *O Capitólio*, em 1928, devido ao seu falecimento.

Espírito esclarecido, amante do progresso, [Pedro Braga] aliou-se ao saudoso e benemérito Dr. Pinto de Oliveira para erguerem a bandeira em pró do desenvolvimento intelectual e material desta rica cidade – fundou a GAZETA DE VARGINHA, o primeiro jornal varginhense, combatente fervoroso e sustentáculo das boas ideias [...] Foi presidente do Conselho Municipal, tendo calçado a primeira rua de Varginha e iluminado a cidade a querosene [...] Foi um progressista na extensão da palavra, fundou varias agremiações [...], grande cultor do civismo, promovendo grandes manifestações por ocasião das principais datas nacionais.

As matérias dos jornais deixam a impressão de que Pedro Braga foi um rico e influente homem com aptidão a expandir os meios de comunicação, evoluindo a cidade, e uma paixão pelas artes e pelo entretenimento. Este perfil justificaria sua aventura pela exibição cinematográfica.

Na mesma edição em que foi impresso o discurso parcialmente transcrito acima, os redatores do *O Capitólio* soltaram uma nota sobre o falecimento do capitão. Pela matéria é possível perceber a importância de Pedro Braga e sua relação com a família Navarra – comerciantes de Varginha – e com o cinema.

[Pedro Braga] Morreu deixando saudades em todos os Varginhenses, que o estimavam deveras e lhe tinham gratidão, pois o falecido foi que fundou em Varginha o primeiro colégio, o primeiro cinema, e o primeiro jornal que aqui circulou foi fundado por ele. Ao saber do seu passamento a Empresa Navarra num gesto muito seu, suspendeu a sessão cinematográfica.

O registro mais antigo encontrado sobre o Cinema Brasil – primeiro cinema de Varginha – no decorrer da pesquisa para este trabalho foi a cópia de uma fotografia datada de 1914 (há no cabeçalho a data 1908, escrita à caneta), mostrando a imagem de um casarão com pessoas na calçada e nas janelas, além de uma placa com os dizeres pouco legíveis: “Cinema B [ilegível] HOJE HOJE [ilegível] REVESES DA SORTE”<sup>19</sup>.

A fotografia está acompanhada pelo seguinte texto:

Primeiro cinema de Varginha, e talvez do Sul de Minas, instalado pelo Cap. Pedro Rocha Braga [presente na foto], por volta da primeira década do século. Fotografia tirada por ocasião da visita do Exmo. Sr. Barão Homem de Melo a essa cidade. Quando dos primeiros tempos do Cinema Brasil, ainda não havia usina elétrica em

<sup>19</sup> A busca pelo título do filme nos índices disponíveis virtualmente para consulta não encontrou resultado.

Varginha. A energia para o funcionamento da máquina era gerada por motor a querosene, extremamente primitivo. É curioso recordar que o espírito empreendedor de Pedro Rocha Braga, o conhecido PEPEDEURO, fez com que esse motor ‘excursionasse’ instalado num carro de boi, a fim de levar cinema a algumas cidades próximas. Infelizmente não foi possível fazer um levantamento dessas localidades, por já não mais existirem contemporâneos dos fatos.

O texto digitado, bem como a data 1908 escrita à mão no topo da folha, são informações escritas pelo pesquisador, colecionador e historiador Antônio Vidal de Carvalho, o Nico Vidal, conhecido como “o homem que carregava a história”<sup>20</sup>. Segundo o diretor do Museu Municipal de Varginha, Lindon Lopes, e a arquivista Eliana Costa, do Arquivo Público Municipal de Varginha, o Sr. Vidal era um grande apaixonado pela história de Varginha e em seu acervo pessoal estavam alguns dos mais impressionantes registros da cidade, incluindo uma grande coleção de fotografias, nas quais o colecionador escrevia no verso a história por trás do registro. Quando Vidal faleceu, em 2011, o acervo foi herdado pela família, sendo mantido fora dos olhos da comunidade – fazendo com que o material do historiador perdesse seu propósito de salvaguarda da memória do município – enquanto negociavam sua venda para quem fizesse a melhor oferta.

A negociação foi encerrada somente em 2017, quando a coleção foi finalmente doada à Fundação Cultural de Varginha, que montou em maio de 2017 a *Sala Nico Vidal* no Museu Municipal de Varginha. Nela há uma grande exposição de fotos guardadas por Vidal e acompanhadas por legendas com fontes ou retiradas dos escritos nos versos das fotografias originais, ou compiladas de outras fontes pela curadoria da exposição.

As escritas de Vidal na única foto preservada do Cinema Brasil (figura 2) revelam o empreendedor por trás do cinema, os aparatos utilizados e o caráter itinerante das exposições.

---

<sup>20</sup> Retirado da matéria *Vereadores participam da inauguração da sala Nico Vidal, no Museu de Varginha*. Disponível em: <http://www.camaraarginha.mg.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/476-vereadores-participam-da-inauguracao-da-sala-nico-vidal-no-museu-de-varginha>. Acessado em 14 de agosto de 2017.



Figura 2 – Cinema Brasil de Pedro Braga.  
Fonte: Reprodução arquivo Marcus Madeira.

Além da foto, outra informação foi encontrada no livro *Varginha: Sua história, sua gente – Monografia Histórica*, publicado pela Câmara Municipal de Varginha (1992). Após escrever que “o Varginhense sempre gostou de cinema”; citar o Cinema Brasil como o primeiro de seu tipo na cidade, tendo como “programador cinematográfico o conhecido e respeitado farmacêutico Pedro da Rocha Braga”, e dizer que os filmes preferidos eram os do ator e comediante Tom Mix contracenando com a atriz Francesca Bertini, o artigo adiciona o seguinte:

Na época o cinema era mudo, e o motor que gerava o aparelho cinematográfico era o óleo diesel, e fazia tanto fumaça na sala de projeção que entre uma parte e outra do filme era preciso fazer um intervalo e jogar água na tela, para que a projeção ou a luminosidade melhorasse.

É de se especular que o texto transcrito faça referência aos cinemas da época de um modo geral, já que este era um conhecido meio tecnológico disponível na época para exibições cinematográficas (projektor com motor a óleo diesel e tela provavelmente improvisada com algum pano branco). A prática de pausar as exibições para resfriar a tela (bem como para causar a transparência, caso o projetor fosse posicionado atrás da tela) também é mencionada em relatos sobre cinemas da década de 1910.

No livro *Cinematographo em Nitheroy: história das salas de cinema de Niterói*, Rafael Freire sintetiza como muitos cinemas eram até 1920.

Na verdade, até 1920, aproximadamente, o uso improvisado de salões comuns para a exibição de filmes ainda provocaria críticas de cronistas cariocas, pois montar um cinema consistia simplesmente em “armar uma cabine mais ou menos incombustível, pregar defronte uma tela e fazer um tablado inclinado com o maior número possível de cadeiras, bem incômodas, bem agarradinhas” (*Cinema para Todos...*, 17 de jul.1920, s.p.), (FREIRE, 2012, p. 40)

Nada mais estritamente sobre o Cinema Brasil foi encontrado durante a pesquisa, mas alguns dos escritos sobre Pedro Braga fazem referência ao cinema e podem servir de auxílio para construir a história do estabelecimento. Como a publicação de 1928 do jornal *Arauto do Sul*<sup>21</sup>, escrita em virtude do óbito do empresário, fazendo referência ao seu “espírito alegre” e sua relação com o entretenimento.

Amante do Theatro, [Pedro Braga] arranjava sempre um grupo de amadores. A arte o fascinava. Levava a cena comédias e burletas. Tinha um trabalho dos diabos. [...] Não havia festa em que ele não estivesse presente. Musico, organizava serenatas. Carnavalesco [...] Concorreu para a fundação da Santa Casa e montou em Varginha o primeiro cinema. Teve ali um Parque de Diversões. Ao final das suas empresas, que o teriam enriquecido algumas vezes, saía carregado de compromissos e desenganos, alguns deles bem amargos. Aos poucos foi perdendo a primitiva e irrequieta alegria.

Por este trecho percebe-se em Pedro Braga a figura de um intelectual aficionado pelas artes e um agitador cultural. Não é possível deduzir ao certo se a frase “teve ali um Parque de Diversões” é uma referência ao cinema, como se o estabelecimento de exibições cinematográficas fosse algo como um parque de diversões para a época. No entanto, vale a pena lembrar que na época de funcionamento do Cinema Brasil, o cinema ainda passava pelo processo de “narrativização”, Hollywood ainda não tinha se formado e as salas específicas para a exibição cinematográfica só se consolidariam – em termos de estética, tecnologia,

---

<sup>21</sup> *Arauto do Sul*. Varginha. n. 388, 15 de nov. 1928.

prática comercial e programação dos filmes – nos Estados Unidos da América em 1913 (chegada dos “*Movie Theaters*”).

Os primeiros filmes surgidos em decorrência da “narrativização” que fizeram sucesso junto ao público eram àqueles de comédia, sobretudo do subgênero *slapstick* (pastelão) e/ou de perseguição. Começava a se formar também uma espécie de *star system* primitivo. Os grandes comediantes do teatro de variedades fizeram a transição para o cinema, como Buster Keaton e Charlie Chaplin, agradando multidões. Mas este tipo de filme só viria mais tarde, em meados dos anos 1910, depois do Cinema Brasil de Varginha.

Portanto, o Cinema Brasil ainda seria aquele de atração, como bem discorre Tom Gunning (1986). Os filmes ainda eram os classificados como pertencentes ao “primeiro cinema”, grupo de filmes nos quais a montagem não existia como ferramenta narrativa (a não ser na criação de efeitos especiais, como por exemplo, nos filmes de Georges Méliès). Este tipo de cinema atraía o público pela novidade. A tecnologia da captura de imagens, corpos, em movimento e a projeção fascinavam, causando curiosidade nos espectadores.

Este cinema dos primórdios muito tem a ver com o tipo de atração de um parque de diversões, com atividades de perigo simulado e com maravilhas da tecnologia criadas para a excitação do público. No momento da primeira exibição dos irmãos Lumière (*L'arrivée d'un train à La Ciotat*, 1896), o que era a escura sala de cinema, cuja projeção da luz, ruído do projetor e a imagem imponente da locomotiva infringiam medo e curiosidade nos perplexos espectadores, senão uma maravilha tecnológica servindo de entretenimento para um público, assim como montanha-russa o faria?

O cinema surgia na esteira de outros entretenimentos que causavam fortes emoções, como as montanhas-russas dos parques de diversões, mas sempre dotados da segurança garantida pela moderna tecnologia industrial. O público era atraído pela “ameaça controlada de perigo” (como a do trem que, na tela cinematográfica, corre na direção do espectador), recusando obviamente o risco real associado a instalações precárias e inseguras. (FREIRE, 2012, p. 44)

O estabelecimento do Cinema Brasil, portanto, poderia muito bem ter sido classificado como um parque de diversões. Devido ao espírito de amante e entusiasta das artes e da função de agitador cultural de Pedro Braga, é provável que funcionassem no mesmo espaço do cinema outros tipos de manifestação cultural e entretenimento, como as peças de teatro que ele mesmo montava e custeava.

Outra foto (figura 3), também do arquivo de Nico Vidal, mostra um grupo de seis músicos. Atrás desta foto estão escritos à mão os nomes dos músicos (todos de sobrenome

“Fonseca”, exceto um deles que após o nome lê-se “adotivo” entre parênteses) e os dizeres “Orquestra do Cinema Brasil 1911 – 1912”.



Figura 3 – Orquestra do Cinema Brasil.

Fonte: Acervo Nico Vidal.

Não foram encontrados dados durante a pesquisa que esclareçam as datas de inauguração do Cinema Brasil ou até quando ele permaneceu ativo. O trecho retirado do jornal *Arauto do Sul* transcrito anteriormente diz que Pedro Braga sofrera “desenganos” com suas empresas e por isso ficou desestimulado a praticar as atividades que outrora lhe faziam feliz. Esta passagem pode indicar que o cinema tenha sido vítima de uma falência, ocasionada pela falta de público ou por alguma má sociedade feita por Pedro Braga.

## 2.2. OS CINE-THEATROS E O CINE REX

A era de desenvolvimento vista por Varginha na primeira década dos anos 1900 não parou no Cinema Brasil de Pedro Braga. Ainda durante a administração de seu colega Dr. Antônio Pinto de Oliveira, foi inaugurado, em 1904, o Theatro Municipal, localizado na



esquina da Rua Direita (atual Rua Presidente Antônio Carlos) com a Rua de São Pedro (atual Rua Wenceslau Bras), ponto de intenso movimento da cidade.

Edificado no ponto mais central do povoado varginhense, este edifício, embora não possua as linhas rigorosas da arquitetura teatral, tem prestado relevantes serviços a esta cidade como centro de diversões e de reunião das principais famílias da urbs. (RUBIÃO, 1919, apud, SALES, 2003, p. 336)

Foi neste mesmo Theatro que, em 1914, inaugurou-se a iluminação elétrica na cidade. Segundo Rubião (ibid), estiveram presentes na cerimonia de inauguração o então vice-presidente da república Wenceslau Bras e o presidente eleito do estado (este cargo corresponde atualmente ao de governador do estado) Delfim Moreira. Ainda de acordo com o memorialista Rubião, foram nesta ocasião alterados os nomes das Ruas São Pedro e Municipal para Rua Wenceslau Bras e Delfim Moreira, respectivamente.

Sales (2003, p. 300) transcreve parte da proposta de serviço prestado pela empresa responsável pela instalação da energia e iluminação elétrica, Vivaldi e Cia., para o Município de Varginha. Dentre as cláusulas é possível ler:

Iluminar gratuitamente com 6 lâmpadas de 32 velas cada uma, o Fórum e a cadeia [...], a Santa Casa de Misericórdia e o Theatro Municipal, quando este for ocupado pela Municipalidade para qualquer fim e quando for ocupado por qualquer empresa teatral, caberá ao concessionário o direito de cobrar a luz que foi consumida.

Funcionava no Theatro Municipal o “Íris Cinema”, nome, segundo Sales, inspirado no Cine Íris Theatro, um dos poucos cinemas da época em atividade até hoje, localizado no centro do Rio de Janeiro. O cinema é descrito no livro de Sales (2003) como um estabelecimento da empresa de José Navarra – um bem sucedido comerciante italiano, dono da maior magazine de Varginha, a Casa Navarra, entre outros empreendimentos.

Nos registros estudados para este trabalho não ficou clara qual é a data que marcou o início das exibições cinematográficas no cinema Íris. Também não fica clara a separação entre as atividades praticadas neste estabelecimento, ou seja, como era feita a separação entre as atividades de exibição cinematográfica do Íris Cinema e as do Theatro Municipal. Em virtude dos registros da venda do prédio pelo município para a Empresa Navarra em 1927, é provável que esta empresa operasse como locatária do espaço, promovendo sessões de cinema e peças teatrais.

No jornal da época, o *Arauto do Sul*<sup>22</sup>, é possível encontrar somente anúncios das atrações com o título “Íris Cinema” (figura 4), não havendo menção ao Theatro Municipal. Em um deles (*Arauto do Sul*, 14 out. 1926) é possível ler: “As sessões do Cinema são independentes do Theatro”, indicando que o espectador deveria comparar ingressos distintos. O anúncio do programa da semana divulgado no *Arauto do Sul*, em 30 de janeiro de 1927,

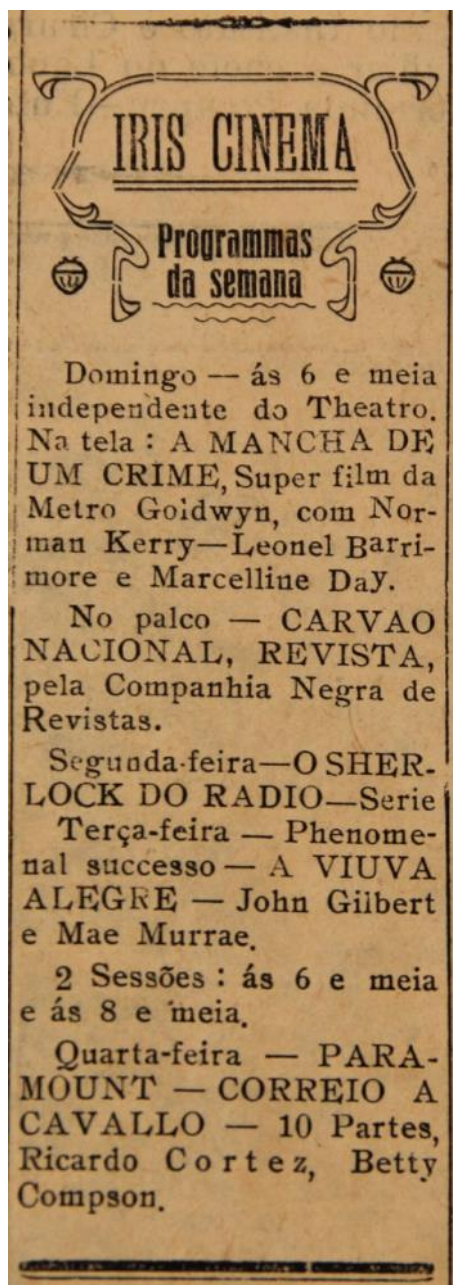


Figura 4 – Programação do Íris Cinema no *Arauto do Sul*.

Fonte: *Arauto do Sul*. Varginha, 1927

começa com: “Domingo – às 6 e meia independente do Theatro”. Em seguida consta a programação dividida em dois itens, “no palco” e “na tela”, separando as atrações cinematográficas das teatrais. “Na tela: A MANCHA DE UM CRIME, Super film da Metro Goldwyn, com Norman Kerry – Leonel Barrimore e Marcelline Day. No Palco – CARVAO NACIONAL, REVISTA, pela Companhia Negra de Revistas.”

O *Arauto do Sul* de 21 de abril de 1927 publicou o seguinte anúncio de luta greco-romana: “BREVE. Sensacional luta greco-romana [...] a realizar-se no Theatro Iris desta cidade, na próxima semana.”. Por este anúncio é possível notar que o nome “Íris” substituiu o nome “Theatro Municipal” para fazer referência ao estabelecimento. Em outra nota, desta vez lançada no *Arauto do Sul* de 14 de julho de 1927, a redação agradece ao Maestro Ricciotti, novo regente da orquestra do Iris (não se sabe se esta orquestra era a mesma que fazia o acompanhamento musical dos filmes), que

[...] abriu para a população de Varginha que frequenta o Iris uma nova era de gosto musical, dando ali sempre audições de musicas seletas, trechos de operas e relegando para 2º plano os foxs trots e outras musicas de dança, muito boas e bem executadas mesmo antes de sua admissão.

<sup>22</sup> *Arauto do Sul*. Ano IV. Varginha. 1927

O anúncio da peça de teatro de revista, da luta greco-romana e o agradecimento ao regente que trouxe “boa” música para a cidade mostram o caráter de espaço multiuso deste cineteatro denominado Íris Cinema, um verdadeiro centro de cultura e lazer da cidade. Esta característica de multiplicidade das atrações encontradas no espaço também é marcada no *Álbum de Varginha* de 1920, dos autores Fonseca e Liberal. Nele é possível encontrar uma foto do estabelecimento com a legenda: “Theatro Municipal, na Rua Direita, esquina da Rua Wenceslau Braz, onde funcionam o ‘Íris Cinema’ e outras diversões da Empresa José Navarra. Vê-se ao lado o ‘Iris Bar’ com Fabrica de Gelo, da mesma Empresa.”.

O entorno do Íris Cinema, e posteriormente do Cine-Theatro Capitólio, foi gradualmente transformando-se no local de agitação noturna da cidade. O local passou a ser rodeado por bares (como Ponto Chic, Recreio e o famoso Bar Capitólio) e estabelecimentos (como o Clube de Varginha, a Sociedade Italiana e a primeira sorveteria da cidade, a Doces Gelados Polar) frequentados pela mais alta sociedade varginhense, que desfilava pelas ruas praticando o *footing*<sup>23</sup>.



Figura 5 – Íris Cinema e Íris Bar.  
Fonte: Reprodução Museu Municipal de Varginha.

---

<sup>23</sup> Prática exercida entre jovens que andavam a pé circulando por ruas ou, mais comumente, praças da cidade com o intuito de flertar uns com os outros.

Outra informação que consta em alguns dos anúncios do Íris Cinema impressos no *Arauto do Sul* é o preço dos ingressos. O valor nem sempre aparecia impresso no jornal, mas na maioria das vezes em que aparece ele é de 2\$000 (dois mil réis) para os lugares denominados “cadeiras” e de 1\$000 (mil réis) para os lugares denominados “gerais”. Na figura 6 é possível notar os diferentes tipos de lugares e a configuração do espaço ocupado pelos assentos, obedecendo ao modelo estabelecido pelos teatros.

Como os teatros, os cinemas dessa época eram separados em primeira e segunda classe, com ingressos com preços diferenciados. Muitas salas possuíam também cabines e frisas, com a plateia geralmente obedecendo ao tradicional formato de ferradura, típico dos teatros, mas pouco afeito às exigências de visibilidade do cinema. (FREIRE, 2012, p. 45)



Figura 6 – Interior do Íris Cinema (1917/1918). É possível ver placas fixadas na plateia superior demarcando a reserva de lugares para as famílias assinantes, ou seja, que pagavam mensalmente por lugares reservados. Nas placas é possível ler: “RESERVADO [illegível] OLIVEIRA” e “RESERVADO D. WALFRIDO”.  
Fonte: Acervo Nico Vidal.

Havia mudança neste valor de acordo com a atração e com os diferentes filmes ofertados na programação semanal. Em um dos anúncios (o de 2 de setembro de 1926 do *Arauto do Sul*) divulgando o filme *Castelos de Ilusão* (*The Tower of Lies*, EUA, 1925), o preço é de 3\$000 para a cadeira e de 1\$500 para o geral, sendo que os assinantes (aqueles que

pagavam mensalmente por locais reservados nas frisas e camarotes) pagariam 1\$500. A empresa Navarra anuncia que o aumento no preço era “devido ao elevado custo de aluguel”. Este aluguel era o pago à distribuidora pelo direito de exibição e exploração comercial do filme.

No dia 9 de setembro, uma semana após terem elevado o custo do ingresso para o filme *Castelos de Ilusão*, justificado o aumento por conta do valor alto do aluguel da cópia, o Íris Cinema solta uma nota dizendo que conservará o preço a 2\$000 (cadeira) e 1\$000 (geral) para a exibição do filme *O Poder da Fé*, para que “o povo em geral possa assistir esta grandiosa produção”. Em seguida anuncia que não haverá meia-entrada.

As mudanças nos preços dos ingressos em decorrência do filme a ser exibido era prática comum na época. Carlos Roberto de Souza relata a mesma situação no cinema Triângulo do centro de São Paulo, na década de 1920, dizendo que “o preço comum dos ingressos era 2\$000, podendo chegar a 4\$000 para filmes especiais” (SOUZA, 2014, p. 263). Notamos que o preço do ingresso do cinema Triângulo era o mesmo praticado pelo Iris Cinema.

Uma prática comum aos cinemas do período era a exibição de ficção seriada, dividida em várias sessões durante a semana – podendo o cinema exibir uma mesma série durante mais de uma semana – e geralmente do gênero aventura ou mistério, e de um jornal, veiculado antes ou depois dos filmes. Este jornal feito para ser exibido nos cinema recebeu a alcunha de “cinejornal”. Em muitos programas ele era divulgado com o nome de “atualidades”, ao invés de “jornal” ou, simplesmente, “notícias”. Alguns estúdios de Hollywood faziam e exportavam seus cinejornais. Como é o caso do *Fox Journal*, jornal da Fox Film Corporation (hoje 20th Century Fox) que foi exibido no Íris Cinema de Varginha, como bem mostra a divulgação da programação veiculada pelo *Arauto do Sul* no dia 10 de fevereiro de 1927.

Na programação divulgada nem sempre constava o horário das sessões. Nos domingos havia sessões de matinê, prática comum também mencionada por Souza (2014, p. 262) com a adição de ter sido o cinema Triângulo pioneiro na exibição de matinês durante os dias da semana, ou “úteis”. Nesses dias, ela ocorria às 13:30 ou às 14 horas, na qual eram exibidos filmes, em sua maioria, de comédia. As outras sessões do dia aconteciam à noite, com sessões às seis e meia e às oito e meia. Quando só haveria uma sessão à noite, o programa só anunciava o filme a ser exibido naquele período, sem o horário da sessão.

Os filmes exibidos eram, em sua esmagadora maioria, dos grandes estúdios norte-americanos, Metro Goldwyn, Paramount, Fox e Warner, que na década de 1930 integrariam o chamado “*big five*” (Metro Goldwyn-Mayer, Paramount Pictures, 20th Century Fox, RKO e

Warner Bros.), designação para as cinco *majors* norte-americanas, integradas verticalmente, a exercerem um oligopólio maduro no mercado cinematográfico –, em sua maioria melodramas.

Há algumas exceções quanto à predominância do cinema norte-americano no Iris Cinema. Em nota no *Arauto do Sul*, de 2 de junho de 1927, foi publicado um elogio ao filme italiano *L'Arzigologo* (1924), agradecendo também o convite da direção do Iris Cinema. Além do filme italiano, *O destino* (1922)<sup>24</sup> foi exibido no cinema, um filme português.

O cinema europeu não foi o único a diversificar a programação cinematográfica do Iris. Duas matérias de edições diferentes do *Arauto do Sul*, uma do dia 12 de maio e outra do dia 3 de julho de 1927, falam sobre uma “filmagem mineira” feita pela firma Douat & Filho, da cidade de Alfenas, chefiada pelo “antigo e hábil fotógrafo, S. João Douat”<sup>25</sup>. No jornal de julho é dito que o sr. Douat acabara de fazer outra filmagem, desta vez de mil metros (comprimento de película fotográfica que usou, indicando a duração do filme), agora da cidade Monte Santo e não tardará em exibi-la no Iris. O texto ainda diz que Douat, em palestra, demonstrou “fundadas esperanças de fazer prosperar sua indústria de filmes”<sup>26</sup>.

O prédio onde funcionava o Iris Cinema foi demolido para a construção do Cine-Theatro Capitólio, chamado de “Polytheama” pela imprensa antes de ser batizado com o nome que carrega até hoje. Enquanto o novo cineteatro era construído, o Iris continuou funcionando em uma instalação provisória. O *Arauto do Sul*, do dia 10 de fevereiro de 1924, publicou a matéria com a manchete: “A Venda do Theatro Municipal ao sr. José Navarra – A sua próxima demolição e a construção de um confortável e luxuoso Polytheama.”. No texto da matéria lê-se: “Anexo ao Theatro vai ser construído um barracão provisório destinado ao funcionamento do cinema durante a construção do Polytheama”.

Antes de adentrar às peculiaridades da venda do Theatro Municipal e a subsequente construção do Cine-Theatro Capitólio, é importante abrir um parêntese para ilustrar o conturbado período entre os anos 1921 e 1949. Sales (2003, p. 41) chama estes anos de “período de estagnação intelectual” por ter constatado a ausência de estudos “importantes ou dignos de nota”. A falta de publicações relevantes para o estudo da história da cidade não significa, no entanto, a estagnação do desenvolvimento da cidade. O autor afirma que neste período, além da inauguração do suntuoso Cine-Theatro Capitólio (hoje Theatro Municipal

---

<sup>24</sup> Arauto do Sul. 5 de setembro de 1926.

<sup>25</sup> Arauto do Sul. 12 de maio de 1927, n. 232, p. 3.

<sup>26</sup> Ibidem.

Capit6lio) e do Cine Rex, as atividades no campo da assist6ncia social ganharam um expressivo impulso.

Os motivos para Varginha ter sido acometida por este per6odo de “estagna73o intelectual” citado por Sales t6m origens amplas e diversas. No in6cio do s6culo XX o Brasil era dominado por uma oligarquia agr6ria e latifundi6ria. A classe m6dia em ascens3o possu6a desejos que entravam em choque com o arranjo de poder instituido por esta oligarquia, criando no pa6s um per6odo de revoltas – como o Tenentismo, em 1922 –, resultando na Revolu73o de 30.

A Gripe Espanhola atingira Varginha, com o primeiro 6bito registrado em 1918. A epidemia matou centenas de pessoas na cidade at6 o 6ltimo 6bito registrado em 1919. 6 de se imaginar que o medo de contrair a doen7a tenha esvaziado os locais p6blicos e, conseqüentemente, a frequ6ncia do p6blico de cinema tenha diminuido. Hip6tese tamb6m levantada pela pesquisadora Natasha Hernandez Almeida a respeito da cidade de Piracicaba, S3o Paulo.

Entre os meses de outubro e dezembro, teriam sido notificados 4178 casos, e certas altera73es tiveram que ser realizadas na rotina de Piracicaba, como o fechamento de escolas e sua destina73o ao cuidado dos enfermos mais pobres. N3o se sabe ao certo se isso afetou as sess6es de cinema na cidade, mas 6 poss6vel que no per6odo mais cr6tico, do final do ano, algumas exibi73es tenham sido canceladas, a fim de evitar o maior cont6gio pela gripe espanhola. (ALMEIDA, 2014, p. 3).

Rafael de Luna Freire, ao analisar os danos causados 3 arrecada73o da bilheteria causados pelo calor e pelas comemora73es do carnaval, relata que o Cinema Path6 fechou as portas durante o surto epid6mico de gripe espanhola do ano de 1918.

a bilheteria do m6s de fevereiro [do ano de 1918] rendeu treze contos, menos da metade de mar7o (27 contos) e mais apenas do que a renda de outubro (dez contos), quando o Rio de Janeiro sofreu com o grave surto de gripe espanhola e o pr6prio Cinema Path6 permaneceu fechado entre os dias 19 e 25. Ou seja, o calor do ver3o e os festejos de carnaval eram quase t3o danosos para as finan7as dos cinemas quanto uma epidemia! (FREIRE, 2011)

Aliado 3 gripe espanhola e aos outros entraves sofridos internamente no Brasil, crises externas teceriam seu caminho para afetar economia e a pol6tica global. A quebra da bolsa de valores de Nova York, acontecimento que marcou a Crise de 1929, desencadeou uma grande fal6ncia na economia mundial e atingiu Varginha por ter provocado uma diminui73o na procura do caf6, criando um excesso da produ73o do gr3o – motriz da economia varginhense –, diminuindo seu pre7o e estagnando as vendas. Esta situa73o foi agravada pela Segunda

Guerra Mundial (1939 – 1945), gerando um declínio na produção do café nos anos de 1941 e 1942.

Lefort (1950), referindo-se ao aspecto urbano geral de Varginha, fez observações que podem ser aplicadas à produção intelectual do mesmo período: Para ele, Varginha apresentava um ‘aspecto desolador’ que pouco a pouco foi ‘deslustrando a cidade e desmerecendo seu conceito, perante suas co-irmãs. (SALES, 2003, p.42).

A falta de material acadêmico sobre a história da cidade parece ter perdurado por mais tempo do que o recorte feito por Sales, no que diz respeito aos cinemas. Pouco foi encontrado, da década de 1950 até hoje, sobre estes espaços a não ser seus anúncios de programação e matérias sobre alguma solenidade a ter usado os estabelecimentos como salão nobre, sem nenhuma atividade ligada ao cinema. O Cine Rio Branco, a ser discutido mais à frente, parece ter gerado mais material na imprensa, além de estar mais vivo na memória do povo varginhense do que os outros. Entretanto, não há nenhuma abundância de material escrito sobre a história deste cinema. O Cine-Theatro Capitólio, pela magnitude, inédita na cidade, de sua construção e por seu uso misto (cinema, teatro e salão nobre), gerou mais material para consulta.

O Cine-Theatro Capitólio (ora chamado de Theatro Capitólio, ora de Cine Capitólio), teve seu nome, assim como o Iris, retirado de um dos cinemas do circuito exibidor cinematográfico da década de 1920 do Rio de Janeiro. Além da relação com o Cinema Capitólio da Cinelândia Carioca, o nome e a arquitetura do Theatro Capitólio de Varginha também podem ser encontrados no Teatro Capitólio da cidade de Cruzeiro, no interior do estado de São Paulo. O cidadão varginhense Afonso Paione afirma que o Capitólio de Varginha é uma cópia daquele encontrado no interior paulista. Os dois teatros apresentam similaridades marcantes na arquitetura em estilo eclético. Ademais, o Teatro Capitólio de Cruzeiro foi edificado por Domingos Navarra, irmão de José Navarra, que construiu o Capitólio de Varginha.

Como dito anteriormente, o nome usado pelos jornais da época antes de inaugurado o Capitólio era “Polytheama”. Na mesma matéria supracitada <sup>27</sup>, o jornal anuncia a transação de venda do Theatro Municipal para José Navarra.

o capitão José Augusto de Paiva, presidente da Câmara Municipal desta cidade assinou há poucos dias a escritura de venda do Theatro Municipal ao único concorrente a hasta pública que precedeu esse contrato – snr. José Navarra. [...] Precedeu às negociações ora efetivadas o levantamento de uma planta aprovada pela

---

<sup>27</sup> *Arauto do Sul*. 10 fev. 1924.



Camara, do Polytheama que o comprador ficará obrigado a construir no local ocupado pelo Theatro Municipal, dentro do prazo de 12 meses a contar da data em que foi lavrada a respectiva escritura.

Na mesma reportagem são revelados os planos para o novo espaço de cultura e esclarecidas a preocupação do poder público, bem como a preocupação do jornal, ou seja, da opinião pública, em garantir que o teatro a ser erguido representasse evolução da cidade – o redator faz isso comparando os teatros das grandes cidades com o desenvolvimento das mesmas –, atestando seu progresso, inclusive artístico e intelectual, durante esta fase nefasta de crises.

Essa planta que se encontra na secretaria da Câmara Municipal, é um trabalho de pericia técnica que muito recomenda os méritos profissionais de seu autor – o distinto engenheiro snr. Frizoti Agostino. O Polytheama, luxuoso e confortável, terá 3 andares e a capacidade para comportar 1.700 pessoas, com diversas ordens de frisas, camarotes e gerais; será dotado de um palco enorme, de modo a poder trabalhar qualquer companhia, e de terraço e salões cobertos para fumantes. [...] A frente do edifício mede 21,20 mts. por 35 mts. de fundo, com 13 amplas portas, sendo 3 de entrada e 10 de saída. Em cada um dos três pavimentos serão feitas instalações sanitárias, revestidas as paredes de mosaico, sendo uma para homens e outra, com *toilette*, para senhoras. A construção será mista: tijolo e cimento armado, ocupando a área de 770 metros quadrados [...] sendo as obras orçadas em 200:000\$000. O estado de ruína a que atingiu o atual Theatro Municipal, principalmente a sua parte interna, com o solo esburacado e sem higiene, não podia absolutamente continuar aos olhos dos forasteiros que nos visitam como atestado entristecedor do nosso desleixo e atraso, da nossa incapacidade e pobreza artística. Todos os centros bafejados pela civilização procuram esforçadamente ter o seu Theatro à altura dos seus créditos artísticos e da sua importância nos domínios intelectuais.

Por este recorte é possível ter informações técnicas do teatro, o nome do engenheiro responsável – o italiano Frizoti Agostino – e o valor da obra, de 200:000\$000.

Outra informação que chama atenção é sobre o estado das instalações do Theatro Municipal, “com solo esburacado e sem higiene”. O jornal aplaude a atitude do poder público em vender o estabelecimento, colocando como razão do elogio a demolição do local em “estado de ruína” e a construção de um novo e “luxuoso” teatro. Não era o Theatro Municipal administrado pelo Sr. José Navarra, a quem o mesmo teatro, agora em ruínas, fora vendido na esperança de que o mesmo empresário erguesse um palácio de cultura e entretenimento para a cidade? A informação da deploração do Theatro Municipal e a esperança levantada pela venda ao Sr. Navarra leva a crer que o poder público tenha feito uma concessão do uso do espaço à Empresa Navarra, cujo contrato não previa a manutenção do local pela empresa, e isso tampouco era feito pelo poder público.

No *Arauto de Sul* do dia 22 de agosto de 1926 foi anunciado um “concurso popular, por cujo meio será escolhido o nome ao Theatro ora em construção”. Advindo do convite dos Srs. Navarra & Irmãos ao periódico para o patrocínio de um concurso com a finalidade de abrir ao gosto do público a escolha do nome do novo teatro, o jornal publicou um cupom a ser recortado, preenchido e enviado pelos leitores aos Srs. Navarra & Irmãos.

A matéria de 1924 anunciava a venda do Theatro Municipal para José Navarra, da Empresa Navarra – que passou a ser chamada de Navarra & Irmãos, como consta na publicação de 1926 –, e o prazo de doze meses, a contar a partir do lavramento da escritura, para a construção do novo Teatro. O concurso para a escolha do nome pelo público foi lançado em 22 de agosto de 1926 e na matéria de lançamento constava que o novo teatro encontrava-se em construção. Portanto, ou a escritura demorou mais um ano e meio para ser lavrada, ou as obras estavam atrasadas.

Um texto do historiador Antônio Vidal <sup>28</sup> revela as obras estarem de fato atrasadas, isto por causa uma possível enfermidade do Sr. José Navarra, que era epilético e começou a “demonstrar temperamento instável, chegando às vezes às raias da demência”. A saúde de José Navarra fez com que seus irmãos, Francisco e Nicolino, assumissem a construção do Polytheama e renegociassem o prazo de construção, alegando que a empresa Navarra & Irmãos não tinha condições financeiras para cumprir os compromissos firmados pelo irmão José. A confissão das dificuldades financeiras da empresa também resultou na submissão à Câmara Municipal de uma nova planta, que segundo Vidal era “mais modesta, mas também de cunho arrojado e majestoso para a época”. A planta fora aprovada e entregue aos construtores Antônio e Celestino Pires para o início das obras.

Vidal adiciona ao texto sua própria experiência em 1926, ano em que participou do concurso popular que elegeria o nome do novo teatro e a relação do nome escolhido com o Cinema Capitólio do Rio de Janeiro.

O nome do novo cine-teatro foi escolhido por votação popular. As urnas para a recepção dos votos foram expostas em vários pontos da cidade e eu mesmo, que lhes escrevo, optei pelo de ‘CAPITÓLIO’, influenciado, talvez, pelo homônimo do Rio de Janeiro pertencente à grande empresa de Francisco Serrador, que foi a construtora da famosa Cinelândia.

---

<sup>28</sup> Texto em arquivo de imagem JPEG submetido para o autor via e-mail por Cláudio Martins, membro do CODEPAC - Varginha (Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural) e curador da Sala Nico Vidal. O texto foi encontrado na coleção do historiador Antônio Vidal e possui em seu rodapé somente a data “Varginha, 25-05-1985”. Não há outras informações a revelarem mais sobre a fonte. É possível que o texto tenha sido publicado em algum periódico da época em virtude da restauração por qual passava o Theatro Municipal Capitólio.

Vidal fala do empresário Francisco Serrador que construiu um verdadeiro império cinematográfico no Rio de Janeiro da década de 1920. Até o investimento pesado de Francisco Serrador, já atuante como exibidor e distribuidor cinematográfico no Brasil <sup>29</sup>, os cinemas do Centro do Rio de Janeiro – localizados na Rua da Carioca e na então “esnobe” Avenida Central (rebatizada como Avenida Rio Branco) – estavam perdendo espaço para os grandes e modernos cinemas construídos nos bairros (como Copacabana, Méier e Tijuca), onde se exibiam os mesmos filmes do centro em instalações melhores com capacidade de ocupação muitas vezes superior.

Tudo mudou quando Serrador comprou o terreno vazio do antigo Convento da Ajuda, localizado no início da Avenida Central e próximo à Avenida Beira Mar, e construiu ali o Cinema Capitólio, dando início ao “quarteirão Serrador”.

Tratava-se do começo da Cinelândia, iniciada com o Cinema Capitólio, com mais de mil lugares, inaugurado em 23 de maio 1925. A essa sala se juntaram no mesmo ano o Império e Glória, e em seguida o Odeon (1926), Pathé-Palace (1928) e o remodelado Palácio-Teatro (reformado em 1929). (FREIRE, 2011, p. 307)

Vê-se por que o nome “Capitólio” estava tão em voga na época e motivou a escolha dos varginhenses, em mais uma tentativa de legitimar o avanço da cidade batizando logradouros (note que assim como o Rio de Janeiro, Varginha também tem uma Avenida Rio Branco a servir como uma verdadeira *boulevard*) e estabelecimentos<sup>30</sup>. Hoje, em visita à Cinelândia é possível encontrar em frente ao único cinema (cuja atividade é a da exibição cinematográfica) remanescente da praça, o Odeon, um busto de Francisco Serrador.

O Cine-Theatro Capitólio foi inaugurado em 12 de outubro de 1927. A cerimônia começou às duas horas da tarde com a benção do edifício pelo Padre Pedro, tendo como paraninfos o Dr. Antonio Pinto de Oliveira e a Sra. Ambrosina Figueiredo (conhecida como D. Zinóca). O orador da solenidade escolhido pela empresa Navarra & Irmãos foi o Dr. Walfrido dos Mares Guia, tendo falado depois dele o acadêmico José Pelinei. A mesa da Sessão Solene foi composta pelo Deputado Domingos Ribeiro de Rezende, pelo prefeito Alvaro de Paula Costa, pelo Revmo. Cônego Antonio Rabelo da Cunha, pelos presidentes das Câmaras (prefeitos) das cidades vizinhas (Três Pontas, Três Corações, Campanha, Lavras,

---

<sup>29</sup> Nos programas do Iris Cinema de Varginha, divulgados no jornal, era comum a publicação do nome da distribuidora junto ao filme. Em muitos casos o filme vinha precedido de frases como “esplêndido filme do Programa Serrador”.

<sup>30</sup> Por sua vez, o Cinema Capitólio do Rio de Janeiro teve seu nome retirado do cinema norte-americano Cine Capitol.

São Gonçalo do Sapucaí, Parauaçu, Machado, Alfenas, Boa Esperança e Elói Mendes) e por representantes da imprensa local (Leopoldo de Melo Padua e Carlos Silva).



Figura 7 – Inauguração Cine-Theatro Capitólio.  
Fonte: Reprodução Museu Municipal de Varginha.

Após as solenidades o estabelecimento foi aberto à visitação pública até as quatro e meia da tarde. Às sete horas da noite foi exibido o filme *Cabaret* (1927), com a atriz Gilda Gray no elenco. A figura 7 mostra a plateia no dia da inauguração. Encerrando a grande festa de inauguração, houve no palco a apresentação de “um excelente Trio <sup>31</sup>, na época muito em evidência no Theatro do Rio de Janeiro”.

Ao terminar o espetáculo alguém, talvez por cortesia, comentou com um dos diretores da casa: - ‘Excelente Trio vocês trouxeram’. E obteve a seguinte resposta: - ‘Bem, já disse ao Chico (Francisco Navarra), que da próxima vez nós devemos contratar um trio de cinco ou seis ‘personas’<sup>32</sup>.

Em seguida, Vidal narra a chegada do cinema sonoro na cidade. O Cine-Theatro Capitólio foi equipado com o aparelho sonoro R.C.A. PHOTOPHONE, responsável pela sincronização do som de um disco fonográfico com a imagem projetada. O historiador

<sup>31</sup> Trio Esperanza Diez, segundo o relato do jornalista Carlos Silva no texto de 1951 intitulado: “O Teatro Capitólio: Há 24 anos passados era inaugurado nesta cidade o Teatro Capitolio – Um pouco de sua história...”.

<sup>32</sup> Ver nota de rodapé número 29.

enaltece a inovação trazida pelo Capitólio dizendo que o cinema foi um dos primeiros de Minas Gerais a ser equipado com o dispositivo de sincronização de som.

O filme exibido na inauguração do “cinema falado” em Varginha foi *Um sonho que Viveu* (1929), uma comédia musical estrelada por Charles Farel e Janet Gaynor. O filme, segundo Vidal, extasiava como novidade,

mas como valor artístico era péssimo. Tinha 13 longas partes e foi projetado por três dias seguidos, vindo gente de Elói Mendes, Três Pontas, Paraguaçu, Campanha, Carmo da Cachoeira e outras cidades somente para assisti-lo. Como o som provinha de uma espécie de vitrola entrosada ao projetor, às vezes surgiam desarranjos alterando a sincronização entre o som e imagem, que o hábil operador Elias Esteves Alves corrigia em instantes.

No folder de programação do Cine Capitólio anunciando *Um sonho que viveu* (figura 8) é possível ver o impacto da novidade do cinema falado<sup>33</sup>. Nas abas da capa estão impressos os dizeres: “film falado”, “film cantado”, “film musicado” e “film synchronizado”. Além da propaganda dos novos equipamentos da RCA instalados no cinema, o folder traz na capa o escrito “Fox Movietone”, tecnologia de impressão da trilha sonora na película cinematográfica patenteada pela Fox Film que garantia a sincronização. Na contracapa estão as próximas atrações, anunciando com destaque o filme *Fox Follies* de 1929. No interior do programa há uma grande sinopse do filme, peculiar, pois revela toda a história de *Um sonho que viveu*, do começo ao fim. A importância e o chamariz desta sessão não estavam no filme, mas na inovação tecnológica. Vemos aqui mais uma vez uma marca remanescente do chamado “cinema de atrações”.

Mais um motivo para se divulgar a história completa do filme eram as falhas no recém-criado sistema de sincronização entre imagem e som e a ausência da dublagem, e em muitos casos, de legendagem. Divulgar a história do filme seria uma forma de tentar garantir a diversão do público.

Rafael Freire traz a seguinte curiosidade que identifica como prática comum a divulgação do enredo completo do filme para a maior apreciação do público.

Para facilitar o entendimento do filme pelo público, foram distribuídos livretos aos espectadores, como ocorria tradicionalmente nas apresentações de óperas. A medida foi elogiada pelo crítico Octávio Mendes, correspondente em São Paulo da revista carioca Cinearte: “Os programas distribuídos à entrada, inteligentemente, davam a tradução dos diálogos. Ao menos, assim, o público sabia do que se tratava e podia

<sup>33</sup> Na edição número 168 (ano IV) do dia três de dezembro de 1933, o jornal “O Sul-Mineiro” informa possuir Carmo da Cachoeira – distrito da comarca de Varginha até o ano de 1938 – um cinema falado, propriedade de João Baptista Ribeiro de Sant’Anna.

acompanhar com o devido interesse o desenrolar do fim do filme” (Mendes, 1929, n. 170: 20-21) [sem grifo no original]. (FREIRE, 2015, p. 188)

**CINE CAPITOLIO**  
(VARGINHA)

A SEGUIR  
**FOLLIES DE**  
1929.

(A Revista Campeã do Mundo)

**AGUARDEM**

O Mundo as Avessas  
Em Continencia  
Cazados em Hollywood  
Romance do Rio Grande  
Dias Felizes  
A Caminho de Hollywood  
O Pão Nosso de Cada Dia  
As 3 Irmãs

Sempre e Sempre

Typ. - P. P. GUARANY - Soledade R. S. M.

**CINE CAPITOLIO**

INSTALLAÇÕES SONORAS  
R. C. A. PHOTOPHONE

**HOJE-AMANHÃ-E DEPOIS DE AMANHÃ**

**Inauguração**  
com o super film  
**UM SONHO - QUE VIVEU**


**CHARLES FARREL**  **JANET GAYNOR**

**FOX MOVIE TONE** **CAPITOLIO-VARGINHA**

13 PARTES

Hotel Commercio Varginha - Conforto e baixos preços.

**UM SONHO = QUE VIVEU**  
(SUNNY SIDE UP)



*Janet Gaynor - Charles Farrell - Shirlie Lynn - Frank Richardson - Marjorie White - El Brendel.*  
(Direção de David Butler)

**DESCRIÇÃO**  
"4 de Julho."  
"Independence Day"

Yorkville, um bairro pobre de New York, atestado de gente humilde, vibra de contentamento, celebrando a grande data americana.

Eric Swenson, o vendedor querido da localidade, tem sob a sua tutela a encantadora Molly Carr, uma meiga e galante creaturinha orfã de pai e mãe.

Como empregada em seu estabelecimento tem Eric, a brejeira Beatriz e o seu apaixonado Eduardo, um rapaz alegre e de bom coração. Para o bondoso Eric, aqueles tres jovens, constituem o seu maior orgulho, tendo para elles os cuidados d'um verdadeiro pai. Participando com satisfação a data magna da independencia, Molly, Beatriz e Eduardo estavam incluídos entre os participantes dos grandes festejos, ao ar livre.

Entretanto, a poucas milhas, no aristocratico bairro de Southampton, tambem celebravam o 4 de Julho. Era na riquissima vivienda da Sra. Cronwell, cujo filho o Inimigo Jack, apresentava felicidade ao lado de sua noiva, tentadora Juanita Worth.

Jack, amoroso e um pouco ciumento, não se conformava com as facilidades do século XX de Juanita, que distribuía entre seus amigos, sorrisos e galanteios com que os mesmos asediavam-na.

Aborrecido, Jack tomando o seu Packard desliza velozmente e sem dar-se conta, vai ter em Yorkville, em meio da garotada que livremente divertia-se.

 Um pouco alcoolizado, Jack assim mesmo procura evitar um desastre, custando-lhe isto uma seria avaria em seu custoso carro.

Um grupo de exaltados, num momento de indignação quer ameaçá-lo, encontrando Jack a protecção de Eric e tendo presenciado o ocorrido socorre o rapaz de uma agressão talvez fatal e o acolhe em sua modesta casa.

Errado o caminho, Jack, quasi sem sentidos, vai parar no quarto de Molly, que vestindo-se, fica indignada, mas contenta-se em vê-lo naquelle estado e certifica-se que elle pertencia á alta sociedade, porque tinha visto o seu retrato numa revista elegante.

Melhorando graças aos carinhos de Molly, Jack tem assim occasião de pela janella do quarto, ver e ouvir a graça de Molly em cantar e dançar no palco improvisado para os festejos daquela grande noite.

E partindo, Jack felicita-a e ocorre-lhe a idéa de convidá-la, bem assim como aos seus companheiros, para um festival de cariedade, que irá realizar num magesto so "Garden-Party" em sua faustoza residencia.

Encantada, Molly, trajando riquissimos "toilettes", julga não ser realidade aquelles doces e memoraveis momentos.

Para ella, tudo aquillo era um sonho.

Vendo a preferéncia que Jack dispensava a Molly, começou a despertar no coração de Juanita uma onda de ciúmes e odio para aquella menina tão boa e carinhosa. E por uma intriga surgida mesmo em meio do esplendor, dos applausos e do successo, Molly vê desfazer-se um a um, todos os minutos de satisfação, todos os momentos de glorias e todos os seus sonhos de amor.

Depois a despedida... a separação... as lagrimas e a volta para Yorkville.

E finalmente a corrida de Jack para buscá-la, e entre beijos, abraços e sorrisos de commoção, elles reconciliaram-se.

Tendo Jack o seu bem amado em seus braços, agora para Molly era mesmo a realidade do seu grande e lindissimo "SONHO - QUE VIVERA."

Iniciará a sessão  
**FOX MOVIE TONE NOVIDADES**

Figura 8 – Inauguração do cinema falado no Cine Capitólio.  
Fonte: Acervo Nico Vidal.

Na conclusão do referenciado texto de Vidal<sup>34</sup>, o historiador nos informa estar o Capitólio fechado devido à sua restauração, lançando seus desejos para que a demorada reforma pudesse ao menos devolver à cidade, e ao Capitólio, a mesma beleza de 1927, “inclusive com os ‘grifos’ de belo tom azul que embelezava o bojo externo dos parapeitos das frisas e dos camarotes”.

Completando as informações retiradas do *Arauto do Sul* e do relato de Antônio Vidal, jornal *O Capitólio* publica uma matéria redigida por Carlos Silva com o título “O Teatro Capitólio: Há 24 anos passados era inaugurado nesta cidade o Theatro Capitólio – Um pouco de sua história...”. A escrita de Carlos Silva é ufanista com relação ao Theatro Capitólio, elogiando sempre que pode o feito dos irmãos Navarra.

O jornalista inclui algumas informações interessantes como o custo total do teatro para a Empresa Navarra e esmiúça a aplicação do dinheiro. O contrato firmado com o construtor Antônio Manoel Pires, em 4 de novembro de 1925, tem um valor de 184:000\$000; a instalação de energia elétrica, 32:000\$000; o mobiliário, 36:000\$000; as decorações, 30:000\$000 a cabine cinematográfica (cabine de projeção), 15:000\$000; o custo do terreno, 82:000\$000 e a montagem do palco, 12:000\$000. Todos estes gastos aliados à compra do terreno por mais 12:000\$000 que não estava na posse da Câmara Municipal, mas de um terceiro, somam 403:000\$000.

Carlos Silva informa no texto ser o Capitólio, em 1951, administrado por Aristides Prince de Souza, da Empresa Cinematográfica Prince & Souza (sobrenome escrito pela imprensa ora com “s”, ora com “z”), que na época divulgou planejar uma remodelação do cineteatro, tendo entregado o plano das melhorias para estudo, estando apenas aguardando a palavra do engenheiro Braz Paione para dar início às obras.

Analisando os anúncios publicados no jornal *O Sul-Mineiro* entre os anos de 1932 e 1944, percebe-se muita similaridade no formato da programação entre o extinto Íris Cinema e o Capitólio. Os filmes vinham acompanhados do elenco – *Hollywood* já havia se estabelecido como uma indústria do cinema e implantado o *star system*<sup>35</sup>. Os horários não eram divulgados junto ao programa, levando a crer que eles deveriam ser fixos e os frequentadores deveriam sabê-los de cor. Era exibido somente um filme por dia e uma só vez, quando muito o longa-metragem era acompanhado por um cinejornal ou seguido por um episódio de série. Somente quando um filme fazia muito sucesso – foi o caso de *Mata Hari* (1931), com os astros Ramon Novarro e Greta Garbo – era reprisado. A duração do filme era divulgada pelo

---

<sup>34</sup> Ver nota de rodapé número 29

<sup>35</sup> Valorização dos atores e atrizes como atrações por si só, enaltecendo o indivíduo mais do que a obra.

número de partes (geralmente entre 8 e 13 partes) e eles eram, em sua maioria, do gênero dramático romântico.

Os filmes norte-americanos continuavam exercendo domínio sobre a programação. Agora – com o estabelecimento do cinema narrativo, do cinema falado e com o início do cinema a cores – o gênero dos filmes passava a ser mais variado. Além das comédias das matines, das aventuras dos seriados e dos dramas das sessões do horário nobre, começaram a ser exibidos longas-metragens de faroeste (chamados pelo jornal de *western* ou de *far West*), como *A Trilha do Terror* (1933), estrelado por Tom Mix, e de terror, como *O Poder Invisível* (1936).

O filme *Depravação* foi anunciado no *O Sul-Mineiro* de 18 de dezembro de 1932 como uma sessão “especial só para homens” e com preços populares. A direção do drama com conteúdo sexual é do brasileiro Luiz de Barros, e fez a programação do Capitólio fugir à regra do predomínio hollywoodiano.

No mesmo mês, o periódico anunciou o “grande Super fora da linha”, *Demônios do Espaço* (1931), e descrito como “filme de guerra e de aviação” que integrava o “Festival do Elias”. Seria este o mesmo Elias citado por Antônio Vidal como o operador cinematográfico (projeccionista) do Íris Cinema? Não foi encontrada nenhuma informação que esclareça a identidade deste homem.

Em jornal do dia 23 do mês de julho de 1933, o *Sul-Mineiro* escreveu sobre a “Sessão Cafiaspirina”. Tratava-se de uma sessão patrocinada pela empresa farmacêutica Bayer Meister Lucius, realizada no Capitólio no dia 17 do mesmo mês pelo representante Romeu Kleinsorge. Foi exibida no cinema a propaganda da aspirina “Cafiaspirina” seguida do filme *Quando a mulher se opõe* (1932). Segundo o periódico, a sessão foi muito concorrida, o filme da Paramount foi um sucesso assistido por mais de 1.500 pessoas e a propaganda foi uma das “mais notáveis”. Como ingresso para a sessão bastava o espectador levar ao porteiro um “envelope vazio e em perfeito estado, do reputado produto. Tal envelope lembra que o cidadão é consumidor da Cafiaspirina e que está imunizado de qualquer resfriado ou dor de cabeça”.

Os membros do Rotary-Club de Varginha escreveram no jornal *O Sul-Mineiro* do dia 18 de junho de 1933 um pedido ao poder público pela regulamentação dos filmes exibidos em sessões frequentadas por crianças, alegando serem os filmes com violência prejudiciais à formação das crianças.



De fato, o cinema é um escola, que ótimos resultados poderia trazer à infância, cujo espírito se deixa influenciar facilmente pelo que vê, procurando reproduzir o que assiste, julgando-se, afinal, um emulo dos heróis da tela. Ora, a exibição de filmes, em que bandidos aparecem a cada hora, armados até os dentes, matando, saqueando, roubando e fazendo outras coisas mais, franqueza, nem para marmanjo de miolo fraco se deveria permitir, quanto mais para crianças.

O Cine-Theatro Capitólio foi palco de vários festivais até o final dos anos 1940. Em dezembro de 1933 aconteceu o “Festival do Nicola”. O anúncio do jornal informa ser o Sr. Nicola Napoli o gerente do Capitólio e que no dia 26 de dezembro seria exibido *Tarzan, o filho das selvas* (1932). Não há referência a outro filme exibido neste festival.

A comparação com o circuito exibidor do Rio de Janeiro era feita a todo o momento. No anúncio do filme a ser exibido no “Festival do Nicola” lê-se: “esta película exibida há pouco tempo no Rio causou o maior sucesso deste ano”. Em outro anúncio, agora do filme *O Anjo da Noite*, lê-se: “filme ainda não exibido no Rio”.

No dia 10 de fevereiro de 1938 era anunciada nas páginas de *O Sul-Mineiro* a construção de um novo cinema, o Cine Rex. Propriedade de Antônio Ribeiro Nogueira, o cinema em construção teria lugar para 600 espectadores, som Cineton (empresa brasileira) e projetor Zeiss Ikon. A inauguração aconteceu no dia 25 de maio de 1938, com a exibição do filme *Primavera* (1937).

As programações dos dois cinemas eram anunciadas juntas e, na maioria das vezes, era dado o dia e nome do filme sem especificação do horário da sessão ou do cinema em que ela seria exibida. Nos primeiros anúncios encontrados (*O Sul-Mineiro*, maio e junho de 1938), o horário da sessão do Capitólio acontecia às 19h30 ou às 19h45, e no Rex, às 20h00. Com a chegada do rádio, as programações dos cinemas e do novo veículo eram divulgadas juntas.

Em 1942, uma matéria de jornal destacava a iniciativa do empresário Nenê Nogueira de começar a distribuir uma “folhinha” em que constava a programação semanal aos frequentadores do cinema. A iniciativa, segundo o jornal, muito agradou os espectadores, que não mais perderiam os filmes exibidos. Esta matéria também joga luz no estado da administração dos cinemas, agora todos sob a tutela da Empresa Nogueira.

O jornal *Tribuna Varginhense*, além de nos informar o preço de oito cruzeiros para o ingresso, lançou em junho 1956 um pedido para que os programadores dos cinemas da cidade fizessem uma revisão no critério da escolha dos filmes. A alegação era a de que a empresa insistia em colocar aos sábados e domingos filmes de faroeste e deixar filmes bons, segundo o jornal, esquecidos durante a programação da semana. Em tom irônico, a redação escreve:

Creemos que Varginha deve ter um aspecto, ante o julgamento dos selecionadores de filmes, de uma vila do oeste, onde a winchester e 32 de cano longo predominam, pois, no dia de folga dominical ou no sábado de liberdades noturnas, imperam as revivescências do *far-west*

Sobre os cinemas de Varginha em 1941, falou *O Sul-Mineiro Ilustrado*:

Possui Varginha 2 casas de projeção de filmes, destacando-se entre elas o Teatro Capitólio, no ponto mais central da cidade, edificio moderno, de bela arquitetura, com a seguinte capacidade:

Frizas 120 lugares

Balcões 86 lugares

Plateia 430 lugares

Galerias 300 lugares

Total 936 lugares

O Cine Rex, de construção mais recente, embora sem a preocupação de luxo que se nota no Teatro Capitólio, é perfeitamente confortável, dispondo de capacidade para 470 espectadores, sendo 120 balcões e 350 cadeiras na plateia. Ambos os cinemas são dirigidos pela Empresa Nogueira, sendo o Teatro Capitólio da firma Navarra & Irmãos, que o arrendou à referida empresa, proprietária do Cine Rex.



Figura 9 – Fachada do Cine Rex em 2017. Edificação em processo de demolição.

Fonte: Acervo do autor

Em 1944, lê-se nas páginas do jornal: “A Empresa Prince e Souza apresentará hoje em seus cinemas”. Os cinemas de Varginha eram agora comandados por outra empresa, a Prince e Sousa, e assim seriam até o final da década de 1990.

Pelas matérias disponíveis nos jornais consultados não ficam claras as exatas datas em que os cinemas passaram por alterações nas empresas que os administravam. A empresa dos irmãos Navarra era a proprietária do Theatro Capitólio e em algum momento na segunda

metade dos anos 1930 arrendou o teatro para a empresa Nogueira, firma de Antônio Ribeiro Nogueira, responsável pela construção e administração do Cine Rex.

Sabe-se pela matéria do *O Sul-Mineiro*, transcrita acima, que a Empresa Nogueira comandava os serviços dos dois cinemas da cidade (Capitólio e Rex). A administração dos cinemas saiu das mãos da empresa Nogueira no começo dos anos 1940 (provavelmente já em 1944) e passou para a Empresa Prince e Souza.

O *Dossiê de tombamento do Theatro Capitólio*<sup>36</sup> diz que Francisco Navarra vende o teatro para Antônio Ribeiro Nogueira por volta de 1935. Em 1945, o Capitólio é vendido para Inocêncio Prince de Souza, sendo seu primeiro administrador Francelino Bonnet. Logo em seguida, Aristides Prince de Souza assume a administração. O documento também diz que após a construção dos cinemas Rex e Rio Branco, o Capitólio deixa de ser um cinema lançador<sup>37</sup>, mudando o tipo de frequência.

É relatado pelos cidadãos varginhenses mais velhos e corroborado pela matéria transcrita acima (pela frase “sem a preocupação de luxo”), que o Cine Rex era um cinema com preços mais populares, sendo o Capitólio frequentado somente pela elite Varginhense. A inauguração do Cine Rio Branco em agosto de 1956, cinema a ser tratado no próximo item deste capítulo, fez a frequência diminuir no Capitólio, já que o cinema mais imponente da cidade e o principal salão nobre era agora o da *boulevard* varginhense.

Não demorou muito para que se degradassem as instalações do Cine-Teatro Capitólio e ele se tornasse o “poeira”<sup>38</sup> da cidade no desenrolar dos anos 1960. O *footing* e o agrupamento de jovens que tomavam a Rua Presidente Antônio Carlos, nas imediações do Capitólio, desaparecem. Logo, também desaparecem os bares do local, sendo substituídos por casas comerciais e bancos. O movimento passa a acontecer na Avenida Rio Branco, junto ao Cine Rio Branco.

O cineteatro continuou funcionando concomitantemente aos cines Rex e Rio Branco, sendo os três comandados pela mesma empresa. Segundo o dossiê de tombamento, o Theatro Capitólio funcionou apenas como cinema nos anos 1970, sendo exibidos filmes de luta marcial e eróticos, chegando a sua decadência total em 1982, quando fechou as portas. A prefeitura, a cargo de Eduardo Ottoni, aluga o teatro de 1982 a 1983, período em que o estabelecimento funcionou somente como teatro. Em agosto de 1983, a Câmara Municipal

---

<sup>36</sup> Este documento não foi consultado integralmente durante a pesquisa. Trechos dele foram submetidos ao autor por Cláudio Martins via e-mail.

<sup>37</sup> Cinema no qual são lançados os filmes inéditos em circuito, geralmente seguindo o calendário de lançamento nacional de uma determinada distribuidora.

<sup>38</sup> Apelido dado aos cinemas populares e sem investimento em manutenção do espaço.

aprova a compra do teatro pela Prefeitura por 60 milhões de cruzeiros. O Capitólio passa por reformas e é reaberto novamente em 1985, sendo administrado pela Fundação Cultural de Varginha e deixando de operar como cinema.

Em 1999, o jornal *Gazeta de Varginha* publicou a matéria *Capitólio pode se tornar sala de projeção*, relatando o projeto em parceria entre a Fundação cultural do Município de Varginha e a Fepesmig (Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas) que visava a utilização do Theatro Municipal Capitólio como sala de cinema, além de palco teatral. Mas o projeto não foi para frente e a comunidade varginhense seguiu órfã de cinemas.

### 2.3. O CINE RIO BRANCO E O FIM DOS CINEMAS DE RUA

Os Cine Rex e Rio Branco, da Prince e Sousa agora dividiam, quase sozinhos, o público varginhense. O primeiro sendo o cinema do povo, o segundo sendo o “palácio cinematográfico” da elite.

A edição da *Tribuna Varginhense* que anuncia a inauguração do Rio Branco denomina a empresa a cargo dos cinemas como “Empresa Cinematográfica Prince de Sousa Ltda”. No mesmo periódico são listados alguns de seus numerosos sócios: “de que fazem parte a sra. d. Geralda Gomes de Biaso, a viúva José Balbino dos Reis Filho e os srs. José Resende Paiva, Joaquim Pelozo, Otávio Marques de Paiva, José Pedro Ribeiro e outros”<sup>39</sup>. O gerente geral da empresa era Aristides Prince de Sousa.

Orçado em 13 milhões de cruzeiros, [o Cine Rio Branco] será um dos mais modernos cinemas do Brasil, considerado por técnicos de São Paulo e Londres, 100% perfeito, quer em acústica, quer em visibilidade [...] a sua capacidade será para 1.500 lugares, com poltronas ‘brafor’ inteiramente estofadas e aparelhagem Simplex X-L completa, comportando todo e qualquer sistema de projeção existente, como cinemascope, vista vision, superscope e tela panorâmica. Além disso, novo cinema [...] contará com amplas salas de espera, bombonière, café, cigarreira, etc.

A *Tribuna Varginhense*, na edição do dia posterior à abertura do cinema, publicou elogios à cerimônia realizada no Clube de Varginha que compôs as festividades da inauguração do Cine Rio Branco e destacou a emoção do redator ao entrar no Cine Rio Branco pela primeira vez.

[...] o que vimos, além da importância que tem para o progresso da cidade, chegou a emocionar intensamente, e superou os limites máximos da expectativa formada em torno da grandiosa realização. A inauguração do Cine Rio Branco produziu um encontro coletivo de sensibilidade, elegância, graça e sedução.

<sup>39</sup> Tribuna Varginhense. Diretor: Paulo Ramos de Resende. Ano 1. N. 18. 1 de julho de 1956. Varginha.

O autor ainda parabenizou a todos os envolvidos na construção e escreveu: “registre-se aqui, que o nosso Cine Rio Branco foi incluído entre os três melhores cinemas do Brasil”. As palavras do jornalista exemplificam o estado de euforia em que se encontrava a cidade, que via na construção um monumento moderno e símbolo de desenvolvimento.

O majestoso Cine Rio Branco (figura 10), localizado no ponto nobre da cidade – Avenida Rio Branco, ao lado do largo da Igreja Matriz –, foi o primeiro cinema de Varginha frequentado por mim, em 1998. O filme era *Titanic* (1997), de James Cameron, um sucesso de bilheteria. O cinema era grande, imponente para uma criança, e sua maior propaganda era “a maior tela da América Latina” que causava certo impacto, apesar de não ter fonte comprovada e ser direcionada a um público que não tinha outro cinema como referência.



Figura 10 – Avenida Rio Branco com o Cine Rio Branco à esquerda (anos 1950).  
Fonte: Reprodução Museu Municipal de Varginha.

O cinema de 1480 lugares, com plateia inferior e superior, estava lotado. Com a sessão já iniciada foi necessário que o lanterninha nos acompanhasse até lugares vagos, que se situavam na primeira fileira. Mal conseguia ver toda a tela, tinha que virar a cabeça para chegar até as bordas. As pessoas falavam alto, a pipoca parecia ainda estar na panela, ela voava para todos os lados. Parte do público do mezanino atirava doces e pipoca no público sentado em baixo. Mal me lembro do filme em si (assisti de novo anos depois), em 1998 tinha apenas seis anos, e não tinha ideia de que *Titanic* foi o último filme em cartaz no Rio Branco

antes de seu fechamento no mesmo ano, o que mostra que nem mesmo um filme com uma bilheteria tão alta pôde salvar o cinema do naufrágio.

Inaugurado no dia 25 de agosto de 1956 com o filme *Rapsódia* (1954), por uma dissidência entre seus vinte sócios na eminência de um investimento para sua modernização, o Cine Rio Branco fechou as portas em 1998, quando foi comprado pelas Casas Pernambucanas. O Centro Cultural Oneyda Alvarenga entrou em ação para impedir a modificação da construção, com o intuito de mais tarde fazer do cinema seu centro cultural. O tombamento pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG (a pedido do recém-criado movimento dos Sem Tela, que mobilizou pessoas para uma passeata em prol da não demolição do cinema ou troca de sua função), aconteceu no ano de 1999, inviabilizando a aquisição do local pela magazine (que havia pagado uma pequena parcela do montante de R\$ 1,5 milhões pelo cinema, segundo o proprietário Fernando Prince). Negócio desfeito, os antigos proprietários retomaram o local, que permanece fechado até hoje.

O jornal *O Correio do Sul* fez uma publicação no dia 9 de setembro de 2010 intitulada: *Empresários afirmam que Cine Rio Branco poderá voltar a funcionar brevemente*. Aloisio Araujo Prince (filho do fundador do cinema, Aristides Prince de Souza), Gil Braga Pinto Coelho e Sergio Geisler Prince visitaram a redação do jornal para relatar os planos de reabertura do cinema. Sergio Prince falou ao periódico:

A revitalização será feita daquilo que pode ser aproveitado, preservado, e temos que pensar na sustentabilidade. Logicamente, o Cine Rio Branco não vai voltar a ser o que era antes, mas iremos trabalhar para chegarmos o mais perto possível da grandiosidade que era este patrimônio.

Este “novo” Cine Rio Branco tornar-se-ia um “miniplex”, modelo moderno de cinema de rua que contempla geralmente mais de uma sala de exibição e lojas como cafeterias e livrarias. A grandiosa sala de exibição seria dividida em duas salas menores, lojas e outros “locais para o entretenimento dos varginhenses”.

Durante as entrevistas para este trabalho, ao perguntar o que antigos espectadores se lembravam do cinema, muitos relataram sobre arranjos de flores metálicos pendurados nas paredes acarpetadas em verde da sala de exibição que possuíam lâmpadas em suas flores, mudando de cor de acordo com a música – tema do filme *Love Story* (1970) – que tocava antes das sessões. Outros disseram pouco se lembrar dos filmes que assistiram e que essa não era a preocupação, o que importava era que estavam em uma sala escura, podendo namorar

sem empecilhos (contanto que o lanterninha não os visse), antes ou depois do *footing* que faziam na Praça da Igreja Matriz, localizada em frente ao cinema.

Na década de 1960, a Empresa Prince e Sousa mantinha três cinemas em funcionamento. A imprensa da época veiculava anúncios dos cinemas Rex e Rio Branco, mas nem sempre anunciava o Cine-Theatro Capitólio. Quanto à oferta de filmes, a programação dos cinemas ficara bem mais similar às programações que vemos hoje, constando no cabeçalho a semana de vigência da programação, seguida pelos dias e horários dos filmes, havendo uma oferta de filmes variada e diferenciada entre os cinemas.

Página 3	TRIBUNA VARGINHENSE			Varginha, 2 de Julho de 1961
<p><b>Cine Rio Branco</b> SEMANA DE 2 A 8 DE JULHO DE 1961</p> <p>HOJE — em «Matinée» às 2:15 hs. «A LEI DO MAIS VALENTE» Clint Walker, Andra Martin e John Russell - Tecnicolor -</p> <p>HOJE às 6:20 e 8:30 hs. e AMANHÃ às 8:00 hs. «PARAÍSO ROUBADO» Annie Rosar, Kurt Meisel e Hans Holt - Tecnicolor -</p> <p>2ª feira às 8:00 hs. «A PEQUENA MAIS SABIDA DE PARIS» Martine Carol e Michel Piccoli - CinemaScope -</p> <p>4ª feira às 8:00 hs. «KAMIKAZE — OS HOMENS SUICIDAS» Yujiro Ishihara e Ryoji Hayama</p> <p>5ª feira às 8:00 hs. «NO LIMIAR DA REALIDADE» Leo Massari, Cosetta Greco e Enrico Paganì</p> <p>6ª feira às 8:00 hs. «MOSQUETEIROS DA ÍNDIA» Stan Laurel e Oliver Hardy (O Gordo e o Magro)</p> <p>Sábado às 4:00 e 8:00 hs. «AS AVENTURAS DE PEDRO MALAZARTES» Mazzaropi, Geny Prado e Dorinha Duval</p>	<p><b>Cine Rex</b> SEMANA DE 2 A 8 DE JULHO DE 1961</p> <p>HOJE em «Matinée» às 2:15 hs. «O PRISIONEIRO DE ZENDA» Stewart Granger, Deborah Kerr e James Mason - Tecnicolor - 2ª Cont. da série: «MARAVILHOSO MASCARADO»</p> <p>HOJE às 6:20 e 8:20 hs. «O PRISIONEIRO DE ZENDA» Stewart Granger, Deborah Kerr e James Mason - Tecnicolor -</p> <p>2ª feira às 8:00 hs. «PERVERSIDADE SATÂNICA» Jeanne Moreau, Philippe Nicaud e Gerard Philippe - Imp. até 18 anos -</p> <p>3ª feira às 8:00 hs. «A LEI DO MAIS VALENTE» Clint Walker, Andra Martin e John Russell - Tecnicolor -</p> <p>4ª feira às 8:00 hs. «MODELADOR DE ALMAS» Sara Montiel e Ramon Gay - Imp. até 18 anos -</p> <p>5ª feira às 8:00 hs. «PARAÍSO ROUBADO» Annie Rosar, Kurt Meisel e Hans Holt - Tecnicolor -</p> <p>6ª feira às 8:00 hs. «NO LIMIAR DA REALIDADE» Leo Massari, Cosetta Greco e Enrico Paganì</p> <p>Sábado em «Matinée» às 3:00 hs. «MOSQUETEIROS DA ÍNDIA» Stan Laurel e Oliver Hardy (O Gordo e o Magro)</p> <p>Sábado às 8:00 hs. «DIANA CAÇADORA» Ana Luiza Peluffo e Armando Gólvio - Maxi scope - Tecnicolor -</p>	<p><b>Cine Capitólio</b> SEMANA DE 2 A 8 DE JULHO DE 1961</p> <p>HOJE em «Matinée» às 2:15 horas 1ª Continuação da série: «MARAVILHOSO MASCARADO» 2ª «O PRISIONEIRO DE ZENDA» Stewart Granger, Deborah Kerr e James Mason - Tecnicolor -</p> <p>HOJE às 6:20 e 8:20 hs. e AMANHÃ às 7:45 hs. «A LEI DO MAIS VALENTE» Clint Walker, Andra Martin e John Russell - Tecnicolor -</p> <p>3ª feira às 7:45 hs. «PARAÍSO ROUBADO» Annie Rosar, Kurt Meisel e Hans Holt - Tecnicolor -</p> <p>4ª feira às 7:45 hs. «PERVERSIDADE SATÂNICA» Jeanne Moreau, Philippe Nicaud e Gerard Philippe - Imp. até 18 anos -</p> <p>5ª feira às 7:45 hs. «KAMIKAZE — OS HOMENS SUICIDAS» Yujiro Ishihara e Ryoji Hayama</p> <p>6ª feira às 7:45 hs. «MODELADOR DE ALMAS» Sara Montiel e Ramon Gay - Imp. até 18 anos -</p> <p>Sábado às 7:45 hs. «MOSQUETEIRO DA ÍNDIA» Stan Laurel e Oliver Hardy (O Gordo e o Magro)</p>		

Figura 11 – Programação dos cinemas Prince & Sousa na Tribuna Varginhense  
Fonte: Tribuna Varginhense, 1961.

É possível notar na publicação da *Tribuna Varginhense* do dia 2 de julho de 1961 (figura 11) a repetição dos filmes em cartaz na programação dos três cinemas. Os filmes ofertados na citada programação semanal (2 a 8 de julho de 1961) são: *A Lei do Mais Valente* (1959), um *western*; *Paraíso Roubado* (1958), um drama alemão; *A Pequena Mais Sabida de Paris* (1957), uma comédia franco-italiana; *Kamikaze – Os Homens Suicidas* (1956), um filme japonês de guerra; *No Limiar da Realidade* (1957), um drama italiano; *Mosqueteiros da Índia* (1935), uma comédia do Gordo e o Magro; *As Aventuras de Pedro Malazartes* (1960), uma comédia do Mazzaropi; *O Prisioneiro de Zenda* (1952), uma aventura; *Maravilhoso*

*Mascarado* (1943), uma minissérie de super-herói; *Perversidade Satânica* (1958), um *thriller* francês; *Modelador de Almas* (1953) e *Diana Caçadora* (1957), dois dramas mexicanos.

Dos doze filmes, nove estão espalhados na programação dos três cinemas, fazendo com que um mesmo filme seja ofertado em mais de um dia na semana e em mais de um cinema. Há também uma variedade na nacionalidade das produções ofertadas neste programa, em oposição a uma esperada hegemonia hollywoodiana.

Há relatos que a ex-superintendente do Instituto de Patrimônio Histórico do Estado disse faltar idade para a construção ser tombada, mas mesmo assim a fachada, o mezanino e a tela foram tombados. Muito foi dito da abertura de um centro cultural (motivo do pedido de tombamento), mas nada se concretizou. Durante a pesquisa tais projetos não foram encontrados, mas segundo relatado pelo jornalista Marcus Madeira, Leandro Acayaba, vereador da cidade, apresentou para a câmara projetos para que o Município adquirisse o local e fizesse do Rio Branco um salão nobre, já que “a cidade não possui um local adequado para eventos e shows como os que eram realizados no teatro Capitólio, que ficava apertado para receber o público”. Apesar da reativação do lugar, a transformação do cinema Cine Rio Branco em um Centro de Convenções, como se pode inferir pela notícia supracitada, é pouco ou nada satisfatório no que diz respeito à preservação de um local de exibição cinematográfica. Tal projeto, apesar de manter certa arquitetura original (partes tombadas)<sup>40</sup>, poderia facilmente anular a importância do patrimônio cultural, diminuindo sua relevância como sala de cinema e até como um centro cultural.

---

<sup>40</sup> O projeto arquitetônico do cinema foi feito por José Braga Jordão





Figura 12 – Fachada modernista do Cine Rio Branco. Foto de 2017.  
Fonte: Elaborado pelo autor.

O atual prefeito Antônio Silva se reuniu em abril de 2013 com o presidente do IEPHA/MG, Fernando Viana Cabral, para tratarem do Cine Rio Branco. Também participaram da reunião Renato César José de Souza, diretor de conservação e restauração do IEPHA/MG, Fernando Prince, um dos proprietários do Cine Rio Branco e o Prof. Francisco Graça Moura, Diretor Superintendente da Fundação Cultural de Varginha. Um novo projeto foi lançado ao IEPHA, propondo a construção de um centro cultural e a criação de duas salas de exibição cinematográfica. O instituto exige que algumas características sejam mantidas, como a fachada, elementos decorativos das paredes, móveis e estilo do hall de entrada e de espera. O Governo Municipal atual promete uma solução para a questão em seu programa de governo. O Governo Estadual parece ter desistido do caso após tombar o prédio, assim como os ditos Sem Tela, que se desmobilizaram depois do tombamento.

Seja como for, o cinema Rio Branco se tornou um grande “elefante branco”. O local está fechado há quase 16 anos e está cada vez mais deteriorado. A grande tela Vistavision

Cinemascope continua lá, já rasgada e com fungos. As poltronas que ainda não foram arrancadas estão inutilizáveis, o piso teve parte arrancada em uma vistoria do corpo de bombeiros, e parte do teto cedeu devido à infiltração. Ao perguntar para um projetorista local sobre o cinema, ele disse ter nascido uma árvore em algum lugar da plateia. Há indícios que o projetor Simplex 35 mm também está lá.

Além das iniciativas públicas ineficientes para reativar o lugar, a iniciativa privada, não tendo interesse em assumir os gastos com a reforma e os riscos da falta de público, a propriedade do terreno está nas mãos de uma sociedade desfeita, e a parte majoritária do cinema ficou nas mãos do sócio José Fernando Prince, que morreu este ano, tendo o filho – também Fernando Prince – assumido a administração e lutado, tanto para não deixar desmoronar o edifício, quanto para levantar parcerias com o poder público para reabrir o local (por contato telefônico em 2017, Fernando Prince relata ter acabado de trocar as telhas do cinema para evitar infiltrações). O cinema caiu em um limbo e seu futuro é incerto.

Uma nova esperança surgia em Junho de 2000, quando foi inaugurado o Cine Princesa. Cinema de 245 lugares, no centro da cidade, na Rua Professora Helena Reis, 49 (em local menos nobre do que o Cine Rio Branco). Contava com projeção em 35 mm e som DTS Dolby Digital, que foi instalado somente após uma revisão geral de suas instalações e equipamentos em 2005, melhorando também a refrigeração da sala e limpeza de seus estofados e carpetes. Em matéria publicada no site *Varginha Online*<sup>41</sup>, o cinema é dito como “o melhor cinema em matéria de conforto, Som e Projeção no padrão americano de Minas Gerais”.

O Cine Princesa foi criado por uma sociedade (Prinsul) composta por dois sócios sem experiência nenhuma no ramo: Mário e Paula Cincoetti, além de um empresário que já possuía cinemas em Pouso Alegre (MG), Muriaé (MG) e em Três Rios (RJ), o ex-sogro de Mário, Fernando (sobrenome omitido durante a entrevista), que convenceu seu genro ser um negócio rentável montar um cinema<sup>42</sup>.

Enquanto parte da sociedade da empresa Cinematográfica Prinsul LTDA comandava o Cine Princesa, Paula e Mário alugaram um terreno em uma rua próxima (Rua Ministro Bias Fortes) e começaram a fazer um cinema com duas salas. Ao lado estava sendo construído um galpão de um supermercado, cujos donos desistiram do investimento, alugando o galpão para o cinema. Lá foi construída uma praça de alimentação com duas *bombonieres* e os dois caixas

---

<sup>41</sup> Disponível em: [http://www.varginhaonline.com.br/noticias/exibe\\_noticia.asp?id=6403](http://www.varginhaonline.com.br/noticias/exibe_noticia.asp?id=6403)

<sup>42</sup> As informações sobre os Cines Master e Princesa foram retiradas de uma entrevista concedida por Paula e Mário Cincoetti em 2014.

da bilheteria. Este cinema foi inaugurado em 28 de Junho de 2002. O Cine Master contava com uma sala de 190 e outra de 150 lugares.

Muito se falou, principalmente entre crianças e adolescentes, sobre o novo cinema que tinha até praça de alimentação, além de duas salas de exibição. As exibições dos dois primeiros filmes da franquia *Harry Potter* foram um sucesso. *Harry Potter e a câmara secreta* (2002) estreou em Varginha no mesmo dia dos grandes centros, levando muito público às duas salas do cinema. Tamanha era a expectativa do público infanto-juvenil varginhense que eu mesmo me recorde de ter saído da escola mais cedo para comprar o ingresso e ser o primeiro da fila na sessão das dezoito horas.

A partir de minhas experiências pessoais é possível reconstruir o comportamento do público nestes cinemas. Quando adolescente, eu e um grupo de amigos íamos ao Cine Master às sextas-feiras, dia em que estreavam os filmes. Por vezes éramos chamados pelo filme, mas na maioria das vezes, como nossos pais, íamos ao cinema para paquerar e se isso não fosse possível e o filme não nos agradasse, ficávamos contentes em usar a pipoca como arma e estragar a sessão para o pequeno público interessado no filme.

Com parte da sociedade focada no Cine Master, o Cine Princesa decaiu. O sócio Fernando arrendou grande parte do Princesa sem o consentimento dos outros dois, ficando prejudicada a administração do cinema. O Cine Princesa foi abandonado ainda com as portas abertas. Um funcionário da emissora de televisão localizada ao lado, a EPTV, que não tinha qualquer filiação com o cinema, fechou as portas e avisou Paula Cincoetti sobre o abandono. Pelos seus arrendamentos e dívidas acumuladas, Paula foi incapaz de reaver o controle do cinema, que permaneceu fechado.

O Cine Master (figura 13) continuava. Segundo contado por Paula, houve uma tentativa em fazer da menor sala um espaço para uma programação mais artística no período em que os grandes *blockbusters* não eram lançados, mas sofria com a falta de público, que preferia as comédias da sala ao lado. Mário Cincoetti conta ter desenvolvido um mecanismo para a temporada dos arrasa quarteirão. Para as duas salas do Cine Master havia uma só cabine de projeção, tornando possível integrar os dois projetores por meio de uma instalação de roldanas no teto. Pelas roldanas corria a película cinematográfica, indo de um projetor a outro, permitindo a exibição da mesma cópia 35 mm nas duas salas quase que simultaneamente. A invenção possibilitou a criação de sessões extras, o que aumentou o lucro do cinema.



Figura 13 – O primeiro Cine Master.  
Fonte: Reprodução Blog do Madeira.

Algum tempo depois, em meados de 2008, o aluguel do terreno em que estava construído o Cine Master subiu de R\$ 2.000,00 para R\$ 8.000,00. Foi ofertado o montante de R\$ 4.000,00, mas a oferta foi negada, fazendo com que o cinema fechasse. Já em andamento no poder judiciário (antes da mudança no valor do aluguel e fechamento do Cine Master) a ação para retomar os direitos sobre o Cine Princesa deu resultados e Paula conseguiu reabrir o cinema, mudando seu nome para Cine Master (figura 14) – mesmo nome do antigo cinema de duas salas também administrado por Paula – e diminuindo o número de lugares para 235 (retirando a última fileira), após vitória do Corpo de Bombeiros.

Os projetores do antigo Master estão na casa do Sr. Mário, já as poltronas, telas e parte de outros equipamentos estão guardados em um depósito localizado atrás da tela do novo Master, localizado no mesmo endereço e operando com o mesmo equipamento do Cine Princesa, incluindo o projetor Simplex de 1954<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Ao ser questionado sobre a avançada idade do projetor, Mário disse: “projetores eram iguais a carros, só mudaram agora com as partes eletrônicas”. Projetores 35 mm apresentam muita resistência ao envelhecimento e tardam a ficar inoperantes ou ultrapassados, exceto pelo leitor de som. Muitos cinemas, em especial os de pequeno porte localizados em cidades pequenas, montaram sua cabines com projetores de 35 mm usados, tendo seus motores retificados e poucas partes substituídas. Uma das empresas brasileiras de destaque a realizar o serviço de reforma de projetores no Sudeste é a Santa Clara Poltronas, localizada em São Paulo. Ela também é responsável por toda instalação das salas de cinema, incluindo poltronas, carpetes, lâmpadas, som e cabine de projeção.



Figura 14 – Local onde funcionavam os Cines Princesa e Master. Foto de 2017.  
Fonte: Acervo do autor.

Minhas últimas lembranças de uma sessão no Cine Master são de 2010, do filme *O fim da escuridão* (2010), estrelando Mel Gibson. A projeção estava levemente fora de foco e com pouco brilho, provavelmente a lâmpada do projetor estava no fim de sua vida útil <sup>44</sup>. O som era o que mais chamava atenção. Somente a coluna central funcionava – não era possível notar o funcionamento de nenhum dos outros canais do sistema DTS Dolby Digital 7.1, exceto por um leve ruído –, operando a um nível de decibéis baixo e com uma equalização muito aguda, que obviamente não fazia parte da mixagem do filme.

Na volta ao cinema em 2014, ao realizar a entrevista com a proprietária, que na ocasião também exercia a função de secretária de frente e bilheteira, constatei que o cinema se encontrava nas mesmas condições de antes, com algumas letras a mais queimadas no letreiro luminoso de neon da fachada <sup>45</sup>.

O Cine Master encontrava-se ameaçado. Além da impossibilidade de aumentar os preços do ingresso e dos produtos da *bomboniere* <sup>46</sup> e da impossibilidade de contratar o serviço de pagamento eletrônico por cartão de crédito ou débito pela porcentagem cobrada pelo serviço – que significariam perda do pouco público que têm – o cinema sofre com a digitalização.

<sup>44</sup> A perda do brilho quando estão no fim de sua vida útil independe da qualidade da lâmpada. Além do fim da vida útil, o que pode ter acontecido para ocasionar a perda do brilho foi a falta de ajuste no posicionamento da lâmpada em relação à sua distancia da película.

<sup>45</sup> Não foi possível verificar a condição da projeção e do som da exibição.

<sup>46</sup> Em 2014, o ingresso de valor integral custa R\$ 14,00, a pipoca grande R\$ 7,00, a lata de refrigerante custa R\$ 3,50. No Cinemark Botafogo Praia Shopping o preço do ingresso é R\$ 22,00, a pipoca equivalente a mencionada custa R\$ 9,00 e o refrigerante sai a R\$ 5,00 (refrigerante de máquina 300 ml).

As pequenas salas de cinema que ainda projetam em película 35 mm estão encontrando grandes dificuldades para se manter, uma vez que estão se tornando cada vez mais escassas as cópias em película e seu transporte e locação têm preços mais elevados do que o digital. Um menor número de cópias nesse suporte significa um atraso nas estreias dos pequenos exibidores, pois estes têm de esperar o remanejamento de cópias na posse dos grandes exibidores, prioridade para as distribuidoras. Isto frequentemente acontece e é maléfico ao cinema, lembrando que “a disponibilidade de cópias dos filmes na semana do lançamento é condição essencial para uma sala de cinema ter rentabilidade, já que é nesse momento que ocorre uma concentração dos investimentos de publicidade, gerando receitas mais rápidas”<sup>47</sup>.

A digitalização para a maioria dos pequenos exibidores pode significar a falência. Os projetores digitais e os novos sistemas de som são caros e necessitam de uma nova qualificação profissional para manuseá-los. O investimento na projeção digital é alto, porém necessário, uma vez que, além da problemática da disponibilidade das cópias mencionada acima, também se configura como um atrativo para o público. Mas dificilmente exibidores que já há muito se encontram no vermelho conseguirão fazer essa passagem com sucesso se não forem amparados.

Neste âmbito, a ANCINE desenvolveu o Programa Cinema Perto de Você. O programa visa expandir o parque exibidor brasileiro, oferecendo financiamentos (via linha de crédito do Fundo Setorial do Audiovisual e BNDES) e soluções para a construção de salas de exibição cinematográfica, tal como a digitalização de salas já existentes. Apesar dos números expressivos demonstrados pela apresentação do programa<sup>48</sup>, ele está longe de ser satisfatório para os pequenos exibidores, que além de não conseguirem a linha de crédito necessária, sofrem impasses com o modelo VPF<sup>49</sup>, que pode agir mais a favor das distribuidoras do que o proposto e pode ser insuficiente para cinemas que já se encontram em funcionamento há mais tempo.

A Cota de Telas, normalizada pelo Decreto 7874/2012 e a Lei da Meia-entrada (Lei N° 12.933, de 26 de Dezembro de 2013), segundo Paula, também dificulta a situação. A primeira

---

<sup>47</sup> Excerto do site da ANCINE sobre o programa Cinema Perto de Você. Disponível em <http://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/digitalizacao/linhadecredito>

<sup>48</sup> Disponível em [http://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/sites/default/files/Projeto\\_Digitalizacao\\_310113.pdf](http://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/sites/default/files/Projeto_Digitalizacao_310113.pdf)

<sup>49</sup> Sigla de *Virtual Print Fee*. VPF é um mecanismo de financiamento para auxiliar na primeira compra de equipamentos digitais de cinema que substituirão projetores de película. É um subsídio pago pelo distribuidor na compra dos novos equipamentos que tem relação direta com a exibição dos filmes desta distribuidora pelo exibidor auxiliado via VPF e com a economia feita no processo de envio e manufatura das cópias digitais, que saem mais baratas do que as cópias em película. Detalhes sobre este modelo podem ser consultados no link: [http://mkpe.com/digital\\_cinema/faqs/#vpf](http://mkpe.com/digital_cinema/faqs/#vpf).

representa para ela expressiva perda de público, já que o público varginhense não é atraído por produções nacionais e seu cinema possui somente uma sala que funciona com dois horários de exibição por dia. A entrada do filme nacional em cartaz significaria prejuízo, a saída encontrada foi o que é chamado de “colocar o filme na prateleira”, ou seja, os rolos do filme nacional que deveriam entrar em cartaz chegam e são colocados em uma prateleira, e de lá não saem até serem recolhidos pela distribuidora. A segunda representa perda nos lucros. No dia de condução da entrevista entrava em cartaz *Jogos Vorazes: A Esperança – Parte 1* (2014), que estreava no mesmo dia do resto do Brasil. Fui à bilheteria e constatei que até 10 minutos antes da sessão foram vendidos 134 ingressos “inteiras” e 68 “meias”, o que foi caracterizado pela proprietária como um prejuízo.

O Cine Master passou pelo processo de digitalização no ano de 2016, mas a modernização das salas não foi suficiente para aguentar a concorrência imposta pelo complexo Cinemark de quatro salas (figura 15) instalado no primeiro *shopping center* de Varginha, em 2016, o Via Café Garden Shopping. O último cinema de rua de Varginha foi vendido e fechou as portas em 2017.



Figura 15 – Cinemark Via Café.  
Fonte: Acervo do autor.

### 3. O MULTIPLEX

Pela entrevista concedida por Vinícius Pagin, *Head Film Buyer* (programador) do Brasil para a empresa texana Cinemark, é possível estabelecer um panorama da atual distribuição cinematográfica no país, assim como da programação feita no circuito do grande público. Tudo isso, é claro, pelo ponto de vista do maior exibidor do país, a Cinemark, voltada para o mercado dos *blockbusters*. A empresa tem a maior fatia do mercado de exibição brasileiro<sup>50</sup> e a maior presença, com quase 20% do total de salas e 10,9% do total de cinemas do Brasil<sup>51</sup>.

A entrevista traz algumas visões do programador da multinacional sobre o lugar ocupado por sua empregadora no mercado de exibição brasileiro e suscita as discussões apresentadas neste capítulo. Pagin também fala sobre o crescimento do parque exibidor nacional e sobre a programação da rede Cinemark.

Esta entrevista, apesar de parecer fugir do recorte estudado aqui, presta auxílio a este trabalho, pois os assuntos abordados pelo entrevistado e sua visão do que é a exibição no Brasil são importantes para a compreensão de como o público brasileiro é – englobando o varginhense – e de como ele está sendo formado e influenciado pelas grandes redes de cinema. Ainda, será possível notar neste capítulo como a presença do Cinemark é maciça e como é o circuito exibidor cinematográfico de Varginha hoje, que conta somente com as quatro salas do complexo Cinemark no *shopping center*.

Aqui é de importância destacar os contextos tanto da exibição na sala de cinema, quanto do consumo audiovisual feito pela audiência varginhense. Durante os sete anos que precederam a chegada da Cinemark na cidade Varginha contava com uma sala de cinema – o Cine Master – de pouco mais de 230 lugares, com projeção em película 35 mm. Nestes anos, o uso da internet – conexão banda larga acessível, serviços de streaming e compartilhamento de arquivos – e o *home cinema* – casas equipadas com os então modernos televisores de tecnologia Plasma ou LCD (e pouco depois o LED) de tela plana em formato *widescreen* (que muito trazia a ideia do Scope, usado e propagandeado como inovação do cinema) e os potentes *home theaters*, que entregavam na sala de casa o potente som *surround 5.1* – já estavam consolidados e disseminados.

---

<sup>50</sup> Segundo a Revista Filme B de abril de 2017, a rede Cinemark detém 24,9% do *market share* nacional, “com 610 salas distribuídas por 82 complexos, em 45 cidades brasileiras”. Revista disponível em <http://www.filmeb.com.br/sites/default/files/revista/revista/filmeb-campos2017-baixa.pdf>

<sup>51</sup> Panorama da Exibição. *Revista Filme B*. Rio de Janeiro, p. 56, abril 2016.



O uso e barateamento destas tecnologias, atrelados à mudança de polo de entretenimento e lazer da cidade e à sensação de insegurança urbana (do centro para lugares mais afastados, como aquele em que o Shopping Via Café fora construído), fez com que houvesse uma mudança nos hábitos culturais da população Varginhense. O centro da cidade não era mais atrativo. Ir ao cinema era inseguro e desnecessário.

Neste contexto, uma novidade chega à cidade: o *shopping center*. Uma nova área de lazer, de *footing*, de compras, com promessas de segurança para transitar e estacionar veículos e com um cinema aos moldes mais modernos, aos moldes das grandes capitais. Com a chegada do shopping e da Cinemark, a audiência do Cinema em Varginha volta seus olhos para a novidade, para as novas tecnologias (o 3D atual, por exemplo), para a estreia dos filmes junto com os grandes centros (o Cine Master, além de ser uma empresa de pequeno porte, utilizava a película em uma era na qual as empresas de distribuição cinematográfica se esforçavam para empurrar o mercado para as cópias digitais em padrão DCI, o que significava para o Master atrasos na distribuição dos lançamentos, quando estes eram disponibilizados).

Varginha teve entre 1904 e 2018, 12 salas de cinema. Hoje, tem seu menor número de cinemas (apenas um), maior número de salas (quatro), mas menor número de lugares (800), muito menos do que os 2.862 lugares que tinha entre os anos 1956 e 1982. Estes dados são impactantes ao pensar que as salas de cinema representam uma importante janela de exibição (e fonte de renda) e também impactam em como o público recebe os filmes. Em um cenário com múltiplas salas, lugares e cinemas, há maior diversidade de filmes, horários, disponibilidade e preços variados de ingresso e maior presença da sala de cinema na paisagem urbana. Tudo isso exerce influência direta no modo de ver das audiências, das suas escolhas em frequentar ou não estes espaços e do que estes locais têm a oferecer. Esta oferta delimitará, ou ao menos, redirecionará o consumo de conteúdo audiovisual.

### **3.1. OFERTA DE PRODUTOS NA PROGRAMAÇÃO**

A programação feita pela equipe de Vinicius Pagin tem seu maior trabalho concentrado na previsibilidade do sucesso que cada filme terá e sua rentabilidade é maior se a partir desta “previsibilidade” a equipe de programação conseguir fixar um valor para a exibição do filme junto à distribuidora, ao invés de pagá-la uma porcentagem da bilheteria (negociação do número de semanas em cartaz a 50%), o que pode variar de 40% a 50% para o distribuidor do total de ingressos vendidos (segundo o entrevistado). À previsibilidade somam-se as escolhas de como o filme entrará no mercado, ou seja, o número de salas

ocupadas por ele, quais serão essas salas, em quais cinemas e em quais versões o filme estará disponível (dublado, legendado, 2D, 3D, D-Box, dentre outras).

A programação, mesmo que completamente voltada para a demanda do público, acaba delimitando as opções do espectador, tanto na escolha dos filmes em cartaz (pela empresa ser a maior do país e por se focar nos grandes lançamentos), como nas versões disponíveis. Este é o caso do filme dublado e do filme legendado.

A dublagem feita para o circuito nacional no início da década de 1930, quando as salas faziam a transição entre o cinema silencioso e o sonoro, enfrentou uma enorme rejeição. As tentativas de dublagem haviam falhado para a crítica e para os fãs, assim como para os distribuidores e estúdios, já que a prática era dispendiosa. Um conjunto de fatores, que também englobava a apropriação tecnológica das salas, fez com que a legendagem se consolidasse como prática no país.

Atingir o público popular e analfabeto – que frequentava essas salas de exibição e para quem as legendas não fossem talvez a melhor solução – não tinha sido a prioridade das distribuidoras entre 1929 e 1931. Desse modo, experiências de dublagem só voltariam a ser arriscadas a partir do final da década, quando a conversão do circuito exibidor brasileiro estaria completa. Contudo, nesse momento também a legendagem já tinha definitivamente se consolidado como o padrão de adaptação das cópias estrangeiras para o mercado brasileiro. (FREIRE, 2015)

A exibição brasileira ainda seguiria uma grande batalha tentando implantar o cinema dublado no país, até mesmo por que enfrentavam um problema para suas bilheterias, já que o analfabetismo no país nas décadas de 1930 e 40 era elevado. O enorme sucesso de *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), lançado no Brasil em 1938 e dublado pelo Departamento de Dublagem da Sonofilmes, encabeçada por Moacyr Fenelon, abriu um caminho, ainda sinuoso, para a entrada da dublagem no circuito nacional (FREIRE, 2011, p.8-9).

Hoje, apesar de ainda não ter a total aceitação dos fãs e da crítica especializada, houve uma inversão da presença de filmes dublados no circuito exibidor. O filme dublado, segundo Pagin, representa por volta de 70% do público da Cinemark no Brasil. Em matéria feita pela Revista Filme B, o dublado representa 57% da renda e 59% do público, podem se somar a isso os nacionais, que representam 11% da renda e 13% do público <sup>52</sup>.

Por ser preferência da maioria do público, pela falta de espaço na grade de programação e do número reduzido de salas de alguns complexos cinemas da rede, determinados filmes são somente ofertados pela Cinemark em versões dubladas em determinadas regiões, limitando as opções do espectador.

<sup>52</sup> Versão Brasileira. *Revista Filme B*. Rio de Janeiro, p. 34 – 40. maio 2015.

No que diz respeito à determinação da programação por fatores técnicos, um paralelo pode ser traçado com o que ocorreu no início do cinema sonoro no Brasil (entre 1929 e 1932), em que a modernização dos cinemas localizados no centro da cidade possibilitou a exibição de filmes “falados”. Os cinemas de bairro ou periféricos, que não tinham capital para a modernização, só podiam exibir os filmes silenciosos, fator que limitou a oferta para estes lugares (FREIRE, 2012, p. 257).

A programação dos cinemas no interior dos estados e dos cinemas de bairros periféricos das cidades maiores também foi delimitada no começo da digitalização do parque exibidor. Os cinemas menores que ainda não tinham conseguido se digitalizar começaram a receber cópias ruins – já gastas pela quantidade de exibições – e atrasadas, na medida em que era de interesse dos distribuidores direcionarem a maior parte das cópias para os locais onde a renda seria maior (veja o caso relatado no capítulo anterior sobre o Cine Master). As dificuldades sofridas pelos exibidores que ainda estavam funcionando com projeções em película também serviam em favor das *majors*, que teriam seu custo reduzido e novas possibilidades de exploração dos seus produtos com a digitalização das salas (FREIRE, TORRES, 2011).

### 3.2. A FREQUÊNCIA

Apesar do crescimento do número de salas no país, muitos cinemas fecharam pela dificuldade de digitalização. É possível notar que o número dos chamados *multiplex* aumentou e o número de cinemas com uma sala diminuiu<sup>53</sup>, concretizando uma mudança no perfil do circuito exibidor (BRITZ, 2010, p. 84).

É interessante, também, traçar um paralelo com o que ocorreu a partir de 1965 na cidade de São Paulo, momento no qual a televisão se fortalece e os automóveis se popularizam, fazendo cair a atração pelo cinema. A diminuição na frequência do público, que agora foge do trânsito do centro da cidade e pode viajar para áreas mais calmas e ainda assim pode ver a novela e acompanhar o futebol (SIMÕES, 1990, p. 113), fez com que o cinema passasse por transformações. À diminuição do público soma-se a crescente especulação imobiliária, que encarece a manutenção das salas, principalmente nos centros urbanos.

---

<sup>53</sup> BRASIL. Cainan Baladez. Superintendência de Análise de Mercado - SAM (Ed.). Tabela 1 – Salas de exibição por tamanho do complexo – 2015. *Informe de Acompanhamento de Mercado: Segmento de Salas de Exibição*. Rio de Janeiro: Ancine, 2015. p. 5. Disponível em: <[http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe\\_Exibicao\\_2015.pdf](http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe_Exibicao_2015.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

Enquanto as salas periféricas ficavam às moscas ou simplesmente fechavam, as grandes salas do centro se dividiram, buscando aumentar a oferta de filmes. Mas as novas e menores salas, feitas às pressas e com o mínimo possível de investimento, sofriam com as más condições técnicas e mesmo com seus números multiplicados, não foi igualmente multiplicada a oferta de filmes.

Mas a divisão das salas não obedece de maneira geral aos preceitos básicos que poderiam garantir boas condições de projeção e conforto para o espectador. É certo que as salas se dividem, mas isto não significa que a programação esteja proporcionalmente multiplicada, além do que, as reformas nos prédios raramente levam em consideração normas técnicas que garantam diminuir os custos operacionais e utilizar ao máximo o espaço físico, vemos surgir o cinema quitinete, que dispensa até mesmo a sala de espera, espaço intermediário indispensável entre a luz da rua e a penumbra da plateia. (SIMÕES, 1990 p. 113)

### 3.3.A PRESENÇA

O problema enfrentado na década de 1970 persiste. O exibidor passou a ocupar outro lugar no ramo do entretenimento.

O efeito de outras formas de lazer e diversão é altamente corrosivo para o prestígio do mercado cinematográfico. A exibição não é mais, desde algum tempo, um negócio florescente. Quem já está no negócio procura permanecer, e o empresário do setor, antes uma espécie de mestre-de-cerimônias, sempre elegante e circulando entre as autoridades que “prestigiam” as noites de gala, ocupa agora no conjunto da atividade cinematográfica uma posição bastante incômoda, pois lhe cobram a responsabilidade direta na qualidade dos programas e pelas condições em que estes são apresentados. (Ibidem)

Com esta nova configuração, já observada no final dos anos 70, é possível entender o processo que levou à adoção e consolidação dos *multiplex* e a pressão sofrida pelo exibidor no que diz respeito à programação, que, na medida em que os empresários buscavam investimentos mais seguros, foi se tornando cada vez mais restrita. Este fato mobilizou as iniciativas de estímulo à produção cinematográfica nacional, “consubstanciado em inúmeras medidas tomadas a partir da criação do Instituto Nacional do Cinema (INC) na década de 60” (SIMÕES, 1990, p. 121), e que teve seu auge em 1972, sofrendo grande rejeição por parte dos exibidores pela reserva de parte do seu mercado para filmes nacionais.

O crescimento do cinema pornográfico no Brasil e a participação dos exibidores na produção de muitos desses filmes fazem com que os cinemas escoem esse tipo de produção. Deste modo os exibidores conseguem subverter as leis de cota da época.

Os três grandes grupos exibidores (aos quais se deve adicionar a empresa Paris Filmes) usufruem o *boom* erótico subdividindo seus circuitos em setores estanques. Assim, por exemplo, a mesma Haway (poderia ser qualquer outra) que mantém sociedade no Cine MARROCOS, por onde escoo a pornochanchada, orienta a programação do GAZETINHA para um público que rejeita tal filme e, em certa medida, o próprio cinema brasileiro. A mesma empresa, portanto, pode muito bem cumprir a reserva de mercado com uma parte de seus cinemas e, com a outra, desobedecer às normas oficiais. (SIMÕES, 1990. p. 122)

Um processo cíclico começa a se evidenciar. A sobrevivência das salas está intrinsicamente relacionada à frequência de público. Se não há público as salas fecham e o número de salas diminui. Quanto menor o número de salas, mais difícil é para o público chegar até elas, o que diminui a frequência, e menos variedade terá a programação destas salas.

### 3.4. A DIGITALIZAÇÃO

O problema de diminuição de salas foi, em parte, contornado na digitalização ocorrida nos anos 2010 pela criação – ou melhor, importação – de mecanismos de financiamento para incentivar a modernização, como o *VPF*<sup>54</sup>. Mesmo com mecanismos deste tipo, a diminuição das salas de cinema de rua é notável no período de digitalização<sup>55</sup>.

Com a implantação do cinema digital com o padrão estabelecido pelas seis *majors* norte-americanas (*Disney, Fox, Paramount, Sony Pictures Entertainment, Universal e Warner Bros. Studios*) na iniciativa DCI (*Digital Cinema Initiatives, LLC*<sup>56</sup>), era esperado uma maior diversidade na programação pelas facilidades do digital, mas as mesmas empresas que estabeleceram os padrões são as que detêm a maior fatia de mercado.

Isso fica evidente analisando a programação da rede Cinemark, que, como dito por Pagin, é pautada pelos e a partir dos *blockbusters* dos estúdios, já que é uma empresa que atende o grande público e que investe em produtos mais seguros (como a franquia *Marvel* dos estúdios *Disney*). Deste modo é possível perceber que nem a digitalização e nem o

---

<sup>54</sup> Pela economia com a logística e com a confecção de cópias foi estabelecido um mecanismo de compensação a partir de uma taxa que deve ser paga pelos distribuidores aos exibidores, quando estes se digitalizarem. A taxa é a chamada *Virtual Print Fee* ou *VPF*.

<sup>55</sup> BRASIL. Cainan Baladez. Superintendência de Análise de Mercado - SAM (Ed.). Tabela 1 – Salas de exibição por tamanho do complexo – 2015. *Informe de Acompanhamento de Mercado: Segmento de Salas de Exibição*. Rio de Janeiro: Ancine, 2015. p. 5. Disponível em: <[http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe\\_Exibicao\\_2015.pdf](http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe_Exibicao_2015.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.dcinovies.com/>. Acesso em: 02 ago. 2016

crescimento do número de salas ajudaram no aumento e diversificação da oferta de filmes para o grande público.

Nota-se que a dominação da programação das salas de cinema pelos produtos dos estúdios de Hollywood, combatida por leis protecionistas em muitos países e por processos judiciais até mesmo em território ianque – como foi o caso do processo de 1948 “*United States Vs. Paramount and Others*”<sup>57</sup> (Estados Unidos contra a Paramount e Outros) que tinha como objetivo abolir as práticas monopolistas da indústria cinematográfica em território norte-americano –, ainda está presente na programação do grande circuito cinematográfico brasileiro.

Em muito menor escala do que a delimitação da oferta de títulos causada pela escolha da cópia em versão dublada ou legendada, está a escolha do 2D e do 3D. Em um novo modelo de complexo, de quatro salas, levado para cidades de até 200.000 habitantes, a Cinemark só instala salas com tecnologia 3D, já que no Brasil ela cresce e é bem aceita (nos EUA há um processo inverso).

Nas salas do país há uma priorização do 3D – que ao mesmo tempo em que não sofre rejeição da maior parte do público, também é de grande interesse dos empresários, já que o ingresso cobrado para uma sessão em 3D é mais caro –, obrigando parte do público a assistir sessões em 3D mesmo que não queira a tecnologia. O que a Cinemark faz é enviar cópias dos dois formatos e ofertá-los nos complexos. Cinemas presentes em locais de baixa renda priorizam a oferta da versão 2D, já que o valor do ingresso é mais barato e a frequência do público não pode cair, uma vez que, além de manter o cinema funcionando, ela é primordial para a formação de público em uma região, o que garante a criação de novos e fiéis clientes.

A Cinemark instalou em Varginha o modelo de complexo com quatro salas, todas habilitadas para a exibição em 3D. São exibidos filmes tanto em 2D, quanto em 3D, variando de acordo com o filme. A escolha de se exibir um filme em 2D ou 3D é feita caso a caso.

Buscando a manutenção da frequência e a ameaça que outras formas de entretenimento representam para a exibição cinematográfica, os exibidores das grandes redes do Brasil (em especial a Cinemark, a Cinépolis e a UCI) estão diversificando sua oferta de produtos, que não são necessariamente cinematográficos<sup>58</sup>. Há iniciativas de fazer sessões especiais com filmes clássicos que apresentam um grande apelo para o público, como a Cinemark tem feito com a sessão “Clássicos da Cinemark”, com cópias restauradas e

---

<sup>57</sup>*United States v. Paramount Pictures, Inc.*, 334 U.S. 131 (1948). Disponível em: <https://supreme.justia.com/cases/federal/us/334/131/case.html>.

<sup>58</sup> Aqui não é levado em consideração o aluguel das salas para eventos privados, modelo de negócio presente não só nas grandes redes.

remasterizadas para o cinema digital por empresas estrangeiras de distribuição cinematográfica (como a *Park Circus*). A iniciativa foi implantada na programação de Varginha.

A grande preocupação – e o local em que este tipo de “novo” conteúdo melhor se encaixa na grade de programação – é a ocupação dos dias e horários ociosos na programação. Para tanto a Cinemark desenvolveu algumas iniciativas, ainda em fase experimental, com o intuito de levar ao cinema um novo tipo de público, apostando na exploração de mercados de nicho. A rede tem feito exhibições de óperas, teatro, finais de campeonatos esportivos, shows de bandas (principalmente aquelas que apelam ao público *teen*) e campeonatos de *e-sport*, que foi o caso da final do campeonato mundial de *League of Legends*, a exibição alternativa mais bem sucedida da rede.

Quanto à presença no país, a empresa está crescendo, instalando salas no interior e abrindo novas salas nos grandes centros. Segundo Pagin, o crescimento de cinemas no Brasil está intrinsecamente relacionado à expansão dos *shoppings centers* pelo país, que sofreu queda com a recessão econômica, mas é o responsável pela abertura de cinemas pelo interior do país. Em 1976, havia 3.276 salas de cinema, este número passou para 1.033 em 1995. No ano seguinte era alto o crescimento dos shoppings e o modelo *multiplex* foi importado pelos exibidores. Em 2014, segundo a ANCINE, das 112 salas abertas, apenas cinco eram fora dos *shoppings*<sup>59</sup>.

É evidente que as *majors* hollywoodianas possuem o controle da maior parte da programação do circuito exibidor nacional, o que tende a continuar e crescer, já que estamos passando por um período de recessão econômica. Outra tendência do circuito fica clara: o privilégio dos *multiplex* em relação aos cinemas de uma sala e principalmente os localizados fora dos centros comerciais, os cinemas de rua<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Fábio Guedes. Existe vida fora dos shoppings?. Revista EXIBIDOR. São Paulo, p. 48 – 50. Out 2014.

<sup>60</sup> BRASIL. Cainan Baladez. Superintendência de Análise de Mercado - SAM (Ed.). Tabela 8 – Local de funcionamento das salas de exibição – 2010 a 2015. Informe de Acompanhamento de Mercado: Segmento de Salas de Exibição. Rio de Janeiro: Ancine, 2015. p. 9. Disponível em: <[http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe\\_Exibicao\\_2015.pdf](http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2015/SalasExibicao/Informe_Exibicao_2015.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

## CONCLUSÃO

Os diversos assuntos abordados durante a entrevista com Vinicius Pagin, da Cinemark, levantam questões amplas sobre a exibição cinematográfica no país. Através de relações com o que ocorreu no passado, até mesmo em outros países, é possível reconstruir o caminho tomado pelo mercado e entender como a exibição no Brasil chegou ao que hoje podemos observar em termos de tipos de cinemas, o lugar de sua implantação, sua presença no mercado de entretenimento e a variedade de filmes ofertados pela sua programação.

A exposição feita neste trabalho sobre a história do circuito exibidor cinematográfico varginhense faz o mesmo. Por intermédio da história da cidade e seus cinemas é possível traçar um paralelo de como a instalação, manutenção, oferta de programação e frequência de público destes estabelecimentos se dá em um escopo maior. Usando de modo comparativo os acontecimentos de Varginha, respeitando as individualidades regionais, compreende-se o desenvolvimento da exibição cinematográfica no país.

O Cinema Brasil, do capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga, inaugurou e estabeleceu os precedentes para a criação de hábitos e de uma cultura cinematográfica em Varginha, muito presente na memória da população com idade superior aos cinquenta anos, mas pouco registrada pela mídia varginhense (com exceção dos anúncios publicitários pagos pelos próprios cinemas) e pela academia.

O *Correio do Sul*, principal jornal impresso da Varginha atual, lançou em 1982 a edição de uma revista comemorativa, marcando os cem anos de história e desenvolvimento da cidade <sup>61</sup>. Nos artigos presentes, há breves menções do Cine-Theatro Capitólio e do Cine Rio Branco, mas elas não fazem mais do que citar o nome e mostrar uma foto no intuito de destacar as grandes obras de Varginha.

Impressionante é o Cine Rio Branco não constar nos textos a tratar do desenvolvimento cultural da cidade – nestes estão presentes as instalações de escolas e clubes, além da oferta de cursos religiosos. Também não há menção do cinema na seção a tratar do lazer na cidade, onde imperam textos sobre futebol.

O entrevistado Afonso Paione cita a existência de um cineclube no Clube de Varginha e um Cine Paroquial (que segundo o entrevistado exibia “filmes de espada”, como o Zorro), este último a realizar sessões no Colégio Pio XII, sob o comando da paróquia da Igreja Matriz. Não foram encontrados registros documentais sobre o cineclube – nem sobre um

---

<sup>61</sup> Correio do Sul. 1882 Espírito Santo das Catanduvras: Origem. 100 anos de história e desenvolvimento. Atualidades. Varginha: GCS Editora, 1982, 90 p.



cinelube, que exibia “filmes de *cowboy*”, realizado no colégio Marista, segundo mencionado por alguns munícipes idosos –, mas em Tombo da Igreja Matriz <sup>62</sup> foi encontrado um pedido do Padre Heriberto Hartmann para que a paróquia recebesse verbas e para continuar a realizar o Cine-Paroquial.

Seria o Cine-Paroquial, o mesmo cinelube realizado no colégio dos padres maristas lembrado pelos idosos? A memória do povo varginhense fornece pistas que indicam a história, mas há poucos registros documentais para comprová-la. Assim sendo, as entrevistas conduzidas com os moradores apresentam-se imprescindíveis ao registro da história, viva no imaginário cultural da população.

Assim como no resto do mundo, os cinemas de Varginha foram afetados pela chegada das transmissões televisivas no final da década de 1950. Afonso Paione, em entrevista, recorda-se da mudança nos horários da programação do Cine Rio Branco em virtude do grande sucesso feito pela novela *O Fugitivo* (1963), transmitida pela TV TUPI na década de 1960.

É provável ter sido benéfica à arrecadação dos cinemas a má qualidade da transmissão televisiva em Varginha relatada nas edições de 1966 e 1981 do jornal *Tribuna Varginhense*. O mesmo jornal mostrou preocupação com a chegada da televisão na edição de 19 de novembro de 1961, pedindo para os leitores renovarem suas assinaturas, dizendo: “Leitor amigo, se o nosso esforço – nesta nova fase da T.V – é devidamente compreendido [...] renove sua assinatura para que possamos continuar o rumo traçado”.

As salas de exibição de Varginha também sofreram com a chegada do *home video*, que mudou a relação dos espectadores com o consumo audiovisual. Na medida em que o *home video*, inicialmente com as fitas VHS e mais tarde se desenvolvendo como *video on demand*, torna a mais fácil e cômodo o consumo de cinema.

Todas as mudanças na oferta de produtos audiovisuais geraram uma concorrência que tornavam obrigatórias as mudanças nas salas de exibição. Os cinemas foram impelidos a investir em novos atrativos, e, como abordado no capítulo três, implementaram novas tecnologias de exibição, bem como promoverem a modernização da sua infraestrutura. Vemos também um avanço na venda de produtos da *bomboniere* e o estabelecimento da programação baseada no cinema estadunidense, detentor da “fórmula de sucesso” que agrada às massas.

O novo gosto do público varginhense pelo cinema em casa, aliado às mudanças na indústria audiovisual, à degradação dos cinemas de rua, incapazes economicamente de

---

<sup>62</sup> Livro de Tombo III da Paróquia do Divino Espírito Santo de Varginha, Bispado de Campanha. Varginha, 5 de abril de 1959. P. 29.

realizar a transição para a era digital, e ao desenvolvimento da cidade que tornou possível a implantação de um *shopping center*, facilitaram a entrada e o sucesso da rede Cinemark.

Vinicius Pagin destaca a exitosa implantação do Cinemark Via Café. O programador diz ter tido o Cinemark de Varginha a melhor primeira semana – com a maior taxa de ocupação de salas e resposta rápida de público – dentre os cinemas do modelo de quatro salas da rede instalado em cidades de similar desenvolvimento. Adiciona, ainda, que a empresa planeja instalar mais duas salas no complexo, visto o grande sucesso.

Como defendido na introdução a esta monografia, o registro da história das salas de cinema do Brasil é imprescindível e serve à manutenção da memória de uma sociedade, e este trabalho se presta, em particular, a salvaguardar a memória de Varginha. Espera-se com o registro feito aqui, evidenciar como os espaços de exibição promovem mudanças na organização espacial da cidade e no desenvolvimento cultural e hábitos de sua população.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Natasha Hernandez. A Noiva da Colina ouve a voz de Ramon Novarro: o início da transição para o cinema sonoro em Piracicaba. 2014.
- BAZIN, André. “The Myth of Total Cinema,” em *What is Cinema*, Berkeley, University of California Press, 1967.
- BERNARDET, Jean-Claude. Acreditam os brasileiros nos seus mitos? O cinema brasileiro e suas origens. In: *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2008, p.19-41.
- BRITZ, Iafa; BRAGA, Rodrigo Saturnino; LUCA, Luiz Gonzaga Assis de. DIAS, Adriana; SOUZA, Leticia de (org.). *Film Business: O Negócio do Cinema*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 180 p.
- CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA. Centro de processamento de dados do Arquivo Histórico da Câmara Municipal. *Varginha: Sua gente, sua história – Monografia Histórica*. Varginha, 1992.
- COSTA, Renato Gama Rosa. *Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- ELSAESSER, Thomas. “The New Film History as Media Archaeology”. *Cinémas*, Vol. 14, n 2–3, Printemps, 2004, p. 75–117.
- FERRAZ, Talitha. *A segunda Cinelândia carioca*. 2.a edição. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.
- FERREIRA, N.S. A Formação da Cidade de Varginha (MG): expansão capitalista e transformações no espaço urbano (1881 – 1920). *Anais do congresso - V Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento - CEURCA & I Simpósio do Observatório das Migrações no Estado do Ceará*, Crato, 2015.
- FREIRE, Rafael de Luna, TORRES, R. R. A conversão para a projeção cinematográfica digital: estudo de caso de três cinemas do Rio de Janeiro. *Cambiassú*, São Luís, v. 19, n. 9, juldez. 2011.
- FREIRE, Rafael de Luna. A febre dos sincronizados: os primeiros meses da exibição de filmes sonoros no Rio e em São Paulo em 1929. In: SOUZA, G. et al (orgs.). *XIII Estudos de Cinema e Audiovisual Socine*. São Paulo: Socine, 2012a. 2v.
- \_\_\_\_\_. Versão brasileira Contribuições para uma história da dublagem cinematográfica no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. *Ciberlegenda* (UFF. Online), v. 1, p. 7-18, 2011.

\_\_\_\_\_. Cinematographo em Nitheroy: história das salas de cinema de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 2012b.

\_\_\_\_\_. Cinetom e outros tons: a adaptação do circuito exibidor brasileiro ao cinema sonoro. Filme Cultura, Rio de Janeiro, n. 20, jan. 2013.

\_\_\_\_\_. O “conforto moderno”: a refrigeração nas salas de cinema do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 5, 2011.

\_\_\_\_\_. Truste, músicos e vitrolas: a tentativa de monopólio da Western Electric na chegada do cinema sonoro ao Brasil e seus desdobramentos. Imagofagia: Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, Buenos Aires, n. 5, abr. 2012c.

FISCHER, N. A.; PINHEIRO, Marinete . Salas de Sonhos. 1ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. v. 01. 156p .

FONSECA, Sylvestre. LIBERAL, João. Álbum de Varginha. 1920. São Paulo: Pocaí & C.

GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GUNNING, Tom. The Cinema of Attractions: Early Film, its Spectator and the Avant-Garde. Wide Angle, vol. 8, n. 3 e 4, 1986.

\_\_\_\_\_. Primitive Cinema, a Frame-up? Or The Trick's on Us. Cinema Journal 28. n. 2, p. 3-12, 1989.

MADEIRA, Marcus. Prefeitura de Varginha (MG). 2015. Disponível em: <http://www.varginha.mg.gov.br/a-cidade/historia>. Acesso em: maio de 2017

SAES, Alexandre Macchione. Conflitos do Capital: Light versus CBEE na Formação do Capitalismo Brasileiro (1898 – 1927). São Paulo: EDUSC, 2010, p. 49 – 50.

SALES, José Roberto. Espírito Santo da Varginha (MG): 1763 – 1920. 1. Ed. Varginha: Editora Sul Mineira, 2003.

SALES, José Roberto. Breve história de Varginha – MG: 1763 – 1922. 1. Ed. Varginha: Editora Correio do Sul, 2007.

SIMÕES, Inimá Ferreira. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW: Secretaria Municipal de Cultura: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SOUZA, Carlos Roberto. Orquestras e vitrolas no acompanhamento do espetáculo cinematográfico silencioso brasileiro: o caso do cinema Triângulo, um saco de pancadas exemplar. Rebeca- Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 1, p. 257-285, 2014.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do Passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Senac, 2004.

VASCONCELLOS, Evandro G. *Do cinema silencioso ao sonoro: a transição na cidade de São Carlos*. 2011.

VIEIRA, João Luiz; PEREIRA, Margareth Campos. *Espaços de sonho: cinema e arquitetura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983. Mimeografado.

#### Entrevistas:

PAIONE, Afonso. Afonso Paione: entrevista 1 [abr. 2016]. Entrevistador: Otávio Lima. Varginha, 2016. 1 arquivo .wav (99 min.).

GERALDELI, Simone. Simone Geraldeli: entrevista 1 [abr. 2016]. Entrevistador: Otávio Lima. Varginha, 2016. 1 arquivo .wav (93 min.).

CHAVES, Paula. Paula Chaves: entrevista 1 [abr. 2014]. Entrevistador: Otávio Lima. Varginha, 2016. 1 arquivo .wav (40 min.).

PAGIN, Vinicius. Vinicius Pain: entrevista 1 [jul. 2016]. Entrevistador: Otávio Lima. Varginha, 2016. 1 arquivo .wav (88 min.)

#### Periódicos:

ARAUTO DO SUL. Varginha. 1924 – 1927.

O SUL-MINEIRO. Direção: Armando J. Nogueira. Varginha. 1932 – 1944.

TRIBUNA VARGINHENSE. Varginha. 1956 – 1965.

GAZETA DE VARGINHA. Varginha. 1999.

CORREIO DO SUL. Varginha. 1982.

## ANEXO I – FICHAS TÉCNICAS DOS CINEMAS

### **Cinema Brasil**

Endereço: Rua Wenceslau Bras, próximo à esquina com a Rua Presidente Antônio Carlos.

Período de funcionamento: Primeira década dos anos 1900 <sup>63</sup>.

Proprietário: Pedro da Rocha Braga

Número de lugares: indefinido

Projeção: Bitola indefinida. Projetor móvel (relato de exposições itinerantes).

Som: acompanhamento de orquestra (ver figura 3)

### **Íris Cinema**

Endereço: Theatro Municipal - Rua Presidente Antônio Carlos, na esquina com a Rua Wenceslau Bras, atual número 522.

Período de funcionamento: 1904? – 1927 <sup>64</sup>.

Proprietário: Município de Varginha. Administrado pela Empresa Navarra.

Projeção: 35 mm

Som: acompanhamento de orquestra.

Funcionamento: diário.

### **Cine-Theatro Capitólio**

Endereço: Rua Presidente Antônio Carlos, 522.

Período de funcionamento: 1927 – 1982 <sup>65</sup>

Proprietário(s): 1927 – 1935: Empresa Navarra;

1935 – 1944: Empresa Nogueira;

1944 – 1982: Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda.

Número de lugares: 936

Projeção: 35 mm

<sup>63</sup> . O período é presumido pelo autor a partir do único registro encontrado (consultar figura 2). Também presume-se que o encerramento das atividades tenha sido no começo da segunda década dos anos de 1900 (por volta de 1914), já que neste período foi inaugurada a iluminação elétrica na cidade e o Íris Cinema. Nos jornais de 1926 consultados não foram encontrados anúncios do Cinema Brasil.

<sup>64</sup> 1904 foi a data de inauguração do Theatro Municipal de Varginha, local onde funcionava o Íris Cinema. Não se sabe se já nesta data haviam exposições cinematográficas. É possível que as exposições só tenham começado em 1914, quando inaugurou-se na cidade a luz elétrica.

<sup>65</sup> Em 1982, encerraram-se as atividades de exibição cinematográfica. Rebatizado como Teatro Municipal Capitólio, o estabelecimento funciona até hoje.

Som: acompanhamento de orquestra. R.C.A. Photophone a partir de 1929

Funcionamento: diário.

Média anual: 448 sessões - 137.311 espectadores<sup>66</sup>

### **Cine Paroquial** (ver Anexo II – Figura 10)<sup>67</sup>

Endereço: Av. Rio Branco, 191.

Período de funcionamento: 1953 - 1959

Proprietário(s): Paróquia do Divino Espírito Santo.

Número de lugares: 150

Projeção: 16 mm

Funcionamento: irregular

Média anual: 9 sessões - 201 espectadores

### **Cine Rex**

Endereço: Av. Rio Branco, 131.

Período de funcionamento: 1939 - 1983<sup>68</sup>

Proprietário(s):

1939 – 1944: Empresa Nogueira;

1944 – 1983: Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda.

Número de lugares:

- 470 (dado apresentado pelo jornal *O Sul-Mineiro Ilustrado*, de 1941).

- 531 (dado apresentado pelo *Cadastro de Cinemas*, realizado em 1983<sup>69</sup>).

Projeção: 35 mm

Funcionamento: diário

Média anual: 474 sessões - 113.131 espectadores.

### **Cine Rio Branco**

Endereço: Av. Rio Branco, 250.

Período de funcionamento: 1956 - 1998

Proprietário(s): Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda.

<sup>66</sup> Dados retirados do Blog Cine Mafalda. Disponível em <http://cinemafalda.blogspot.com.br/search?q=varginha>. Acessado em 10/10/2017.

<sup>67</sup> Para fonte ver nota 68.

<sup>68</sup> Encerrou as atividades no início da década de 1980, sem precisão sobre o ano.

<sup>69</sup> Cadastro de Cinemas. Empresa Brasileira de filmes S/A – EMBRAFILME. Ministério da Educação e Cultura. P. 23. Junho de 1983.

Número de lugares:

- 1395 (dado apresentado pelo *Cadastro de Cinemas*, realizado em 1983);

- 1480 (dado de 2017, fornecido pelo proprietário atual do imóvel e revisto no Blog Cine Mafalda).

Projeção: 35 mm

Funcionamento: diário

Média anual: 489 sessões - 243.931 espectadores

### **Cine Princesa**

Endereço: Rua Professora Helena Reis, 49.

Período de funcionamento: 2002 - 2005

Proprietário(s): Empresa Requite de Cinemas LTDA

Número de lugares: 245

Projeção: 35 mm

Som: DTS Dolby Digital,

Funcionamento: diário

### **Cine Master**

Endereço:

- até 2008: Avenida Ministro Bias Fortes, 28;

- 2008 – 2017: Rua Professora Helena Reis, 49.

Período de funcionamento: 2002 - 2017

Proprietário(s): Empresa Requite de Cinemas LTDA

Número de lugares: Até 2008: 2 salas, somando 340;

2008 – 2017: 239.

Projeção: 35 mm (até 2016). Digital (2016-2017)

Som: DTS Dolby Digital,

Funcionamento: diário

### **Cinemark Via Café**

Endereço: Rua Humberto Pizzo, 999 1º andar (Shopping Via Café Garden).

Período de funcionamento: 2016 - atual

Proprietário(s): Cinemark

Número de lugares: 4 salas, somando 800



Projeção: Digital 3D

Som: DTS Dolby Digital,

Funcionamento: diário

## ANEXO II – FOTOGRAFIAS



Anexo II - Figura 1 – Família Pedro da Rocha Braga.  
Fonte: Acervo Nico Vidal.

- 1 Prudencio Fonseca
- 2 Rosa Fonseca
- 3 Sinhazinha Fonseca
- 4 Zequinha Fonseca
- 5 Presiliano Sinfrônio da Fonseca
- 6 José Augusto de Lima (adotivo)

Orquestra do Cinema Brasil

1911-1912

Anexo II - Figura 2 – Músicos da Orquestra do Cinema Brasil. Verso da fotografia da figura 3.  
Fonte: Acervo Nico Vidal.



Anexo II - Figura 3 – Casa Navarra & Irmão. Local aonde funcionava a loja dos irmãos Navarra. É possível ler “Navarra & Irmão” na fachada do lado esquerdo do prédio Foto de 2016.

Fonte: Acervo do autor.



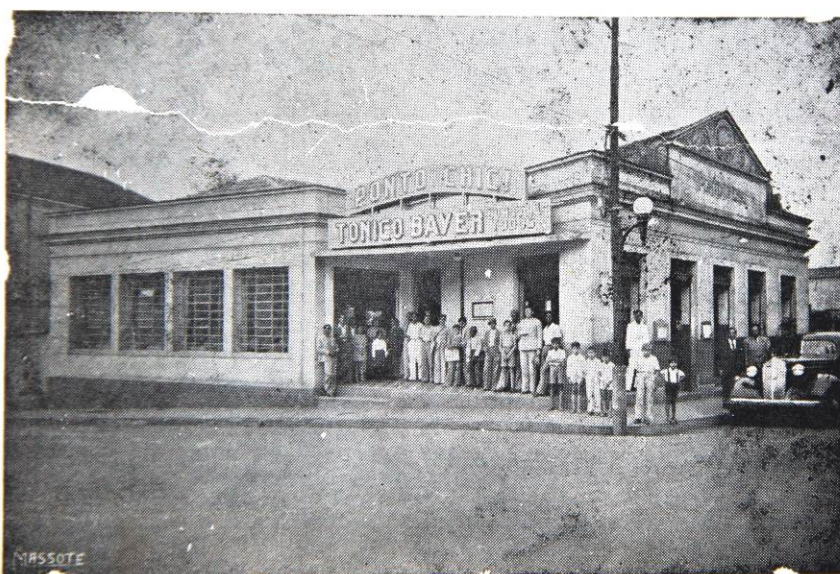
Anexo II - Figura 4 – Cine-Theatro Capitólio em 1927. É possível ver os anúncios dos filmes na calçada e a placa do Bar Capitólio do outro lado da rua. A foto foi retirada de m dos álbuns de fotografia do Museu Municipal de Varginha e nele ela é datada de 1927. No entanto, a placa em frente ao cinema anuncia o filme *The Storm*, lançado no Brasil em 1930, sob o título “A Invernada”.

Fonte: Reprodução Museu Municipal de Varginha.



Anexo II - Figura 5 – Trecho da Avenida São José com placa anunciando o filme do dia, *Cais das Sombras* (1938), no Cine-Theatro Capitólio.

Fonte: Correio do Sul, 1982.



Antigo Bar Ponto Chic na esquina da Rua Presidente Antonio Carlos com Wenceslau Braz (Casas Pernambucanas). Era de saudoso Antonio Augusto Campos. Na década de 40 era o local mais elegante e fino da região com restaurante classe «A».

Anexo II - Figura 6 – Bar Ponto Chic. Parte do grupo de estabelecimentos de lazer no entorno do Cine-Theatro Capitólio.

Fonte: Correio do Sul, 1982.




Anexo II - Figura 7 – Orquestra do Cine-Theatro Capitólio.  
Fonte: Acervo Nico Vidal.



Anexo II - Figura 8 – Teatro Capitólio em 2011.  
Fonte: Foto de Elpídio Justino de Andrade.

*A Empresa Cinematográfica Prince de Souza*

==== **Proprietária dos Cinemas** ====



RIO  
BRANCO


REX

CAPITÓLIO

**Deseja aos seus fregueses e amigos**  
Um

**Feliz Natal e Próspero Ano Novo**

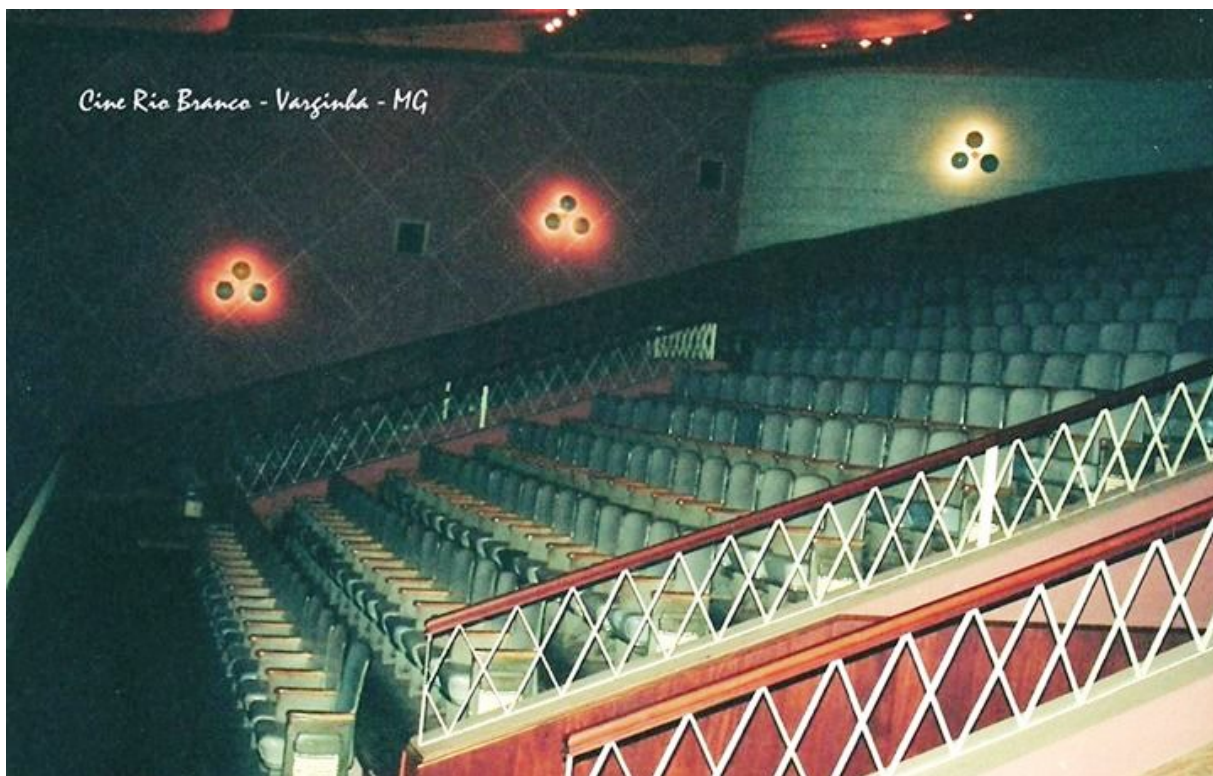
Varginha Minas Gerais



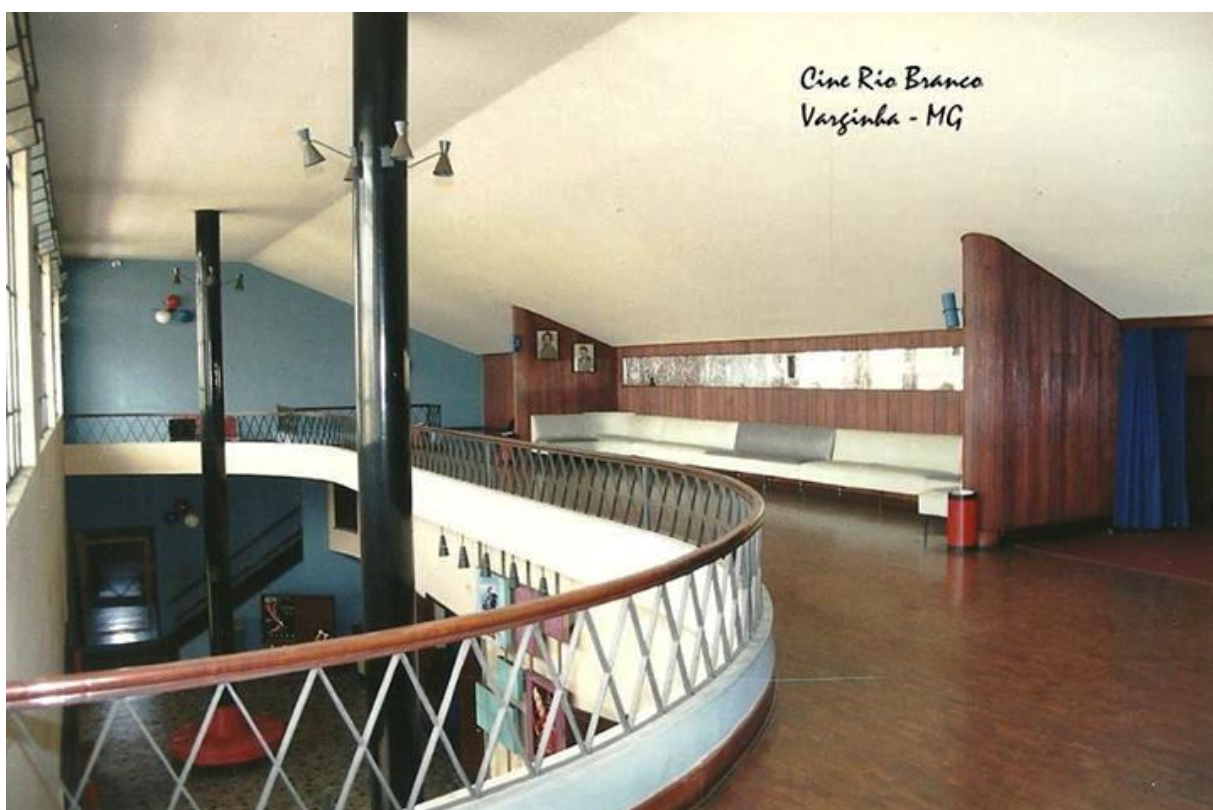
Anexo II - Figura 9 – Empresa Prince de Souza e seus cinemas na *Tribuna Varginhense*.  
Fonte: *Tribuna Varginhense*, 1964.

PROVISÃO permitindo o funcionamento de filmes cinematográficos, quando aprovados pela censura, no Cine-Paroquial de Varginha nesta Diocese, de acordo com a instrução do S.C. do Religiões, de 1 de Maio de 1953 = D.O. 20/abril/1954.  
Des. 103 Livro VI.

Anexo II - Figura 10 – Tombo da Igreja Matriz com pedido de verba para o Cine Paroquial.  
Fonte: Tombo III da Paróquia do Divino Espírito Santo de Varginha, 1959.



Anexo II - Figura 11 – Mezanino da plateia do Cine Rio Branco nos anos 1990.  
Fonte: Acervo CODEPAC.



Anexo II - Figura 12 – Mezanino da sala de espera do Cine Rio Branco nos anos 1990.  
Fonte: Acervo CODEPAC



Anexo II - Figura 13 – Hall de entrada do Cine Rio Branco.  
Fonte: Acervo CODEPAC

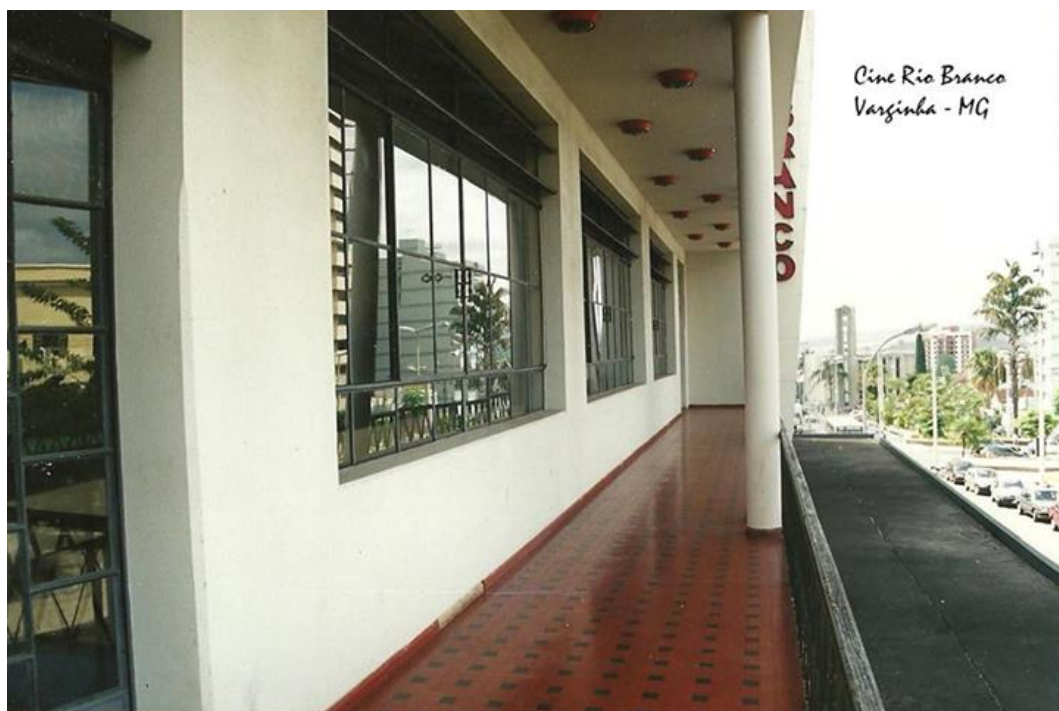


Anexo II - Figura 14 – Interior da sala de exibição do Cine Rio Branco. Os Arranjos florais na parede são compostos por lâmpadas que acendiam e apagavam de acordo com a música antes do início da sessão.  
Fonte: Acervo CODEPAC.





Anexo II - Figura 15 – Cortina da tela do Cine Rio Branco.  
Fonte: Acervo CODEPAC



Anexo II - Figura 16 – Varanda da Sala de espera do Cine Rio Branco. Nota-se a Igreja Matriz no canto esquerdo da foto, ao fundo.  
Fonte: Acervo CODEPAC

Uma bela fotografia torna sempre presente o passado da gente.

# FOTO ARTE

Fotografias Artísticas - Completo sortimento de materiais fotográficos - A melhor casa especializada no gênero, no Sul de Minas  
Rua São Paulo, 199 - Fone: 279 - VARGINHA

---

## CRÔNICA

### «Suplicio de uma Saudade»

Incluído entre os dez melhores filmes do ano, digno de ser premiado com um «Oscar». **Suplicio de uma Saudade** é um drama emocionante, envolvente, que se desenrola no cenário místico do Oriente.

**William Holden** é o astro. Sua interpretação dispensa qualquer comentário, considerando-se o seu já conhecido talento.

**Jennifer Jones**, como estrela dessa maravilhosa película, foi considerada por numerosos cronistas internacionais, a melhor atriz do ano, por sua incomparável performance.

Juntando técnica e talento, a produção de Buddy Adler, foi dirigida por Henri King, um diretor que já tem dado muitas coisas boas ao cinema.

O prefixo musical do Cine Rio Branco, «Love Is Many Splendored Thing» é o fundo musical da cena mais impressionante, mais intensa de **Suplicio de uma Saudade**.

A fotografia em CinemaScope e em technicolor exuberante é nitida, dando a impressão de perfeito realismo.

Em **Suplicio de uma Saudade**, os espectadores verão uma história empolgante, humana, que procura superar os preconceitos e que luta contra as forças do destino.

Não será de estranhar, que esta película venha a ser premiada, pois ela reúne tudo que se pode considerar de melhor na arte cinematográfica, tanto em desempenho, como em técnica.

E. D.

---

Pedimos o obséquio de  
não fumarem na sala  
de projeção depois de  
terminar o filme.

C  
I  
N  
E



# RIO BRANCO

— APRESENTA —

O CARTAZ CINEMATOGRAFICO DA SEMANA  
VARGINHA - Novembro 1956 - N.º 8

LANÇAMENTO: DOMINGO: 11  
SESSÕES: 4,30 - 6,30 - 8,30

## SUPLICIO DE UMA SAUDADE

COM  
JENNIFER JONES  
WILLIAM HOLDEN

Uma história de amor que o destino apunhalou para sua própria grandeza.

TECNICOLOR

Em CinemaScope e Som Estereofônico de 4 faixas.

Seu anúncio neste Programa é visto por um público selecionado

### PROGRAMA DA SEMANA

2.ª feira, às 8 horas  
«DUELO DE PAIXÕES»  
com  
Tyronne Power  
e  
Susan Hayward  
CinemaScope

3.ª e 4.ª feira, às 8 horas  
«MUSEU DE CERA»  
com  
Vincent Price, Frank Lovejoy e  
Phyllis Kirk  
Colorido — imp. até 18 anos.

5.ª e 6.ª feira, às 8 horas  
«COMO AGARRAR UM  
MILIOVÁRIO»  
com  
Marilyn Monroe, Betty Grable  
e Lauren Bacall.  
CinemaScope e som magnético.

Sábado às 8 h. e Domingo às 2 h.  
«CAMINHOS ÁSPEROS»  
com  
John Wayne  
e  
Geraldine Page.  
Colorido

### Móveis Universal

CONFORTO SEM IGUAL

Conjuntos de madeira, lítica para co-  
pas e cozinhas.  
Conjuntos mole nas para Salas e Quartos  
Sala-cama Luiz XV

Adquira conforto para  
seu lar!  
R. Pte. Antônio Carlos, 351  
FONE: 278  
VARGINHA

---

### O CACHIMBO DA PAZ

Em 1772 ouviu-se o grito de guerra na Califórnia. Índios e brancos tombaram em disputa pela terra. Fervia o Oeste Americano.

Finalmente o Pte. Grant pôs fim a aquela carnificina. Índios e brancos firmaram o Cachimbo da Paz.

Hoje o Cachimbo da Paz não é fumado e sim usado nos fogões a Gas «Junker».

O único fogão a Gas, que traz o Cachimbo da Paz e é vendido pela DOMESTICA LTDA., distribuidora exclusiva dos fogões Junker, Conbeça este maravilhoso fogão.

A DOMESTICA LTDA.  
Rua Delfim Moreira, 523  
Fone: 51120 — VARGINHA

---

### Eletro Enrolamentos

## RAMOS

Completa oficina técnica para en-  
rolamentos de

Motores  
Dinamos  
Alternadores  
Geradores  
Motores de Arranque

## ISMAEL RAMOS

— TÉCNICO —  
Av. São José, 62 — VARGINHA

Para as festas do fim do Ano, complete a sua elegância com o ex-  
plendor de lindas Joias.

## JOALHERIA E ÓTICA SILVA

Atendemos pelo Reembolso Postal — R. PTE. ANTÔNIO CARLOS, 422 - FONE: 270  
VARGINHA — MINAS

---

— CONSTRUA ECONOMIZANDO! —

Construa a sua Casa própria com Lages de Tijolos — **ARGI-REIS**  
É mais Barato — Oferece maior conforto  
— **ARGI-REIS** —  
45% de Economia do seu Dinheiro, por m2 de Lage construída. - FONE 222

---

### O ANÚNCIO

lhe informa  
onde comprar melhor  
e mais barato.

---

### Rainha da Primavera do Clube Infantil Pio XII

RESULTADO FINAL DAS APURAÇÕES

1 - Marcia Bregalda	33.710 votos
2 - Elizabeth Garcia Rezende	27.000 votos
3 - Regina Stoller	21.000 votos
4 - Maria Mercedes Reis Almeida	3.710 votos
5 - Maria Virginia Pereira Grossi	2.920 votos

Aguardem o inédito desfile infantil interpretando «AS DOZE HORAS NA VIDA DE UMA CRIANÇA» que cul-  
minará com a coroação de Marcia Bregalda a RAINHA eleita, no Clube de Varginha.

---

## FLÂMULAS

Para Cubes sociais e esportivos  
Para Propaganda  
Para Decorações  
Flâmulas Religiosas

Feitas em Faile ou Tafeté, em lindas e sugestivas cores.  
Faça suas encomendas pelo Telefone: 245  
VARGINHA

### The Yorkshire Ins. Co. Ltd.

CIA INGLEZA DE SEGUROS  
Fundada em 1824

SEGUROS DE:  
Fogo  
Acidente Pessoal  
Automóveis  
Transportes  
Animais

AGENTE PARA O S. DE MINAS  
**AYRTON SILVA (SEGUROS)**  
Rua Delfim Moreira, 325 - Tel. 60 - VARGINHA

Em duas ocasiões os homens gostam de se vestir com bom gosto e elegância.

Na Colação de grão e no Casamento  
Para impressionar bem nestas ocasiões faça uma visita à

## CASA GLÓRIA

LINHOS — CASEIRAS — TROPICAIS —  
CAMISAS — CALÇADOS

R. Delfim Moreira, 378 - Fone: 245  
VARGINHA

---

### Rádio Laboratório S. Benedito

Tudo para  
o seu Rádio  
e Televisão

Consertos rápidos e perfeitos  
VENDU-SE Aparelhos de Rádio e Eletrolas.  
R. Wenceslau Braz, 123  
Cx. Postal 206 — VARGINHA

Melhore suas vendas anunciando neste Programa: FONE: 245

Anexo II - Figura 17 - Programa impresso do Cine Rio Branco. Novembro de 1956.  
Fonte: Acervo Simone Geraldeli.

Celebrando a inauguração do monumental Cine Rio Branco, o nosso culto e brilhante Juiz Municipal, dr. Astolpho Tibúrcio Sobrinho compoz os belos versos abaixo transcritos:

**CINE RIO BRANCO**  
(Acróstico)

Cidade encantadora, esta Varginha  
Irradia para o alto tal fulgor,  
Natural neste povo muito franco,  
E mostra ao mundo todo que caminha  
Rasgando o espaço, cheia de esplendor  
Inflamante, e do céu quase avizinha  
O seu futuro rico e promissor.  
Bordada de jardins em cada flanco,  
Recebe nesta data, arrumadinha,  
A obra linda, engenho de primor,  
Notável pela forma e pela linha,  
Como um presente régio e de valor,  
O monumental Cine Rio Branco.

Varginha, 11/8/56.

Anexo II - Figura 18 – Publicação comemorando a inauguração do Cine Rio Branco.

Fonte: A Tribuna Varginhense, 1956.

Ana Lucia de 22 anos, a ter relações amorosas com ele. Ana Lucia, botou a boca no trombone e alertou a R.P. 616, que saiu a cata do «D. Juan» encontrando na rodoviária, conduzindo-o para o xadrez para se acalmar. Isto aconteceu no dia 16 às 21,25 horas.

**AVISO**  
Professora Lêda Avellar Procópio comunica as suas alunas e interessadas que começou as aulas de Ginástica Rítmica no salão Nobre do Varginha Tênis Clube às 2.a, 4.a e 6.a feiras nos seguintes horários:  
das 15 às 16 horas e das 16 às 17 horas e também na C.B.C. às 3.a e 5.a feiras de 8 às 9 horas.

cumprem e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.  
Prefeitura Municipal de Varginha, 19 de março de 1981.  
Dr. Eduardo Benedito Ottoni  
Prefeito Municipal  
José Julio Lemos Rodrigues  
Diretor do Departamento de Administração

**Infantil - Dente de Leite**  
No último dia 15 foi realizado o torneio início 81 pela categoria, e os garotos do Flamengo a-biscoitaram o troféu com esses resultados: Flamengo 3 x 0 São Paulo - Flamengo 1 x 0 Atlético e Flamengo 3 x 2 Apolo. Eis os campeões: Nardinho, Carlinhos, Admilson, Julinho, Arnaldo, João Carlos, Joãosinho, Juarez, Nenem, Rogério, Melete, Marquinhos, Hiltinho, Poleta e Helio.  
Amanhã, dia 22, pela manhã, no Estádio Rubro Negro, serão entregues as taças e faixas de campeões, pelas suas respectivas madrinhas, e, com as presenças de autoridades, presidente da LMVF e do Comeva. Vamos prestigiar.

**ALEGRE SUA VIDA OUVINDO RÁDIO**

**Vamos ao Cinema!**

DE HOJE A 5ª Feira **CINE RIO BRANCO** DE HOJE A 5ª Feira

FLASH GORDON, o herói máximo de gerações passadas, retorna para empolgar e fascinar adultos, jovens e crianças, numa super-produção, com as mais avançadas técnicas cinematográficas!

**«FLASH GORDON»**  
Sam J. Jones, Ornelia Muti, Melody Anderson, Max Van Sydow, Topal e Mariângela Melato

Hoje - Sábado - às 8:05 hs.  
Amanhã às 6:20 e 8:30 hs.  
De 2ª Feira a 5ª Feira às 8:05 hs.

CENSURA LIVRE  
COLORIDO  
FASCINANTE

Anexo II - Figura 19 - Anúncio do Cine Rio Branco destacando o filme *Flash Gordon*.

Fonte: A Tribuna Varginhense, 1981.



Anexo II - Figura 20 – Cine Rex (à esquerda) e Igreja Matriz (no centro).  
Fonte: Acervo do autor.



Anexo II - Figura 21 - Sala do Cine Rex no final dos anos 1990. Usada na ocasião por uma igreja.  
Fonte: Acervo CODEPAC



Anexo II - Figura 22 – Sala do Cine Rex sendo demolida em 2017. Vê-se em frente ao palco uma placa de propaganda política. Nos anos 2000, o cinema era usado como sala para comitês de campanhas políticas, além de servir para abrigar bazares e feiras de artesanato.  
Fonte: Acervo do autor.



Anexo II - Figura 23 - Local aonde funcionava o primeiro Cine Master. O local da bilheteria e praça de alimentação foi transformado em uma loja de fotografia (Canaan) e o local das salas em uma Igreja Mundial do Poder de Deus.  
Fonte: Acervo do autor.



Anexo II - Figura 24 – Segundo Cine Master.  
Fonte: Reprodução Blog do Madeira



Anexo II - Figura 25 – *Bomboniere* do segundo Cine Master.  
Fonte: Reprodução site História do Cinema Brasileiro.



Anexo II - Figura 26 - Sala do Cine Princesa e do segundo Cine Master.  
Fonte: Site História do Cinema Brasileiro

## **CINEMARK ABRE COMPLEXO EM VARGINHA (MG)**

A Cinemark inaugurou um complexo com capacidade para 800 espectadores em Varginha, no sul de Minas Gerais, a 318 km de Belo Horizonte. O novo espaço, instalado no Via Café Garden Shopping conta com quatro salas, todas com tecnologia 3D.

“Estamos muito felizes em abrir o sexto complexo da Cinemark no estado de Minas Gerais. A população de Varginha ganha agora uma opção de entretenimento com o que há de melhor em matéria de exibição”, ressalta Bettina Boklis, diretora de marketing da Rede.

Com a inauguração a Cinemark alcança a marca de 78 complexos em todo o Brasil.

Anexo II - Figura 27 – Inauguração do Cinemark em Varginha.

Fonte: Exibidor, 2016.